

O LIVRO
DOS HOMENS
SEM LUZ

J O Ã O
T O R D O



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título: *O Livro dos Homens sem Luz*

Autor: João Tordo

Capa: Rui Garrido

Editora: Maria do Rosário Pedreira

Fotografia da capa: © GettyImages

ISBN: 9789722045438

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2011, João Tordo e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leva.com

www.leva.pt

Unreal City;
Under the brown fog of a winter dawn,
A crowd flowed over London Bridge, so many,
I had not thought death had undone so many.

T. S. Eliot

I
Diários de Londres

Quando fiz trinta e cinco anos nada tinha a que pudesse chamar meu. Não possuía casa própria ou emprego fixo, amigos ou conhecidos de que me pudesse orgulhar, conforto financeiro ou qualquer perspectiva de futuro. Vivia sozinho num apartamento modesto, o terceiro andar de uma antiga habitação social em Finsbury Park, em frente de uma residência de estudantes – um edifício antigo de tijolo castanho que parecia derreter com a chuva e que albergava toda a espécie de gente. Na altura, julguei que iria apodrecer ali o resto dos meus dias, antes de descobrir o estranho destino que me estava reservado.

Duas janelas, que enfrentavam a janela central da minha sala, deixavam espreitar na escuridão os quartos de dois rapazes de hábitos pouco comuns. Um deles caminhava toda a noite de um lado para o outro, uma mão atrás das costas, a outra coçando repetidamente a testa num tique nervoso. Era um homem grande; era, aliás, um dos homens mais possantes que eu alguma vez vira, de ombros colossais e cabeça rapada. No quarto ao lado morava um estudante franzino e nervoso – deduzi que era estudante pelos livros que vinha amontoando no chão, pilhas assimétricas sem ordem aparente – que vezes sem conta ligava e desligava a luz a meio da noite, fumava, se sentava na cama com a cabeça entre as mãos.

Como sei isto? Era o meu passatempo. A paisagem inóspita de Londres dava-me cabo dos nervos, e o sono demorava a chegar. Sentado no sofá encardido, olhava estes dois estranhos e bebia umas cervejas, esperando que as horas passassem. Tudo o que aqui contarei, no entanto, é o resultado de uma dificuldade em evocar o passado – esforço-me por recordar, mas por vezes é difícil – e surpreende-me que tantos detalhes tenham ficado impressos como pedaços de vidro cravados na minha memória. Talvez isto aconteça porque foram, na altura, peças de um estranho *puzzle* que me competia montar. Quando penso no que me aconteceu, certas noites são chapas fotográficas que consigo ver passar diante dos meus olhos, como se estivesse agora nelas, uma espécie de murmúrio que vem do passado, um ataque à consciência confusa.

Tenho de escrever antes que morra. As circunstâncias sabê-las-ão depois. Uma pessoa nunca sabe quando vem a morte, e se vem de mansinho, sem avisar, então é preciso tomar cuidado. A minha primeira impressão de morte surgiu quando compreendi que a minha vida deixara de me pertencer, ou, atrevo-me a dizer, nunca me pertencera. Este sentimento nasceu uma noite em que, ao regressar a casa vindo do escritório, encontrei o meu apartamento no Sul de Londres em chamas. A minha mulher e a minha filha dormiam a essa hora, talvez não tivessem dado por nada.

Eu era um mero empregado de uma firma de importação e exportação marítima e, durante os

cinco anos que ali trabalhara, nunca havia comparecido aos jantares da empresa e nunca convivera com os meus colegas. Nessa noite, no entanto, alguém me sussurrara ao ouvido: «Não vás para casa tão cedo.» Tomado, assim, de uma iniciativa que não era a minha, convidei uns quantos colegas para umas cervejas num bar em Westbourne Park. Era a primeira vez que entrava num *pub* desde os tempos de faculdade, e encontrei no ambiente uma espécie de conforto sorrateiro, de anestesia local, que me fez indagar se a vida que eu vivia seria realmente a que me estava destinada. Nessa noite, ao regressar a casa, as chamas varriam o negrume celestial como uma labareda do inferno. Tudo se fora para mim, que era sobretudo ou unicamente um homem de família, imbuído de um amor sobrenatural pelas criaturas que habitavam o meu coração.

A verdade é que eu era um empregado-fantasma numa firma que suspeitava ser também uma engenhosa criação de inutilidade. Do primeiro ao último dia no trabalho, partilhei um pequeno gabinete de duas mesas e um separador em vidro com um colega cuja missão desconhecia por completo. Era um homem novo, ruivo, ensimesmado, que usava uma aliança na mão direita e camisas sobretudo azuis. Eu desconfiava de que ele era possuidor de um temperamento irascível, porque de tempos a tempos o ouvia murmurar palavras agressivas ao telefone, fazendo o possível por disfarçar a voz, mas incapaz de esconder uma ira contida. A sua presença não me incomodava nem me dava alegria, mas considero ter sido a vacuidade dos meus dias na firma a despertar-me a atenção para estes pormenores que são, no mínimo, indiscretos.

As minhas obrigações profissionais eram simples. Havia sido contratado para supervisionar os acidentes marítimos na costa de Inglaterra que provocassem danos na carga das importações e exportações da empresa. Durante os primeiros meses em que a minha secretária se encontrou imaculada, nem um papel fora do sítio, as canetas dispostas como varinhas de condão no copo, o computador permanentemente ligado, emitindo o brilho azul, considerei-me um empregado honesto e, sobretudo, paciente. Havia-me sido dito que existiam períodos de poucos ou nenhuns acidentes, que se deviam aos avanços tecnológicos das frotas marítimas. Quanto menos trabalho tivesse, melhor seria para a firma.

Senti-me orgulhoso, durante uns tempos, em nada ter de fazer excepto invocar uma e outra vez a benesse que eu era para aquele local, o homem que, tendo sido contratado para trabalhar, toda a gente desejava que nenhum trabalho lhe viesse parar à secretária. Para me manter ocupado durante o expediente, telefonei para as outras companhias marítimas na cidade e apresentei-me, sou fulano tal e tal, faço isto e aquilo, mas fui sempre recebido com uma estranha dose de impaciência ou indiferença pelos meus colegas de profissão. Tentei também contactar as transportadoras para assegurar que os meus serviços se encontravam à disposição, mas os telefones ou se encontravam constantemente impedidos ou quem atendia do outro lado era um estrangeiro cuja língua eu desconhecia. O orgulho transformou-se lentamente em resignação, a resignação em aborrecimento, e o brilho azul ofuscante do computador num mar de perguntas e respostas que eu fazia e a mim próprio respondia o dia inteiro, quantas

estrelas tem o céu, quantos barcos navegam neste momento no oceano, quantos meses e minutos tem a minha filha.

Passou-se um ano, passaram-se dois, três e quatro. Nunca ninguém entrou no pequeno gabinete que eu partilhava com o homem ruivo para anunciar: *houve um acidente*. Nunca foi depositada na minha secretária a papelada angustiante de um naufrágio, os números e contas que são como o gelo à superfície de uma sopa de dramas e morte em alto mar. Em todo o meu tempo na firma, não trabalhei um dia que fosse. A minha vida era suspensa diariamente, do momento em que saía de casa até ao momento em que regressava, e para além disto nada mais existia, excepto a chuva e o calor envergonhado de alguns dias de Verão. O que eu não sabia então era que o meu trabalho, apesar de em nada consistir, se tornara o meu ponto de refúgio. Foi curioso que, para terminar uma saga silenciosa de cinco anos à espera de um acidente no mar, ocorresse um acidente em terra do qual eu não tinha o conhecimento nem a experiência para dar conta, sobre o qual eu não sabia preencher a papelada. Haveria outro homem algures em Londres que, à luz moribunda daquela manhã de Outono, trataria do assunto, um homem que, ao contrário de mim, estaria preparado para o meu acidente, apetrechado para lidar com o meu destino.

Passei a noite acordado, sentado num banco da paragem do autocarro, apesar de a Polícia insistir em que me colocariam num hotel. Eu recusei, um homem não pode nem deve procurar o conforto numa altura como essa. Na manhã seguinte, para meu enorme espanto, apresentei-me ao trabalho. Tenho uma recordação dessas horas ainda mais fraca do que do resto. Não recordo o que me disse o meu companheiro ruivo, mas pressenti que ele sabia, como toda a gente o saberia por essa altura. O homem dos acidentes marítimos teve um acidente em terra, coitado. Ele deve ter dito umas palavras de consolo, pois durante uma hora olhei para o azul do computador que se desmanchou e alastrou até perder de vista. Eram lágrimas que caíam sobre a minha camisa amarrotada, mas lágrimas que eu desconhecia, que não havia invocado. Abriu-se uma torneira e assim foi toda a manhã. Quando o reservatório ficou vazio, a minha decisão estava tomada – esse seria o meu último dia de trabalho.

Arrumei as minhas coisas dentro da mala que carregara todos os dias. Desliguei o computador puxando a ficha da corrente e o azul implodiu. Tirei a gravata, que meti dentro da mala, e fechei-a, como se fechasse também nela um tempo que já não me pertencia. Foi então que, pela primeira vez, o homem ruivo se dirigiu a mim. Ergui o olhar, que era ainda uma dispersão turva, e vi-o caminhar na minha direcção, parecendo subitamente maior do que alguma vez julgara. Estendeu-me a mão, eu apertei-a, um pulso forte e vigoroso. Era um gesto de despedida. Depois ele disse:

«Aconselho-o a telefonar a um amigo meu.»

Entregou-me um papel com um número e foi assim o meu último momento naquele lugar.

Porque tudo deixou de ter importância, aluguei o primeiro apartamento que me mostraram. O senhorio escancarou a porta de um antro de pó e pulgas com duas divisões, despido de

qualquer conforto. No quarto de dormir, uma cama de solteiro com um cobertor laranja ficava encostada ao aquecedor, um daqueles modelos antigos de ferro ondulado, ao lado um pequeno móvel raso onde repousava um espelho de mão circular; quanto à sala, nada mais do que um sofá comprido – que em tempos poderia ter sido de bom gosto – coberto com uma manta para esconder os buracos de cigarros e o estofó à superfície, uma mesa de jantar e uma escrivaninha com uma perna mais curta do que as outras três. Atraíram-me, contudo, as janelas da sala que mostravam o edifício dos estudantes e as dezenas de janelas iluminadas, os tijolos, a rua coberta de lixo, embalagens de plástico, beatas de cigarros, o cuspo dos transeuntes.

Fiquei. Trouxe as poucas coisas que ainda tinha – uma muda de roupa que estivera guardada no escritório, a mala, três bilhetes de autocarro usados, uma fotografia dos mortos que costumava repousar na mesa do trabalho e que coloquei sobre a escrivaninha – e sentei-me no sofá. Durante uns dias, observei o que se passava em meu redor. As fendas no soalho, os estalidos da madeira, o zunir constante do aquecimento, o ranger das molas do encosto. Senti a implacável solidão enclausurar-me, tomar-me por presa fácil, e deixei-me ir. Foi uma bela viagem pelo interior de mim mesmo que eu desconhecia. Nunca tinha atravessado um deserto tão imenso, nunca havia compreendido que o passado não tem realmente existência, que estar ali sentado era igual a estar enterrado vivo. Se me perguntassem então quem era, não saberia o que dizer. Apontaria para a fotografia dos mortos e encolheria os ombros, pois nada mais era real senão aquela inútil evidência. Por isso a guardei, como documento daquilo que fui, pois nada tem valor se não for documentado. A memória é a forma mais precária de documentação porque morre quando aquele que relembra morre; é como se a vida fosse o documento de si própria – uma vida que, a cada momento, se esquece de si.

Foi nestes primeiros dias que me familiarizei com as rotinas do estudante franzino e do homem colossal. Pareceu-me tão evidente que eles estivessem ali, duas figuras recortadas na noite, padecendo de uma doença desigual. O prédio onde então vivia era silencioso, vagos passos no vão de escada faziam parte da rotina matinal, mas não mais do que isso. Era como se tivesse sido transportado para um mundo de silêncio, para o espectáculo de um filme mudo que se repetia noite após noite. Os gestos de um eram meticulosos, como um cronómetro, os passos firmes e resolutos. O outro era uma espécie de destroço, um rapaz novo mas com o peso do mundo em cima dos ombros, que inesperadamente surgia como um clarão na madrugada quando a luz se acendia para o revelar ainda acordado. Naquelas duas janelas, lado a lado, eu tinha perante mim as duas faces de uma moeda, duas forças opostas.

Os acontecimentos que quero relatar tiveram então início. Na altura, eu era uma espécie de larva dentro de um casulo, e não poderia adivinhar o que iria suceder, nem que estaria de certa maneira ligado àqueles dois rapazes de quem me tornara um companheiro invisível e silencioso, um admirador secreto. Suponho que estas coisas só acontecem no momento em que uma visão – ou um sentido para as coisas – é interrompido por um acontecimento inesperado, daqueles com que não contamos e que nos deixam estupefactos.

Foi muito antes de o homem colossal dar pela minha presença. Tinha comprado nesse dia,

numa loja com cheiro a incenso, uma garrafa de vinho tinto recomendada por um homem de turbante que se sentava atrás do balcão com um gato. Abrira a garrafa e sentara-me já preparado para o líquido adocicado me tingir os lábios de vermelho e me induzir ao sono, o cobertor de malha laranja sobre os joelhos. Havia passado talvez dois meses desde que me mudara para o apartamento, que deixara propositadamente, ou talvez por preguiça, exactamente como encontrara. Era uma noite fria mas imaculada e limpa, não chovera, o ar estava seco, uma ligeira brisa corria entre as árvores.

O silvo do aquecimento penetrava-me um sonho acordado quando a luz se acendeu no quarto da esquerda, e foi então que vi o movimento de dois corpos, o estudante franzino e uma rapariga, a quem não conseguia ver as feições, deitada na cama. Fora o estudante que acendera a luz, e sentava-se agora na posição habitual à beira da cama, os cotovelos pousados nos joelhos, os dedos cruzados, a cabeça baixa. Dei por mim a segurar o copo de vinho sem o levar à boca, sem o chegar aos lábios, como se uma espécie de intensidade se tivesse apoderado do meu corpo, uma intensidade paralisante que me forçava a fixar, não o pobre rapaz que lutava com a noite, mas a rapariga que naquele momento se voltava, rodando sobre si própria, destapando os ombros e mostrando uma pele dourada como eu nunca antes vira, levando uma mão às costas nuas do estudante. Acariciava-o, o cabelo espesso entre os dedos dela, o queixo longo e perfeito repousando no ombro dele, a outra mão que lhe rodeava as costas e lhe contava as vértebras uma a uma. Depois puxou-o para si, obrigou-o a deitar-se, o cabelo negro e solto envolveu-lhe a face como um manto e o corpo dourado iniciou o movimento.

Não sei dizer o que tomou conta de mim. Se tenho algum cuidado em escrever estas linhas, antes que morra, deve-se sobretudo a um receio de que me entendam mal: a saliva no interior da minha boca não se acumulava à sua visão, as minhas pernas não tremiam de desejo. Não era desejo, mas uma espécie de ciúme sem desejo, um ciúme descarnado que me fez engolir o copo de vinho de uma só vez, e depois outro; um certo rubor nas faces. Estendendo a mão para o candeeiro, apaguei a luz e, sem conseguir fechar os olhos ou cerrar as cortinas, implorei que aquilo terminasse o mais depressa possível. Compreendera então, julgo, a natureza da minha situação. A solidão de um é amenizada pela solidão de outro, e deste modo, mesmo na miséria, existe uma espécie de partilha, de comunhão, a que não se pode dar o nome de alegria mas algo como um encolher de ombros. O estudante franzino fora durante os meus primeiros meses de isolamento esse encolher de ombros, a minha resignação perante a brutalidade daquilo que me acontecera. Que ele tivesse alguém e eu não perturbava-me, colocava um entrave à nossa amizade, um ponto final no nosso monólogo. De uma certa maneira que não sei explicar senão com palavras incoerentes, até então tinha sido como se eu tivesse dado um passo ao lado que me tivesse feito sair do mundo, um pequeno passo discreto e silencioso de retirada. Após essa noite, o mundo notou a minha falta e deu ele também um passo ao lado, mas um passo do mundo é muito maior do que um passo dos nossos, e num certo sentido eu fiquei atrás das coisas, deslocado.

Enquanto a rapariga da pele dourada se moveu num prazer adivinhado sobre o estudante franzino, tudo o que pude fazer foi engolir em seco, travando a imaginação que trepou sobre mim como uma febre. Podia então ver claramente o rosto dela através da noite limpa, um rosto cheio de prazer, a boca arredondada num som inaudível, os olhos cerrados, os ombros luzidios. Que eles não me pudessem ver na escuridão da sala era um conforto menor, que em quase nada ajudava a languidez que se apoderara dos meus membros, a irritação impotente que me pregava ao sofá. Assim teriam ficado nos braços um do outro, julgo, se não fosse pela intervenção do homem colossal.

Quando a luz no quarto da direita se acendeu, todo o movimento ficou suspenso. O estudante e a rapariga permaneceram imóveis durante um minuto, como duas pessoas a quem tivesse sido pregado um susto, talvez escutando o que faria o outro, que curiosamente só eu via, apenas eu o poderia saber. Depois aconchegaram-se à parede e ficaram à escuta, enquanto o homem colossal caminhava para um e outro lado. Não sei quanto tempo passou até o estudante se erguer e apagar a luz, deixando o quarto na escuridão, mas dentro de mim eu sabia que ele, assim como eu, não iria dormir. Numa outra noite anterior a essa eu teria ficado ali, bebido o resto do vinho, adormecido ébrio ao movimento pendular do homem no quarto iluminado, mas nessa noite, como já disse, alguma coisa havia regressado para me atormentar, na forma daquela rapariga desconhecida, e permaneci desperto.

Havia um silêncio de sepulcro. A fotografia dos mortos parecia querer falar. Precisei de escutar uma voz. Levantei-me, vasculhei os bolsos da gabardina pendurada ao lado da porta, a gabardina *beige* de bolsos largos que usava nos dias de chuva, e encontrei num deles o bilhete que o meu colega ruivo me entregara. Peguei no telefone e marquei o número.

Não comecei a trabalhar para Roy porque precisasse de dinheiro. A companhia de seguros que avaliara o incêndio tomara conta desse detalhe, assegurando que durante algum tempo eu não tivesse preocupações financeiras. Destruição de propriedade com perda de terceiros, talvez fosse essa a cláusula no contrato – e o dinheiro não era muito nem pouco, apenas o suficiente. Foi assim curioso e inesperado que aceitasse trabalhar para um homem que nunca conhecera. Agora, enquanto escrevo antes que morra, é como se escrevesse sobre a vida de outro, sobre o tempo de alguém que não me foi dado conhecer inteiramente, alguém que sem o saber possuía ainda uma liberdade que não é comum a todos os homens.

Nunca soube exactamente com quem falei nas breves conversas telefónicas à noite. Era sempre à noite que eu recebia o telefonema, e a voz masculina do outro lado deixava-me saber que o homem a quem prestava serviços era conhecido por Roy. Se alguma vez encontrei Roy, esse encontro não é susceptível de ser aqui descrito, nem eu o poderia fazer porque não saberia, mesmo que ele estivesse neste momento perante mim. Roy é muitas pessoas ao mesmo tempo e encontra-se em muitos lugares; aceitar essa premissa é uma condição do contrato que assinei no momento em que marquei o número.

O primeiro telefonema foi apenas uma confirmação de que eu me encontrava preparado

para fazer o que teria de ser feito. Na verdade, eu precisava de algo que me distraísse de mim mesmo, que afastasse do meu coração o centro nervoso da minha vida e o colocasse noutro lado qualquer onde fosse mais fácil suportar o isolamento. Porque, após a noite em que vi a rapariga no quarto do estudante franzino, tudo outra vez se transformou em cinzas. Saí à rua na manhã seguinte, coisa que já não fazia há vários dias, e foi como se tivesse dado um passeio pelo inferno. O lixo amontoado às portas, a decrepita e invernosa aparência das árvores despidas, o cheiro usado do metropolitano, as faces anónimas, desconhecidas, menos do que humanas, dos que atravessam a vida como um destino desconhecido. Lembro-me de parar em frente de um quiosque de jornais e de olhar para o céu de um cinzento tão denso que a luz parecia ter sido afogada, de comprar o jornal, de o deitar fora por nada do que lá estava escrito fazer qualquer sentido, de regressar a casa e esperar.

Aguardei em agonia que o telefone voltasse a tocar. Foi esse o único tempo no apartamento em que mantive as cortinas sempre cerradas, e bebi até a embriaguez tomar conta de mim, lançando-me no sono. Havia formas a passarem diante dos meus olhos, as formas maleáveis e mutáveis de uma rapariga que eu sabia estar ali, ao alcance de um afastar do tecido pálido que me dividia do mundo. Sonhei que ela se encontrava comigo, e que podia com um gesto afastar-lhe do corpo o mal que aquele edifício de tijolos barrentos emanava, o cabelo negro sobre mim, o aroma divino de alguém, de uma companhia. Na noite seguinte, o telefone tocou.

No dia em que completei trinta e cinco anos executei o primeiro trabalho para Roy. É de pouca importância descrever a conversa telefónica: a anunciação de presença, a mesma voz indistinta, as ordens meticulosas, exactas, como um alento no meu espírito. Mais tarde, dei-me conta de que fora o meu primeiro dia de trabalho em cinco anos. Mas este era um trabalho de uma natureza peculiar, quase desnecessária, e, ao mesmo tempo, infinitamente mais complexo. É difícil explicar como o primeiro conduziu ao segundo, o segundo ao terceiro, e assim por diante até ao último, e como agora todos eles formam dentro de mim uma cadeia lógica, como uns oferecem aos outros sentido.

O primeiro homem era novo, alto, senhor de uma passada larga e firme. Foi sem dúvida o mais difícil de seguir, porque não parecia ter uma rotina, ao contrário dos que vieram depois. O único traço do que se poderia chamar um hábito seria a frequência com que se detinha à porta de um bar, entrando, bebendo uma cerveja e saindo, prosseguindo o seu caminho. Como me mantive à distância, talvez mesmo demasiado à distância porque não compreendia ainda a invisibilidade que adquirira, nunca cheguei a olhá-lo nos olhos, que adivinhei perspicazes e astutos. Talvez de um astuto azul-cobalto.

O primeiro dia foi de cálculo, de medição de distâncias, de adaptação à passada de outro. Poderei mesmo dizer que foi o dia em que aprendi as exigências físicas da minha nova profissão. Eu, que desejara durante meses de solidão o esquecimento, o despegar-me de mim mesmo, descobria então que esse exílio pede também o esquecimento físico, a separação da carne e dos ossos para que seja como flutuar numa dimensão sem gravidade. De bloco de notas no bolso, segui o homem durante um dia, tentando fazer sentido da sua energia, da sua

motivação. Recordo-me de que saiu de casa cedo, ainda a noite se descolava lentamente do novo céu, e a primeira coisa que fez foi entrar num posto dos correios, de onde saiu com um pacote castanho na forma de um cubo. Entrei também no posto dos correios, respirei o ambiente, olhei para a senhora indiana atrás do balcão, gorda, o sari desbotado, fingi folhear os postais e saí a tempo de o ver dobrar a esquina. Amanhecia em Londres e o vento levantava as árvores da terra. Apertei a gabardina *beige*, pus-me a caminho. Nesse dia visitámos três *pubs* no centro de Londres, uma loja de utensílios domésticos – onde o homem comprou um colchão e duas almofadas – e dois escritórios de assuntos de imigração, onde se demorou mais do que em qualquer um dos *pubs*. Achei curioso aquele homem ter assuntos a tratar num escritório, ele que não parecia um homem de negócios, nem se vestia como um. Usava roupa informal, calças largas, ténis, e o cabelo grisalho, como prata, não traía a sua juventude. Mantive-me sempre um passo atrás, forçando o meu corpo a imitá-lo, tentando, como já disse, sair de mim mesmo, interpretar como um actor aquilo que via. Na recepção do primeiro dos escritórios, onde entrei pouco tempo depois do homem, uma senhora de meia-idade com óculos de aros dourados perguntou-me qualquer coisa numa língua que não compreendi, por isso decidi esperar cá fora. No segundo, existia um pequeno átrio à entrada do edifício onde me sentei, aguardando, desejando evitar diálogos inconvenientes em línguas estrangeiras. Passaram-se horas, o dia tornou-se branco e depois acinzentado. Desejei ter levado comigo um jornal, ou um livro, mas livros deixara de os ter, e o jornal não duraria todo aquele tempo. Devo ter dormitado, porque recordo-me de que a luz já morria quando o homem saiu. Percorremos então o caminho de regresso a casa. Entrámos num autocarro e depois no metropolitano para o Leste da cidade. Ele morava num edifício de apartamentos em Mile End. Algumas das janelas encontravam-se partidas, a porta de metal escancarada. O edifício era ladeado por arbustos que uma mulher nova, rodeada de crianças, regava com uma mangueira. Anoitece cedo em Londres nos dias de Outono, por isso não me demorei muito por ali, e caminhei de regresso ao metropolitano, onde as criaturas se cruzam amarradas em casacos, os queixos afundados em cachecóis, os corpos dormentes, o sabor do álcool na ponta da língua.

Nessa noite, uma vaga de bem-estar desceu ao meu corpo. Senti-me cansado e útil, como alguém que encontrou uma rotina. Ainda a medo, afastei lentamente as cortinas da janela, espreitando com relutância a rua, percorrendo o asfalto com o olhar, subindo depois o prédio em frente até às janelas. Senti a respiração soltar-se – as luzes encontravam-se apagadas, num e noutro quarto. A noite era minha. Sentei-me, aliviado, essa noite seria como todas as outras anteriores à aparição da rapariga que eu desejava esquecer, era uma noite como outra qualquer após um dia de trabalho. A minha mulher e a minha filha olhavam-me, sorrindo, quando me aconcheguei no cobertor laranja, e num bloco de notas acabado de comprar – tinha-o adquirido antes de chegar a casa –, comecei a escrever o primeiro diário.

Os diários foram a parte mais difícil do meu trabalho para Roy; só o compreendi quando tentei registar no papel aquilo que me era pedido. Fora instruído em como preencher a folha

em branco: um cabeçalho, um mínimo de vírgulas, parágrafos curtos, descrições precisas, nenhuma referência ao sujeito como observado ou ao escritor como observador e, sobretudo, nada que denunciasse a minha presença. O que eu estaria a construir, à medida da passagem dos dias, seria um diário de cada um dos homens – seriam sempre homens, disseram-me – à revelia das suas vontades, mas como se esse diário fosse escrito por eles ao mesmo tempo que agiam, como se ele sempre tivesse existido, um eterno presente. Não poderia utilizar verbos no passado ou no futuro.

Foi assim, durante o exercício muitas vezes penoso de os escrever, que ganhei a consciência de que o meu isolamento me desligara a tal ponto da realidade que deixara de conseguir produzir empatia; de que os cinco anos que passara a olhar para um ecrã permanentemente azul, vagueando por outros lados, por dentro, me tinham retirado do mundo, me tinham abstraído das coisas elementares e comuns. O primeiro diário que enviei para a caixa postal – uma caixa postal anónima na estação de correios de Holloway Road – foi-me devolvido no dia seguinte no mesmo envelope, com uma nota em papel amarelo dactilografada. A nota fazia a simples referência a uma falha no relatório, mas, pelo tom seco, rude e directo, pude perceber que a minha primeira tentativa havia sido mal recebida por Roy. Dizia respeito ao pacote que o primeiro homem recolhera na estação dos correios, e que eu esquecera. Nenhuma outra referência. O que fizera o primeiro homem com ele? Deixara-o num dos bares, entregara-o a alguém, talvez num dos escritórios? Eu não o sabia porque perdera o rasto desse pormenor, ignorara esse detalhe.

Quando recebi o manuscrito devolvido senti-me fraco e imbecil, como um aluno que chumba num exame para o qual julgara estar preparado. Duvidei durante algumas horas da minha aptidão para executar o trabalho que aceitara e puni-me com palavras amargas diante do espelho da casa de banho. Julgo que nessa altura foi bom ter perto de mim a minha mulher e a minha filha. A fotografia dos mortos olhou-me com uma reprovação amistosa, eu senti-me envergonhado, mas depois uma espécie de persistência sobrepôs-se, e saí do apartamento pela manhã determinado a fazer o que tinha de ser feito.

No resto do tempo em que segui o primeiro homem, trabalhei com método e minúcia, não deixando que nenhum pormenor me escapasse, combatendo o desleixo com palavras silenciosas de censura. Ao regressar a casa em cada fim de tarde, a noite anunciada na escuridão potente do céu, ainda o cheiro do metropolitano nas minhas roupas, sentei-me para completar o trabalho com a sensação de que tinha cumprido o meu dever. Existiam naufrágios na costa, existiam acidentes em alto mar, e eu dera conta de todos eles.

No terceiro dia o homem encontrou-se em Whitechapel com um tipo mais novo e partilhámos a mesma carruagem até ao aeroporto. A carruagem estava cheia, e fui o caminho todo de pé, apertado entre casacos de várias cores, o jornal dobrado numa mão, fingindo ler as notícias mas vendo as letras evadirem-se perante os meus olhos, rearranjando-se em diferentes sentidos, oferecendo-me pistas crípticas que diziam respeito ao meu trabalho. O mundo reorganizava-se segundo a minha vontade, e a minha vontade era a vontade de Roy. Os

dois homens iam sentados, conversavam, e quando chegámos ao aeroporto caminhámos até ao terminal das chegadas internacionais. Ao observar os passageiros que arrastavam as malas através das portas giratórias, em esforço, cansados, apercebi-me de que não viajava há muito tempo. Havia anos que não deixava Londres pela paisagem menos agreste das terras do Sul, onde costumava passear com a minha mãe em pequeno.

No terminal misturei-me com os que aguardavam, a poucos metros do primeiro homem. Passou algum tempo até que dois rapazes indianos se destacaram de uma multidão que sorria sem esconder o cansaço. Os rapazes aproximaram-se do primeiro homem e do amigo, foram cumprimentados formalmente, e no metropolitano fizemos a viagem de regresso. Dessa vez fui sentado, mas mantive-me à distância, para não levantar suspeitas. Na realidade, eu não fazia a mínima ideia se o meu rosto sempre presente teria feito o primeiro homem indagar sobre a possibilidade de estar a ser seguido, e isso preocupou-me na altura. Mais tarde, quando ganhei alguma experiência, tal pensamento não mais me ocorreu. Não só assimilei a tal qualidade invisível, como compreendi também a verdadeira natureza da minha profissão: não se tratava apenas de os seguir, mas estar ali como um enorme bloco de apontamentos, como um diário ambulante que não procura, não interfere, apenas regista.

A vida do primeiro homem era isto: longas demoras em gabinetes de imigração, visitas regulares aos correios, viagens frequentes ao aeroporto de onde regressava com estrangeiros, paragens esporádicas em *pubs*. Nada disto parecia fazer sentido, até porque dias houve em que não fez nenhuma destas coisas e passou a tarde inteira sentado ao balcão de um bar fumando cigarros e falando consigo próprio. Noutros, simplesmente não saiu de casa. Aprendi, nesse tempo, a não fazer perguntas nem a procurar respostas. No final da primeira semana, adquiri algum ritmo de escrita e os diários ganharam fluidez, tornaram-se mais verdadeiros, e a recompensa, eventualmente, chegou. Recebi o primeiro pagamento num sábado, um envelope com dinheiro depositado por alguém na minha caixa do correio. Esse envelope permaneceu durante todo o meu tempo no apartamento junto à fotografia dos mortos. Não o cheguei a abrir, senti apenas o volume das notas numa transparência azul-esverdeada através do branco sujo. Os que se seguiram, fui guardando num saco que coloquei debaixo do sofá.

Foi, suponho, uma altura boa na nova vida que eu ia construindo. As coisas mantinham-se estáveis no edifício em frente, e a rapariga da pele dourada não tornara a aparecer. Eu sentava-me com o bloco de notas sobre o cobertor laranja, que era agora uma espécie de companhia, uma vez que o frio do Inverno já não se fazia sentir dentro de casa, e crescera dentro de mim uma espécie de instinto protector para com o estudante franzino. Era muito só, tal como eu, e mesmo que estivesse acompanhado julgo que continuaria a ser muito só. Enternecia-me a maneira como se sentava à beira da cama a ler à noite, e entristecia-me vê-lo sofrer por o sono não vir. Junto da cama tinha um candeeiro coberto com um globo de papel, como nas lojas chinesas, que oferecia sombras titubeantes ao quarto. Era muito novo, mas suspeito que dentro de si albergava uma criatura já velha e gasta, que o consumia, que pouco a

pouco lhe ia unindo os ossos à pele. Numa dessas noites dei comigo a pensar: se tivesse tido um filho poderia ser ele, possuíamos afinal algumas parecenças físicas. E, se fosse o meu filho, tirá-lo-ia dali, daquele quarto que se adivinhava frio e imundo, com paredes de papel, uma claustrofobia de ruídos e gente que entrava e saía do prédio a toda a hora. Sobretudo, salvá-lo-ia da proximidade do homem colossal, o gigante que não repousava e que nada fazia da noite estúpida e inútil senão caminhar os mesmos passos estúpidos e inúteis vezes sem conta.

Se então soubesse o que iria acontecer, provavelmente tê-lo-ia feito. Teria saído, descido as escadas e atravessado a rua, subindo ao quarto do estudante franzino e avisando-o sobre o que o esperava, trazendo-o depois comigo para o meu sofá, para que, comigo, pudesse ver aquilo que eu via. Mas na altura eu não sabia ainda se podia voltar a falar como falam os vivos.

Não é importante descrever em pormenor as vidas dos homens que se seguiram. O que sucedeu depois nada tem a ver com eles. Uns exigiram maior atenção e outros menos, uns cumpriam rotinas escrupulosas e outros mudavam de ideia a cada momento. Agora, enquanto escrevo antes que morra, preocupo-me sobretudo com as questões essenciais, e essas rodeio-as de detalhe e atenção. Que eu tenha seguido um homem de negócios, um rapaz que trabalhava num café ou um velho que vendia enciclopédias porta a porta e coxeava da perna esquerda, não é relevante para o precipitar dos acontecimentos. Essa precipitação surgiu quando eu menos esperava. De repente, estava ali: como uma palavra que se pronuncia cedo de mais, ou um gesto que chega uma fracção antes do momento certo.

Era um dia como os outros. Na noite anterior tinha recebido o habitual telefonema, a voz masculina, pausada, e rabiscara as instruções na margem do bloco de notas. O homem estaria a caminhar para o trabalho por volta das nove e meia da manhã, numa biblioteca do Norte de Londres. Eu deveria reconhecê-lo ao procurar a mesa do ajudante de biblioteca, ou o arrumador de livros, no segundo andar. Como o local descrito não ficava longe, decidi ir a pé, pondo-me a caminho ainda cedo. Recordo-me de que era uma manhã agradável e de que o próprio vento parecia ter acabado de acordar, ainda não trazendo consigo o cheiro amargo do asfalto e das esquinas imundas. De mãos nos bolsos das calças, a gabardina aberta sobre o casaco, talvez tenha assobiado um pouco durante o caminho. Bebi um café encostado ao balcão de uma cafetaria.

A biblioteca era um edifício de pedra cinzenta e suja, com duas portas giratórias que se moviam com lentidão. Uma recepcionista sonolenta indicou-me uma escadaria do lado esquerdo do átrio. No segundo andar, uma placa de mármore na parede indicava que me encontrava na secção de literatura contemporânea, junto a uma epígrafe em latim que não compreendi. Atrás de um balcão sentava-se uma senhora de óculos que tricotava em silêncio e que não me olhou. Organizados em filas, existiam terminais de computador, pequenos ecrãs azuis todos iguais, e o resto do espaço era ocupado por estantes de madeira escura cheias de livros, uma espécie de labirinto, uma vez que a disposição era irregular, sem qualquer

simetria.

Não sei ao certo quanto tempo passei dentro do labirinto, olhando para encadernações finas e grossas, para os volumes que se seguiam a outros volumes, para os códigos e letras de referência que decoravam as lombadas. Todos aqueles livros me eram desconhecidos, nunca ganhara o hábito de ler. Imaginei o que seria um homem ler todos os volumes da biblioteca, e surgiu-me a imagem de uma criança a crescer afogada em livros, do princípio ao fim, vivendo a vida de outros em páginas, sabendo tudo e não sabendo nada. Depois pensei na minha mulher e na minha filha. Existia um mistério naqueles corredores escuros e poeirentos que me fez recordar um outro tempo, sem saber dizer se era um tempo sonhado ou real; se realmente vivido, ou uma quimera que pertencia a um canto especial da memória chamado imaginação. Nesse canto, o passado era uma fabricação, uma alergia ao presente, uma necessidade de evasão. A minha mulher gostaria de ter passeado por estes corredores comigo, pensei; ela teria gostado.

Como já disse, não sei quanto tempo demorei, mas devo ter dado a volta ao labirinto, ou regressado por onde viera em primeiro lugar, porque quando dei por mim estava outra vez no corredor principal, de frente para a senhora que ao fundo continuava a tricotar, ausente. Foi quando uma voz me perguntou se precisava de ajuda. A uma pequena mesa repleta de livros estava um rapaz que me olhava. Não o reconheci imediatamente, talvez porque usava óculos, e porque a fraca luz que trespassava a clarabóia do tecto tornava tudo sombrio. Aproximei-me, um passo apenas, e nesse momento compreendi que o rapaz que falava comigo era o estudante franzino.

A minha primeira reacção foi muda. Ele repetiu a pergunta, se eu precisava de ajuda, se procurava algum livro em particular, e eu nada disse, fiquei simplesmente a olhá-lo com a surpresa de um encontro tão inesperado e o assombro da coincidência que então se anunciava. O estudante franzino era o ajudante de biblioteca, o arrumador de livros, o objecto do meu trabalho. Observei talvez com demasiada intensidade as suas feições, que até aí conhecera à distância de uma rua. Era um pouco mais velho do que eu julgara, mas não tinha mais do que vinte e cinco anos, e possuía uma expressão tão plácida quanto inquieta, uma estranha mistura de generosidade e ausência. Tinha olheiras profundas, as marcas do cansaço acumulado de noites em branco, e na mão direita, entre dedos finos e nervosos, segurava um livro aberto que permanecia erguido no ar, um nada acima da mesa, aguardando a minha resposta.

Houve um momento de indecisão da minha parte, entre fingir que procurava um autor – qualquer um, não era importante – e simplesmente ignorar a pergunta. Qualquer destes caminhos estaria errado, e murmurei apenas um não, que ficou a meio caminho entre os dois, suspenso no ar, ainda suspenso e caindo quando me afastei com passos rápidos, sentindo o olhar dele nas minhas costas. Desci as escadas com as mãos nos bolsos da gabardina, a cabeça baixa, uma lâmina de suor a rasgar-me a testa. Tropecei nos degraus. Na rua caía uma chuva miudinha como um aplauso distante. Atingiu-me como um tiro a compreensão de que quebrara a regra silenciosa do meu trabalho e de que, caso quisesse manter a confiança de

Roy, não deveria mencionar este incidente. Deixara-me apanhar numa situação indesejável por puro desleixo, por uma distração incipiente, por andar a sonhar acordado e a visitar cantos da memória que deveria deixar apodrecer. Caminhei com raiva de mim próprio, murmurando palavras amargas entredentes, irritado com a impossibilidade de desfazer o que estava feito. Existira contacto visual entre nós; mais do que isso, trocámos palavras. Ele conhecia o meu rosto, a forma como me vestia, qual era o som da minha voz – ainda que eu tivesse pronunciado apenas uma palavra enferma.

Não trabalhei mais nesse dia. Fui para casa, pendurei a gabardina, sentei-me no sofá e bebi várias garrafas de cerveja. Quando a tarde caiu adormeci, mas acordei em sobressalto pouco depois, uma dormência no estômago, a boca pastosa. Oito da noite. Tinha dores de cabeça. Reflecti durante bastante tempo sobre o que fazer, segurando o bloco de notas no colo. Era verdade que eu tinha estragado, por incompetência, um trabalho que se afigurara nem mais difícil nem mais fácil do que os outros. Fora incauto visitar a biblioteca durante a manhã, quando os corredores ainda se encontram desertos, quando é provável chamar a atenção de um empregado. Mas mais do que isso, este não era um homem qualquer, igual aos anteriores: este era alguém que eu conhecia intimamente, uma intimidade insuspeita, não partilhada, mas ainda assim intimidade. Que eu fosse anónimo para ele era a única coisa que tinha a meu favor. Mas o estudante franzino não era anónimo para mim; eu conhecia os seus hábitos, sabia bem os seus momentos e vagares.

Talvez tivesse sido o álcool que me levou a decidir, nesse momento, ocultar a Roy esse encontro fortuito. Ou ignorar a pergunta que pulsava dentro de mim: porque teria sido escolhido, de entre os milhões de habitantes da cidade, justamente o que vivia no edifício em frente do meu? Eu iria escrever o diário desse homem como se fosse uma criatura nova, nunca antes vista, e prometi a mim próprio que teria cuidado. Como já disse, não sabia na altura o que o esperava, a ele e a mim, e que o cuidado, a descrição, esta pequena mentira, eram tão inúteis como abrir a janela e berrar com todas as forças o meu erro.

Durante as semanas em que segui o estudante franzino, evitei o sofá e a janela da sala. Para fazer o trabalho necessitava de distância, de iniciar uma nova relação com o objecto da minha escrita. Algumas noites foram particularmente difíceis. Foi penoso livrar-me de um vício que desconhecia possuir até então, o vício de espreitar pela janela; a curiosidade mórbida. Deitava-me na cama e contava histórias em voz alta, outras vezes fechava os olhos e tentava distinguir as formas da luz e da escuridão dentro da escuridão. O sono chegava devagar, inquieto, o corpo aflito de uma dormência irritante, uma espécie de falta. Julgo ter sonhado algumas noites com as janelas paralelas, uma iluminada, a outra largando labaredas.

Passado algum tempo as coisas compuseram-se. Transformei a vida dele na minha, como fizera com os anteriores. Seguiu-o de manhã até à biblioteca, mas com a atenção acrescida de nunca entrar, nunca deixar que me visse, agora que me conhecia as feições. Caminhava do outro lado da rua, acompanhando-o passo a passo, fazendo as suas demoras, acompanhando os seus desvios. Porque a rigidez da tarefa que me propusera o exigia, demorei até conseguir

adaptar-me ao ritmo do estudante, levei mais tempo do que o habitual a compreender qual era o nervo invisível na sua passada que o tornava único. Uma das lições que aprendi com o meu trabalho para Roy foi esta: que todos os homens possuem um nervo invisível que lhes condiciona os passos, os movimentos, a reflexão, a vida. Descobrir esse nervo, essa interrupção constante na corrente das suas existências, faz parte do processo. Uma vez descoberto esse nervo, é como se pudéssemos ser a sombra de outrem.

Visitei a biblioteca apenas à tarde, evitando as manhãs, que tinham menor afluência, e procurei usar roupa diferente todos os dias, às vezes um chapéu, misturando-me com a gente que percorria os corredores. Cedo percebi que talvez não fosse necessário. O estudante franzino trabalhava de cabeça baixa, e pouco ou nada dizia aos colegas, numa contínua expressão de ausência. A senhora de óculos ao balcão que tricotava parecia ignorar a sua presença, bem como a presença de qualquer outra criatura, excepto o novelo de lã, e as bibliotecárias que atendiam os que requisitavam livros apenas lhe falavam ocasionalmente para comunicar deveres.

Por duas ou três vezes não pude evitar um sorriso – quase uma gargalhada – quando, espreitando por detrás de uma estante, o via adormecer, o corpo a descair pela cadeira, a boca aberta, um ligeiro ressonar, e acordar repentinamente cheio de espanto, esfregar os olhos, recompor-se atrapalhado. Apesar de saber que o seu sono não era o sono dos preguiçosos, o facto de me manter afastado da janela da sala fizera-me sorrir; esquecera todas aquelas noites que o vira passar em branco, aquelas madrugadas em que eu despertava com frio, puxando até aos ombros o cobertor laranja que fugira para os pés, e ao olhar pela janela o via acordado, desesperando à beira da cama.

Não sei encontrar razões, mas com o passar dos dias alguma coisa me uniu ao estudante franzino. Alguma coisa inexplicável naqueles olhos castanhos, naquele corpo magro e cansado que se movia lentamente através dos corredores, substituindo espaços vazios com livros, ausências com palavras escritas, alguma coisa parecida com a dor que eu ainda sentia e que partilhávamos numa dimensão que mais ninguém podia alcançar. Ele, tal como eu, era um defunto vivo, que parecia procurar uma paz, ou um bálsamo para as feridas. Existia algo de ridículo, sim, algo de perversamente divertido em observar a sua distracção, o movimento mecânico das suas acções, o modo como dobrava o corpo e arrastava as pernas, empurrando os carrinhos de livros empilhados através do labirinto, como se fosse uma marioneta. Mas existia também dentro do meu olhar uma inevitável condescendência fraternal, cheia de pena e de culpa, que nascia das coisas que eu sabia.

Era um rapaz intrigante, e por vezes fazia coisas intrigantes. Lia sorrateiramente partes dos livros que lhe iam deixando na mesa para devolver às estantes. Lia as passagens de rajada, os olhos movendo-se com rapidez por detrás das lentes dos óculos, uma certa avidez que me confundia. Que procuraria ele, nunca o soube dizer. Abria uma página ao acaso, lia durante uns minutos, fechava o livro, depositava-o no carrinho, abria o próximo, voltava a repetir a acção. Dava a sensação de que procurava algo, de que não estava realmente interessado no

que os livros diziam por si mesmos, mas numa palavra especial, num determinado parágrafo, numa certa passagem que andava perdida pela literatura. Quando encontrava aquilo que o interessava, tinha uma reacção curiosa: tomava notas num papel, devolvia o livro à estante a que pertencia, e no intervalo da tarde ia buscar o mesmo livro e copiava a passagem à mão.

De outras vezes, nada lia, e os livros pareciam causar-lhe repugnância. Manuseava-os como pedras, sem cuidado, com algum desprezo, e assisti à distância a uma repreensão verbal por parte de uma bibliotecária por causa da sua displicência. Ele não parecia importar-se muito; padecia de um alheamento que eu conhecia bem e que me trouxe memórias de um tempo em que eu matava os dias com sonhos despertados. Nesses momentos de pura indiferença, o estudante franzino tendia a passar grande parte das horas junto à máquina do café, sorvendo de um copo de plástico com lentidão, como se estivesse totalmente ausente do trabalho. Quando o relógio indicava as cinco, saía da biblioteca e caminhava durante as horas do entardecer, as mãos nos bolsos do casaco, a cabeça baixa, as folhas caídas do Inverno a coçarem-lhe os sapatos gastos. Era evidente que eram os piores dias. Uma nuvem escura e ameaçadora pairava sobre ele, e eu compreendi que essas caminhadas se deviam não à vontade, mas ao medo. O rapaz não queria voltar para casa. Não queria regressar ao pequeno quarto sem luz, ao tormento da presença sinistra do homem colossais, a mais uma noite de insónia, de avanços e recuos pelas fronteiras do sono.

Pelo menos foi a explicação que encontrei. Recordo-me, em particular, de uma tarde em que chovia como eu nunca tinha visto chover em Londres. Ou ainda: talvez tivesse chovido assim muitas vezes, mas eu nunca permanecera à mercê da intempérie durante tanto tempo. Caminhava atrás do estudante em direcção a Highbury quando os pingos que tinham caído toda a tarde se transformaram em gotas grossas, daquelas que quando explodem na cara é como se nos cuspissem em cima. Presumi que ele tomaria o caminho de casa, e assim continuei, muito mais perto dele do que noutros dias, sem maiores cuidados que a escuridão das ruas e o barulho ensurdecedor da chuva permitia. Mas cedo percebi que, se quisesse continuar, teria de me aproximar ainda mais. A chuva chegava com tanta violência que era impossível olhar em frente, e uma espécie de pequeno rio acumulava-se na berma do passeio. Devo ter caminhado talvez dois ou três metros atrás dele, talvez ainda mais perto, não sei dizer. Tenho a ideia de que, se ele tivesse parado, eu teria chocado com as suas costas, ele ter-se-ia voltado e ainda assim seria como se estivéssemos em navios diferentes numa tempestade no mar, esbracejando silêncios. Nunca desejei tanto chegar a casa, sentir o calor familiar do aquecimento junto ao sofá, tirar as meias empapadas dos pés gelados, e considerei a hipótese de abandonar a perseguição por essa tarde. Mas a minha lealdade para com Roy era mais forte.

Segui-o todo o caminho, dei com ele todas as voltas erráticas pelas ruas desertas, sujas, moribundas, do Norte de Londres. Circulámos o mesmo quarteirão três vezes sem razão aparente. Quando cheguei a casa, pouco havia a fazer. Deitei-me, e na madrugada seguinte acordei com uma febre escaldante. Passei um dia doente, debaixo do cobertor laranja, com arrepios que me faziam querer vomitar. À noite senti-me um pouco melhor, e trabalhei no

diário.

Escrever os diários do estudante franzino foi uma tarefa penosa. Por essa altura o primeiro bloco de notas tinha terminado, e comprei um outro ao homem de turbante que se sentava atrás do balcão com o gato. Assumi que ter um bloco novo, de páginas sedosas e limpas, me traria algum alento, mas iludi-me. Sempre que escrevi senti que o atraía. O que até então fora um exercício literário transformara-se num exercício moral; o que fora o diário de gente anónima, com a qual eu tinha o mesmo tipo de relação que se tem com um objecto inanimado, transformara-se numa tentativa absurda de tirar de mim o que estava a mais. Cada vez que inseria as folhas no envelope, que cautelosamente escrevia o número da caixa postal e o expedia, sentia que estava a revelar um segredo que não devia, a denunciar um amigo. Na noite depois da febre, consulte a fotografia dos mortos, perguntei se aquilo que fazia era um trabalho ou uma traição, e não obtive resposta. Ainda não o sabia, mas era já tarde de mais.

Se agora tento organizar, antes que morra, uma cronologia mental do que trouxe a minha vida à sua consumação, consigo apontar apenas um acontecimento como o decreto da minha sentença: a hora em que eu deixei de observar e comecei a ser observado. Se o pagamento não chegou foi por causa do diário, ou do estudante, ou da rapariga, julgo, e foi o princípio do fim. Mas nenhum desses detalhes foi verdadeiramente a causa de coisa alguma, no que me diz respeito. Eu próprio assinei a sentença no momento da minha mentira, do meu erro que estava já inscrito em mim antes de o cometer – como está inscrito em todos os que trabalham para Roy.

Haviam passado três semanas desde que começara a trabalhar no diário do estudante franzino. Era um diário mais pequeno e sucinto do que os outros, e se até então eu considerara que havia feito progressos, que cada novo diário e cada novo homem eram motivo de orgulho, esse sentimento de conforto desvanecera-se. Quanto mais depressa eu terminasse este trabalho mais depressa poderia regressar ao conforto do anonimato, pensei; e uma sexta-feira saí à rua um tanto desprotegido, deixando a gabardina em casa, antecipando um dia de Primavera. Passou-se a manhã, chegou a tarde, cumpriu-se a rotina do costume na biblioteca, e quando saímos ao princípio da noite levantara-se um vento agreste. Eu tremi o caminho todo, enterrando as mãos nos bolsos das calças enquanto o estudante franzino cumpria as suas deambulações tardias pela cidade. Julgo que pode ter sido o frio que sentia, que me congelava os nervos e fazia latejar as têmporas, que distraiu a minha atenção daquilo que se passava. Nessa tarde caminhávamos em direcção a leste. Nunca antes havíamos caminhado para leste, éramos habitantes do Norte da cidade. Atravessámos ruas desconhecidas, os prédios transformaram-se em casas, o som de vozes distantes emergia de *pubs* escuros.

Quando virámos uma esquina e nos encontrámos numa rua sem saída, o estudante subitamente parou, olhou em volta, e eu recuei tentando parecer que andava para trás, o gesto ridículo de quem não tem onde se esconder. Então ele abriu o portão de uma casa com um pequeno jardim e entrou, detendo-se no patamar. Devido à escuridão, não pude ver quem lhe

abriu a porta, ou se a abriu por si mesmo.

Durante quase uma hora mantive-me escondido, distante do único candeeiro de rua que oferecia uma clareira de luz amarela. Mas cedo senti que se permanecesse ao relento mais tempo iria congelar, ou pelo menos adoecer novamente. O queixo tremia-me e água descia-me pelo nariz; tinha os olhos marejados de lágrimas. Considerei a hipótese de regressar a casa, mas a verdade era que eu não sabia onde estava, e a possibilidade de vaguear pelo Leste de Londres à chuva, sem direcção, em busca de abrigo, afigurava-se ainda pior.

Abri o portão e entrei, procurando um lugar onde me pudesse abrigar. Entre a casa onde o estudante entrara e a casa contígua existia um trilho de relva, que tomei. Encontrei-me nas traseiras, onde existia o que me pareceu ser uma estufa, paredes de vidro que deixavam espreitar um pátio interior repleto de plantas. Encostei a cara ao vidro, onde gotas caíam lado a lado numa corrida até ao solo, e o meu respirar inundou a superfície de vapor. Quando se dissipou, pude ver que a estufa se encontrava deserta. As plantas que me haviam parecido saudáveis e frondosas eram decadentes e abandonadas. Entrei, pé ante pé, a porta estava aberta. Um aroma intenso inundava o ar, familiar e no entanto impossível de descrever. Escutei o murmúrio longínquo de vozes e subi lentamente as escadas de caracol que ficavam no centro daquela espécie de aquário sem água. As vozes tornaram-se mais próximas, e ao encontrar-me num corredor escuro de portas fechadas fui seguindo o som, guiando-me pela pouca claridade que escapava pelas frinchas. Não sei quanto tempo demorou até me aperceber de que o som das vozes não era o mero ruído de uma conversa distante. Talvez tivesse sido antes de parar em frente da porta. Ou após me encontrar de joelhos, espreitando pelo buraco da fechadura. Talvez só quando ganhei coragem para abrir o olho que, quando aberto, me revelaria o interior do quarto, compreendi que o que ouvia não eram vozes, mas sussurros; não uma conversa, mas uma súplica.

Guardo no fundo da memória o que vi como uma coisa já estranha, que aconteceu a alguém que fui e que deixei de ser. No interior do quarto estavam a rapariga da pele dourada e o estudante franzino. Tudo o que desejo recordar a partir do momento em que os olhei é que vi duas criaturas que não pertenciam a este mundo, que murmuravam palavras incompreensíveis e soltavam gemidos de ar, de saliva e de sal, os lábios abertos, os dentes cerrados, envoltos numa nuvem de prazer.

Não tenho vergonha de confessar que me masturbei. Foi quase involuntário, algo que aconteceu porque tinha de acontecer, uma necessidade nojenta, é certo, mas ainda assim uma necessidade. Masturbei-me e tive prazer, um prazer invejoso e corrupto, um prazer insatisfeito. Quando regressei a casa ainda tinha a face rubra, os olhos ligeiramente molhados, as roupas ensopadas de chuva e suor, e não fui capaz de encarar a fotografia dos mortos ou de me olhar no espelho, porque sabia que no momento em que o fizesse olharia um traidor, um infiel, alguém que fora a presa fácil de uma visão proibida. De cortinas fechadas, no sofá, tremi de febre e desejo durante horas, e então adormeci, enroscado no cobertor laranja.

Quando despertei, era ainda noite; as mãos tremiam-me. Peguei no bloco de notas e tentei escrever, mas foi impossível.

Tomei um banho, troquei as roupas imundas que se descolaram da pele como a casca de um fruto e regressei à sala. Amanhecia. Sentei-me outra vez de caneta na mão e fechei os olhos por um momento, tentando abstrair-me de tudo. Assim que os fechei, a visão da rapariga regressou – ou talvez tivesse estado sempre lá, à espera de que as minhas pálpebras caíssem –, e compreendi que este era um feitiço do qual não me poderia libertar pela minha própria mão. Percorreu-me o corpo a sensação da tarde anterior, a memória de um prazer que eu já esquecera, e quis afastá-lo, anular o desejo através do meu amor pela minha mulher e a minha filha. Mas elas já não serviam para este propósito. Algo se acendera dentro de mim, algo que me iria consumir, e tudo o que eu podia fazer era aguardar, arder e ser consumido.

Escrevi o diário nessa manhã sem o habitual cuidado e a atenção que costumava dar às frases e à pontuação. Depois comparei-o com as páginas dos últimos dois dias, e eram cópias umas das outras, que nada acrescentavam e nada tiravam. No momento em que omiti o que vira na tarde anterior, foi como se quebrasse o contrato com Roy. Ele já sabia antes de eu o fazer, porque Roy sabe sempre, e no instante em que a caneta largou o papel, salpicando a margem com um resquício de tinta, eu era outra vez uma marioneta sem fios, um boneco abandonado num caixote de brinquedos velhos. Não sabia ainda – ou melhor, não esperaria – que existia ainda um último trabalho a fazer, o mais perigoso, porventura o mais sádico, aquele que me iria destruir de uma vez por todas. Saí para enviar o diário pelo correio e, quando regressei, um cansaço enorme tomou conta de mim. Ainda me encontrava febril, e o corpo parecia querer desistir da vigília. Lentamente, como em água morna e salgada, adormeci.

Passava das duas da manhã quando o uivo me despertou. Estava sentado no sofá, a cabeça tombara-me sobre o ombro, e sonhava com a minha mãe. Abri os olhos e, nesse momento, as luzes no quarto do estudante franzino apagaram-se. Pude distinguir um vulto antes de a escuridão se instalar. O uivo repetiu-se e eu fiquei paralisado de terror, ou poderia chamar-lhe um sobressalto silencioso e imóvel, daqueles que nos remetem ao anonimato. Ainda confuso, não pude compreender qual a sua origem, se do prédio, se da rua. Parecia ter sido o uivo de um lobo. Ergui-me devagar, avancei um passo, a ponta do nariz tocou o vidro frio, o meu reflexo transformou-se na noite lá fora.

Um cão vadio estava deitado no passeio, roendo alguma coisa, talvez um osso. Dois outros cães corriam de um lado para o outro, lutando por um pedaço de carne largado na rua molhada e suja. Eram apenas sombras de onde eu me encontrava, pedaços de negro galgando o asfalto. Pensei em descer e afastá-los dali, mas depois reconsiderei: os funcionários do canil haveriam de os apanhar. Pouco depois, os cães que lutavam desapareceram na esquina e nada mais se ouviu. Foi quando ergui o olhar que um calafrio como nunca antes sentira me congelou os ossos.

Do outro lado, o homem colossai observava-me. Nunca havia acontecido antes, e eu

ingenuamente colocara-me acima da possibilidade de ser observado, como se pudesse permanecer um eterno espectador. Mas ele observava-me, sem dúvida, apesar da distância e das gotas que infindavelmente caíam sobre o vidro e distorciam o mundo. Sei que o fazia porque parara de andar. Estava imóvel, os enormes braços caídos ao longo do tronco, a cabeça uma espécie de meia esfera amolgada, o rosto um ponto de interrogação. O meu primeiro instinto foi correr as cortinas, mas por alguma razão não o fiz. Deixei-me ficar a olhá-lo de volta, tentando imaginar o que estaria ele a imaginar, para afastar o medo. Decorei-lhe o rosto: um rosto duro, simétrico, o queixo largo, a pele lisa e pálida.

Não durou muito tempo. O homem colossal provavelmente cansou-se do jogo e desapareceu na parte do quarto que era para mim invisível. As luzes apagaram-se. Escuridão de um lado, escuridão do outro. Voltei a sentar-me quando me senti mais calmo e preparei-me para o sono tapando-me com o cobertor de malha laranja, estendendo as pernas sobre o braço do sofá. As pálpebras já me pesavam outra vez quando a luz no quarto da esquerda se acendeu. Era normal que isto acontecesse durante a noite, como já disse, mas foi então que o estudante franzino surgiu como nunca o vira antes: nu, molhado da cabeça aos pés, os ossos das costelas tão visíveis que era como se morresse de fome, os caracóis do cabelo desarrumados e pingando sobre a testa. Não foi isso, no entanto, que me fez ficar acordado durante horas depois de o ver. O que me fez ficar acordado durante horas, enrolado no cobertor mas sofrendo de um frio interno, uma geada venosa, foi a expressão no seu rosto: era como se, nessa noite, o próprio horror se tivesse transformado no rosto do estudante franzino. Já tarde, antes de o sono vir, voltei a fotografia dos mortos e deitei-a sobre a mesa. Regressei ao sofá. Não era uma noite que a minha mulher e filha gostassem de ter visto.

No dia seguinte, quando ouvi o carteiro no vão das escadas, presumi que fosse o pagamento. Desci para encontrar o envelope devolvido. Abri-o. No interior estava o diário do estudante e uma nota dactilografada: *incompleto*. Fiz uma bola entre os dedos com o papel e atirei-a para o lixo.

O pressentimento de morte iminente que tivera na noite anterior assustara-me. Por isso tranquei a porta de casa e cerrei as cortinas, ignorando as demandas do mundo. Toquei-me uma e outra vez, é certo, para libertar o fantasma que se apoderara de mim, debaixo da minha pele, mas em outros momentos tive visões na noite escura do homem colossal que, estava convencido, acabaria por ser o meu carrasco. O que acontecera não deixava dúvidas – ele agora sabia da minha existência.

Existia uma misteriosa ligação entre a minha mentira, a inesperada visão da noite passada e o diário devolvido. Tentei, em vão, encontrar uma resposta para o enigma que se ia tecendo perante mim, o enigma de eu ser apenas uma peça de um *puzzle* impossível de montar, permanentemente inacabado, que principiara num incêndio e terminaria em cinzas. Deitado, contando os pontos brancos de luz que enchiam o céu, tirei as medidas à conspiração que fazia de mim um brinquedo, e imaginei quantos homens como eu estariam também assim, no núcleo de uma cidade enorme e assustadora, olhando as estrelas, e no entanto padecendo de uma bestial

solidão, uma ausência completa de toque, de conforto, de lugar, de alento, tão perto de nada como longe de tudo. Se adoecesse, absolutamente ninguém me poderia trazer uma chávena de chá à cama, ou aconchegar-me nos cobertores; se passasse fome, acabaria por comer a fila ordenada de formigas que desapareciam com migalhas de pão às costas pelas frinchas do soalho; se morresse, alguém encontraria os meus ossos, num dia distante no futuro, embrulhados num cobertor laranja, os dentes ainda alinhados num sorriso ou num assombro.

Mas nenhuma destas coisas aconteceu. O que aconteceu foi que o tempo passou e, um por um, os dias chegaram e partiram. O tempo passou, indiferente, moroso, e eu passei com ele, e assim fui esquecendo. Esqueci o trabalho em primeiro lugar, tarefa muito mais fácil do que teria julgado. Não me é possível negar que trabalhar para Roy não tivesse sido, a certa altura, um verdadeiro prazer. Em certa medida, posso agora dizer, antes que morra, que aquilo que me tornei, ausente e distante do homem que fora em tempos, se deve ao mundo que Roy me abriu, um mundo de possibilidades na vida de outros, em reescrever a vida de outros, um mundo de abnegação e sofrimento cuja recompensa é uma lasca, uma centelha daquilo que poderíamos ter sido. Mas, ao mesmo tempo, esse é um mundo impossível de sustentar, no qual não se pode viver em estado lúcido, porque é como uma embriaguez constante que aturde os sentidos, que esbate os contornos de todas as coisas, que induz a maravilhosa fantasia de pensarmos que a vida está fora de nós.

Esqueci também o desejo que sentira. Foi esmorecendo, julgo, e a necessidade imperiosa de me tocar deixou de existir. Não posso dizer que tenha esquecido a rapariga, uma vez que ela foi, e continuaria a ser, o motivo das minhas acções, e o que me levou a contactar Roy em primeiro lugar. Após a morte da minha mulher e da minha filha, o meu corpo adormeceu, as veias coagularam e os órgãos ganharam a cor cinzenta de um sepulcro. Na altura, julguei nunca mais poder voltar a sentir desejo, e muito menos amor, ou qualquer outro sentimento que geralmente se atribui aos vivos. Ainda na minha cama, que era já outra cama, permanecia o cheiro da minha mulher, e a sua forma repousada sobre os lençóis; junto à porta do quarto pude ainda ver em algumas manhãs a forma pequena e doce da minha filha, o cabelo louro desarrumado sobre a testa, o olhar pedindo conforto. Estas memórias, que um homem não conhece verdadeiramente até que nada mais lhe reste, estiveram sempre comigo nas horas mais negras. Se a aparição daquela rapariga trouxe de volta algo que eu pensava já não poder acontecer, que era voltar a sentir-me vivo, regressar ao meu corpo, então ela serviu esse propósito, e não poderia julgá-la.

Durante esse tempo fechado em casa, encontrei um refúgio na actividade que, afinal, fora Roy que me ensinara: dediquei-me a escrever. Já não era um trabalho, ou uma luta constante contra a minha tendência natural para a preguiça, mas algo que senti ter de ser feito, porque o pressentimento de morte não se desvanecera. Os meus dias estavam contados e, ainda que não soubesse a forma sob a qual seria executada a minha sentença, essa ideia libertou-me. Escrevi as histórias daqueles que conheci durante os meus últimos tempos no mundo, e de outros que encontrei dentro de mim, escondidos, à espera de uma porta que se abrisse no escuro, histórias

que irão ler nas páginas deste livro. Escrevi a estória do estudante franzino, a que chamei *Insónia*. Escrevi a estória que deverá ser lida antes de todas as outras, e intitulei-a *Soterrados*. Escrevi mais uma, que ainda não tem nome, e outras que aqui não pertencem, e que nunca irão possuir nomes definitivos. Outros escreveriam as mesmas estórias de muitas maneiras diferentes; mas creio que todas estão essencialmente relacionadas com a mesma questão. Essa questão, a da minha vida – chamo-me David –, permanece irresoluta, na cidade de Londres, onde ainda me encontro, nos primeiros anos de uma nova era.

O calor chegou, e com o calor o Verão. Observei do interior do apartamento as mudanças de cor no céu, e as nuvens que se tornaram mais densas, mais visíveis, como se nelas tivesse existido um crescimento demográfico. Observei ainda a mutação das cores, de cinzentos para azuis, de castanhos para verdes, e a expressão diferente na cara dos transeuntes, que agora abundavam nas ruas pela manhã e ao princípio da tarde. Os passeios já não se encontravam cobertos de folhas secas mas de pequenas flores lilases, pequenos botões que flutuavam no vento e se cruzavam, trocando de posição, procurando refúgio na gola de um casaco, ou no entrelaçar de um cabelo.

Posicionara a escrivaninha num estranho ângulo que, apesar de oferecer à sala um aspecto bizarro, me permitia observar o céu e a rua enquanto escrevia, ocultando o prédio em frente, para o qual não desejava olhar, com uma das cortinas. Uma ou outra vez a tentação do corpo sobrepôs-se à minha vontade, ou aproveitou a minha distração – dei por mim num intervalo da escrita de tronco quase tombado sobre o tampo da escrivaninha, a cabeça apoiada na palma de uma mão, bastando um desvio do olhar para ter outra vez perante mim a perspectiva frontal dos quartos. É possível que, durante este tempo, o homem colossal me observasse, ou detivesse de vez em quando a sua caminhada nocturna para se aproximar do vidro da janela e espreitar, olhando através da rua, procurando a minha figura que não encontraria. Só de pensar no homem colossal perpassa-me ainda hoje – neste preciso momento – um arrepio pelo corpo. Quanto ao estudante franzino, desejava apenas que se encontrasse bem, que o demónio que o atormentava o largasse de uma vez por todas, mas mais não podia fazer do que isto, porque à sua imagem estava para mim associada a imagem da rapariga que eu me proibira de trazer à luz.

No decurso da minha escrita deparei-me com personagens femininas e procurei com todas elas abstrair-me da rapariga da pele dourada, a que decidi oferecer um nome, o nome da minha filha: Nina. Mesmo assim houve alturas em que, sentado à escrivaninha – um cigarro repousado junto ao papel aguardando um momento –, me percorreu aquele frêmito insuspeito, aquele formigueiro no ventre que me fazia querer tocar-me ali mesmo, um *flash* repentino em que via a sua imagem.

Tudo isto se encontrava relacionado, creio, com a minha solidão. À medida que a escrita avançava, e fui colocando no papel as estórias deste livro, fiquei mais e mais possuído de um desejo de contacto, de sair à rua e me cruzar com gente desconhecida, com o insuspeito, com

os pequenos detalhes do mundo nos quais nunca havia reparado. Organizei então a minha rotina da seguinte maneira: de manhã e à noite escrevia, sentado à pequena escrivaninha junto ao sofá, com a inteira disponibilidade de quem nada mais tem a fazer. À tarde, dava passeios sem rumo, como se não conhecesse a cidade, sentindo-me um turista, espantado com tudo, maravilhado com as possibilidades da vida. Foi então que fiquei a conhecer melhor o Soho londrino, com os seus *pubs* decadentes, as lojas decoradas a néon, os vampiros que cruzam as ruas escondidos do sol, aguardando a noite.

Quase sem dar por isso, comecei a falar. Abri a boca e derramei palavras. Não sei explicar porque aconteceu desta maneira, mas a verdade é que eu parecia querer quebrar o isolamento a que me tinha votado. Falei com desconhecidos na rua, com senhoras idosas no supermercado, falei com o homem do turbante a quem comprava vinho, falei com os meus vizinhos quando os encontrava nas escadas. O som das vozes dos outros entrelaçado no som da minha voz produzia um efeito magnífico, uma pauta de música improvisada, um concerto numa clave desconhecida. Foi assim que conheci Helena. Passeava uma tarde quente pelo Soho e entrei num café de esquina que tinha um papagaio à porta, empoleirado numa trave. O animal cumprimentava os transeuntes e aqueles que entravam num inglês nasalado. Sentei-me, bebi um café, li um jornal que havia sido largado sobre a mesa contígua, e quando me preparava para sair, sentindo que o suor tinha já assentado na pele, olhei uma segunda vez para a rapariga que me trouxera a conta. Encontrava-se encostada ao balcão, uma mão no interior do bolso do avental, e olhava através das janelas para a rua, a luz reflectida no seu rosto. Não era bela como eu considerara bela a minha mulher, mas existia em seu redor um forte sopro de realidade, palpável, presente. Tinha pouco menos do que a minha idade. Ergui-me, atravessei a sala e, enquanto me aproximava, li no seu olhar o ligeiro espanto, o subtil tremor de quem vê um estranho dirigir-se a si, e só a si. Como se esse estranho lhe fosse rodear a cintura com a mão e puxá-la para si num segredar ao ouvido, ou num beijo prolongado.

Não fiz nenhuma destas coisas. Simplesmente falei, sorrindo sem qualquer esforço, e acabámos por trocar números de telefone. Nessa mesma noite, encontrámo-nos no centro da cidade e fomos ao teatro. Saímos outras vezes e em certa ocasião que não desejo recordar beijámo-nos, e a intensidade desse contacto tornou-me, pela brevidade de uns segundos, um homem feliz. O que conto sobre Helena nestas páginas é, no entanto, devastador para mim – deverá ser por esta altura que ela me começa a esquecer, e mesmo que ainda se interroge o que será feito de mim, o que me terá acontecido, outras coisas, mais mundanas e imediatas, irão acabar por cancelar esses pensamentos. Melhor assim; detestaria saber que ela andaria a perder tempo a vasculhar o passado.

Acredito que, se Roy não tivesse já escolhido o meu rumo, as coisas poderiam ter sido diferentes e eu estaria com Helena, no conforto de uma casa de subúrbio, longe da opressão industrial da cidade, matutando nas possibilidades de um futuro. Foi difícil soltar as amarras que me prendiam ao isolamento e ao naufrágio espiritual a que eu estava entregue, e nessa

recuperação devo tudo a Helena, que movida pela simpatia ou pelo amor – qual dos dois? – foi pacientemente desenterrando da minha memória os acontecimentos que tinham destruído a minha vida. Durante esse tempo fiquei muitas noites na sua casa de Corsham Street, partilhando a sua cama e observando com espanto como era diferente acordar num outro lugar, como era intrigante o cheiro ligeiramente industrial desta parte da cidade, e encantadora a sua presença perto de mim, os seus olhos castanho-claros pela manhã, a maneira um pouco infantil de me afagar o cabelo.

Relembro agora uma noite com Helena e escrevo-a nesta folha de papel, a última de uma resma que permanece sobre a escrivaninha, junto de um cigarro nunca fumado. Nessa noite estava sentado numa cadeira ao lado da cama, a porta entreaberta, e da cozinha chegava um vento ligeiro que agitava as cortinas. O corpo redondo de Helena encontrava-se debaixo de um lençol azul, o braço dobrado e a cabeça sobre a palma da mão, um aroma a sono ainda no quarto. Encontrava-me nu e sentia a penugem nos braços eriçar-se ao correr de uma aragem, quando Helena me pediu:

«Conta-me, David.»

Relembrei o momento em que dobrei a esquina e vi as chamas. Tinha na boca o sabor pastoso e ligeiramente amargo de uma moderada embriaguez. Os meus passos ecoavam através do que restava da noite, e se me ocorreram pensamentos tiveram origem dispersa e nenhuma finalidade, apenas ocorreram como trovões, ou correntes eléctricas engolidas pela terra. Quando vi as chamas portei-me como o mais comum dos mortais, questionando o destino e a desgraça das pobres almas a quem a casa ardia, transformando tudo em fogo e cinzas. No dia seguinte poderia ler a reportagem no jornal, abanando a cabeça perante a crueldade do mundo.

«Quando soubeste que eras tu?»

Tento explicar o impossível, que foi como terem-me separado o corpo da alma, como se o que naquele instante assistia à lenta destruição de tudo aquilo que possuía fosse já outro, um outro que observa em espanto os acontecimentos do mundo. Perante o irremediável, acrescentei, acontece uma estranha descarga química que serve para amenizar uma enorme dor e a transformar em piedade ou comiseração, absurdos sentimentos pelos males alheios que conduzem à procura de um novo sentido para o mundo, em qualquer coisa, em qualquer lugar.

Na noite anterior, eu dissera à minha mulher, enquanto jantávamos na pequena cozinha onde escutávamos a canção que tocava baixinho no rádio, que achava ter chegado a altura de mudar alguma coisa na minha vida, mas que não sabia o que era. Talvez procurar um novo emprego, porque andava cansado mas também não sabia dizer do que é que andava cansado, era um cansaço geral, uma dormência na alma. A minha mulher, doce e sincera, disse-me que concordava, que ela também andava cansada de alguma coisa, e sugeriu que poderia ser da vida de cidade. Falámos sobre o que gostaríamos de mudar e os lugares aonde poderíamos ir, e já tarde a minha filha entrou de pijama na cozinha, descalça, pé ante pé. O rádio emitia então

apenas estática entrecortada com vozes longínquas. Sentei a menina ao meu colo e ela esfregou os olhos e bocejou, lançando uma pequena mão ao meu cabelo, afagando-me ao jeito inocente das crianças. Perguntou se falávamos dela e a minha mulher respondeu que sim, que planeávamos fazer uma grande viagem e levá-la connosco. A minha mulher sorriu, e eu soube, mesmo sem lhe poder ver o rosto, que a minha filha sorria também.

Nunca contei a Helena o que se passou depois do incêndio. Da mesma maneira que nunca a convidei para o meu apartamento, com a desculpa de que era demasiado pequeno e desarrumado. No interior do apartamento o som era sempre o mesmo, o constante martelar dos meus dedos na máquina de escrever, a um ritmo que eu desconhecia possuir, como se uma força interior nascida do desespero me lançasse ao infinito. Agora, que escrevo antes que morra, sei bem o que era. Eu deixara de ser útil a Roy, eu deixara de servir para executar o trabalho porque perdera a objectividade, porque permitira que a minha vida fosse novamente invadida por essa coisa terrível, esse demónio chamado amor, esse conforto estúpido que cega. Mas outra parte de mim adivinhava que não poderia durar muito, que era mais uma ilusão prestes a terminar.

Ainda assim, não fui capaz de evitar magoar Helena. Deixei que a nossa breve relação se tornasse intensa, ao ponto de acordar todas as manhãs e, antes de começar a escrever, lhe telefonar para saber como estava, retomando o trabalho do dia anterior no sossego de uma voz querida ainda ressoando dentro de mim, antecipando o momento da noite em que a teria comigo. Deixei que a ternura que sentia por Helena me levasse a sair de casa – interrompendo a escrita – usando a camisa de manga curta que ela me oferecera para o Verão. Caminhava até ao Soho e ficava à porta do café na companhia do papagaio. Aguardava que ela terminasse o turno e, quando caminhávamos juntos pela rua, ela afagava-me o cotovelo com a mão e contava-me as trivialidades do dia. Helena tinha a qualidade particular das pessoas que não padecem dos males da introspecção, uma capacidade maravilhosa de infundir alegria nos outros, com um toque, ou uma palavra carinhosa, ou uma carícia. O seu lábio superior erguia-se do lado direito quando sorria. Não era uma mulher particularmente desejável, o que produziu entre nós uma vaga calma de sexualidade, sem urgência, sem ciúme, e embalada muitas vezes pelo simples desejo de contacto. É estranho e ainda assim evidente que não poderia ter existido para mim nenhuma outra pessoa nessa altura e, onde quer que ela se encontre, devo-lhe a beleza do que aconteceu – sem ela eu não poderia ter terminado este livro, e sem ela ter-me-ia afundado mais cedo na escuridão que, dentro de mim, aguardava apenas um sinal para voltar a tomar conta de tudo.

Num dia de intenso calor fizemos amor à tarde. Julgo que era um domingo, porque as lojas estavam a fechar durante a nossa caminhada habitual pelas ruas, e Helena não tivera de regressar ao trabalho. De mãos dadas, entrámos no apartamento e, sem trocarmos palavra, deitámo-nos e buscámos o prazer como dois felinos, rodeando o corpo um do outro, procurando os lugares húmidos e silenciosos. Mas, depois, uma enorme tristeza apoderou-se

de mim. Sentado na cama, fumei um cigarro que durou uma eternidade, escutando o som gutural do fumo na garganta, o entreabrir dos lábios e o travar da respiração, a cada momento crescendo uma pesada angústia. Helena deve tê-lo sentido mas nada disse, permanecendo imóvel, a cabeça repousada sobre o meu colo. Não lhe podia ver o rosto, apenas o cabelo castanho ondulado cobrindo-me a barriga e o pénis flácido, mas compreendi que lhe transmitira a minha inquietação, e receava o momento em que ela fizesse qualquer pergunta, não pela pergunta em si, mas porque o que eu responderia era para mim mesmo uma incógnita. Decidi que seria melhor deixá-la por essa noite, e após uma breve troca de palavras vesti-me e saí. Caminhei até casa, contando as estrelas para me distrair, sentindo o suor aflorar à pele e os aromas distintos do Verão circundarem-me.

Foi quando me sentei à escrivaninha para continuar o trabalho que me apercebi da origem da minha angústia: as estórias deste livro encontravam-se perto do fim. A resma de folhas limpas havia-se transformado num amontoado de linhas, frase após frase, palavra após palavra, e quase sem me dar conta estava prestes a cortar uma meta a seguir à qual um vazio me aguardava, sorrindo, para me engolir. Tentei escrever, mas os meus dedos temiam as teclas da máquina. O que até então fora um fluir constante e metódico era agora uma assustadora tarefa de consumação – cada palavra que eu escrevesse arrastar-me-ia para mais próximo do meu estranho destino incumprido. Senti, pela primeira vez, a verdadeira força das raízes mais profundas que nos prendem à vida, que não buscam razão ou sentido.

Acendi um cigarro e, nesse instante, o telefone tocou. Esperava que Helena me telefonasse, porque sempre o fazia à noite, quando não estávamos juntos, e tinha agora vontade de falar com ela. De um impulso, atendi. Mas, ao escutar a voz do outro lado, um vento gelado fez dançar as cortinas e varreu a sala, lançando-me numa vertigem para o desconhecido.

Durante uma hora brinquei com os talheres, adiando a minha decisão de ficar até esgotar a paciência do empregado de mesa. O restaurante encontrava-se cheio, e eu sentara-me numa mesa para dois junto da janela. Quando tentava olhar para a noite lá fora via o meu reflexo e assustava-me, como um homem sofrendo de uma doença maligna que lhe fizesse apodrecer a pele ou distorcer as feições. O suor rebentara através dos meus poros desde que saíra de casa, e não me era possível manter as pernas sossegadas. A mesa tremia ligeiramente ao ritmo descompassado com que batia a ponta dos sapatos no chão, sentindo os olhares em mim, não abertamente mas atravessando a sala e detendo-se, analisando, perpassando o estranho personagem que, sentado à janela com um copo de água gelada à frente, um guardanapo por desdobrar, os talheres a roçarem a ponta dos dedos, aguardava nervosamente alguma coisa – ou alguém.

O empregado, um indiano vestido de azul, aproximou-se e perguntou algo que não compreendi. Pedi-lhe que repetisse, e ele fê-lo, mas voltei a não compreender. Disse que iria esperar mais um pouco e ele afastou-se, confuso. A cítara que se escutava por cima do barulho ruidoso das vozes não me deixava pensar, e o cheiro sufocante a incenso e caril cortava-me a

respiração. Um enorme espelho rodeado de heras, ao fundo da sala, mostrava o meu reflexo olhando-me, uma criatura que àquela distância parecia pequena e insignificante no meio das outras. Das paredes pendiam ânforas e bules de chá dourados, e o restaurante emanava uma luz verde artificial, como a água de uma piscina iluminada, ou o céu no fim do mundo. E tudo o que conseguia ver era a minha própria imagem, à distância, destacada de todas as outras, como se houvesse um círculo de tinta vermelha em meu redor.

Uma gota de suor desceu-me da testa até à boca. Provei-a com a ponta da língua. Num instante, recuei dias no tempo – o telefone, a voz, o meu silêncio, o cair de joelhos no chão, o sangue transformado em gelo, a quase total ausência de pulsação. Não sei quanto tempo fiquei ali, inerte, sem ver o que os meus olhos viam, que era a minha sala lentamente entrando nas horas do fim da tarde, e da noite, e da madrugada. Deve ter sido muito tempo, pois recordo-me de que, quando me tentei erguer, as pernas não me responderam. Creio que se passaram dias. O telefone voltou a tocar outras vezes, a luz foi substituída por sombras e as sombras por luz, mas tudo isto ocorreu à velocidade de um filme que se acelera, que eu não fui capaz de acompanhar porque o tempo dentro de mim havia parado. Não senti fome ou sede. Encontrei-me caído como um objecto esquecido nas costas do sofá, com os olhos abertos de um morto.

O empregado voltou a encher o copo de água e deixou diante de mim uma ementa. Li alguns dos pratos numerados e não entendi o que eram. De qualquer maneira, não sentia fome, pois um formigueiro crescia-me no estômago a cada minuto. Olhei o relógio. Faltavam dez minutos para as nove. Do interior do bolso do casaco nas costas da cadeira tirei um chapéu, que deixei repousar sobre a mesa. Era um chapéu castanho que comprara na rua a caminho do restaurante. Mentalmente, desenhei um esboço da minha figura num restaurante indiano, sozinho, usando um chapéu. Depois tirei do outro bolso o bloco de notas e o lápis e coloquei-os também na mesa. Respirei fundo, tentando com todas as minhas forças disfarçar a angústia. Travei o movimento involuntário das pernas com uma mão, limpei o suor da testa com o guardanapo, e na página em branco escrevi:

«Quando fiz trinta e cinco anos nada tinha a que pudesse chamar meu.»

No instante seguinte fui obrigado a erguer o olhar. No restaurante entravam três pessoas, e a voz de um homem, uma voz familiar e nocturna, atravessou a sala até mim, como um eco de coisas passadas. A voz perguntava ao empregado pela mesa reservada. Não podia ver o rosto de nenhum deles pois a luz era fraca e encontravam-se de costas. Mas eram, sem dúvida, criaturas familiares. Voltei a sentir a paralisia dos dias anteriores, o ritmo anormal do coração, a incapacidade de juntar palavras, o suor brotando e escorrendo, um medo – um pânico – monstruoso apoderando-se do meu corpo. Encontrava-me outra vez deitado junto ao sofá, olhando fixamente as fendas no soalho, as formigas carregando migalhas de pão, as cortinas esvoaçando. Encontrava-me novamente de telefone encostado ao ouvido sem conseguir acreditar na voz que, do outro lado, me instruía sobre o que fazer e aonde ir, tratando-me pelo mesmo nome carinhoso por que me tratara durante anos.

Relembrei a ordem precisa sobre o chapéu e apressei-me a colocá-lo na cabeça, que baixei

ligeiramente para os olhos não serem visíveis, enquanto o empregado os conduzia até à mesa. Sentaram-se junto à parede, mesmo por baixo do espelho rodeado de heras, e a aba do chapéu só me permitiu ver a cabeça lúzida de um homem muito alto, careca, de costas largas num casaco preto, sentado de costas para mim. Nesse momento o empregado aproximou-se novamente, bloqueando o meu ângulo de visão, e ergui o rosto para o fitar. Ele deve ter compreendido a tremenda ansiedade em mim pois perguntou, com inesperada suavidade, se estava pronto para fazer o meu pedido. Não sei o que respondi – talvez um número ao acaso da ementa, talvez um prato cujo nome tivesse fixado –, mas é possível que tenha levado o meu tempo a decidir, que tenha arrastado cada letra de cada palavra para que ele não se afastasse.

Mas afastou-se. E a ansiedade traiu-me, ou a curiosidade mórbida de saber quem afinal eu esperava, pois, quando o fez, olhei directamente para a mesa das três pessoas. Julgo ter sido apenas um segundo – não pode ter sido mais do que isso – que o meu olhar se deteve, mas foi o suficiente para que me fosse infligida uma espécie de dor que eu nunca sentira nem voltarei a sentir, como se me estilhaçassem os ossos e me explodissem os órgãos, deixando-me vazio. Nada, nem mesmo a voz do breve telefonema que me lançara ao chão e me mantivera acordado durante dias me poderia preparar para o que vi nesse instante. Diante de mim, de frente para mim, encontravam-se duas presenças femininas na companhia do homem. Uma delas tinha a minha idade, a outra era ainda uma criança. A mais velha, ainda que o cabelo fosse agora de uma cor diferente, ainda que as roupas que usava – um vestido verde – me fossem desconhecidas, ainda que usasse maquilhagem, acentuando a beleza carnuda dos lábios, era, sem que restasse sombra de dúvida, a minha mulher; a criança ao seu lado, a minha filha.

Julguei ter enlouquecido. Eu estava louco, e o lugar onde me encontrava era o inferno dos dementes, onde os humanos se misturam com as bestas e assumem as suas feições, os mortos ocupando o lugar dos vivos. Encontrava-me possuído de dois impulsos contrários. Um fazia-me querer erguer a cabeça, tirar o chapéu e caminhar até à mesa junto ao espelho, desmascarando naquele momento a gigantesca farsa que era encenada perante mim. O outro impulso, mais forte, manteve-me quieto, quase imóvel, olhando para as mãos que tremiam sem parar, tentando acalmar o remoinho de perguntas que navegavam no meu sangue.

Quando o empregado se aproximou para pousar diante de mim um prato de comida – nunca uma refeição teve para mim um cheiro tão repulsivo, a ponto de quase lhe vomitar em cima –, ergui outra vez os olhos. Desta, troquei um olhar directo, inconfundível, com a minha mulher. Eu olhei-a, e ela olhou-me. Mas se o meu olhar era de indagação intensa, de súplica por uma resposta, o dela era o olhar de um estranho. A minha mulher, a poucos metros de mim – a minha mulher que eu julgava morta – olhou-me e depois desviou o olhar, voltando a sorrir para o homem a quem eu não podia ver o rosto, como se eu nunca tivesse existido. Os seus olhos azul-claros viram os meus, entraram pelos meus dentro e saíram da mesma maneira. Era verdade que ela se encontrava diferente, mas a diferença era puramente de circunstância – o

cabelo, as roupas, a maquilhagem – e continuava a ser a mesma criatura com quem eu partilhara mais de uma década de vida. E, no entanto, era como se nunca nos tivéssemos conhecido.

Interroguei-me sobre se eu teria mudado, se esta longa temporada de isolamento me tornara radicalmente diferente, chegando a afectar o meu aspecto exterior, mas logo abandonei o pensamento. Quando se conhece alguém intimamente, durante tanto tempo, não há chapéu ou cicatriz que sirva para nos disfarçar.

Afastei o prato. Não sabia o que fazer. Uma aflitiva tristeza enchia-me o coração, e também um intenso ciúme. Queria ver o rosto daquele homem grande e careca que com elas jantava, falando de coisas que eu não podia adivinhar, partilhando a companhia da minha família que eu julgara perdida. Imaginei que me erguia, gritando o nome das duas, e que elas finalmente reconheciam a minha presença e corriam até mim, a menina rodeando-me o pescoço com os braços, a minha mulher sorrindo perante a beleza do reencontro. Imaginei que saíamos juntos do restaurante e apanhávamos um táxi para casa, como costumávamos fazer noutro tempo, e eu ficava acordado até mais tarde, acariciando o cabelo cheio de aromas das duas adormecidas no sofá. Devo ter perdido por esse instante a noção de onde estava, porque, de súbito, quem me olhava era a minha filha. Um baque surdo encheu-me o peito de dor. Os seus olhos interrogadores perscrutavam os meus, as suas mãos pequenas seguravam um copo de água sobre a mesa, e os cabelos louros caíam-lhe sobre o rosto daquele jeito infantil. Não conseguia ver no seu olhar aquela procura paternal, aquela ternura intraduzível a que me habituara em Nina. Abri muito os olhos, franzi-os, tentei procurar uma expressão ou um sinal que despertasse nela a minha memória. Mas enquanto a sua mãe erguia um copo de vinho que levava aos lábios, acompanhada do estranho, tudo o que eu recebia de volta era uma curiosidade inocente. A minha esperança durou um momento, e depois sumiu-se quando reparei para que era que Nina olhava. Da borda da minha mesa escorria um grosso fio de molho para o chão, pingando e salpicando uma poça junto aos meus pés. Quando afastara o prato, entornara-o por descuido.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Sem anúncio ou preparo, uma maré subiu-me à garganta, inundando-me de raiva, de choro e de impotência. Um espasmo projectou-me para a frente. Alguém numa mesa próxima parara subitamente de falar. Outro espasmo fez-me morder o lábio inferior. Chorei com o corpo inteiro, convulsivo, sacudindo a cada nova vaga, e em pouco tempo o restaurante emudecera, quebrando o ritmo natural das vozes e comentando baixinho o homem que caíra num pranto, sozinho, à sua mesa junto da janela. E tudo o que viam era um estranho de cabeça baixa, o rosto escondido por um chapéu, um bloco de notas aberto sobre a mesa e o pingar intermitente do molho.

Não sei o que aconteceu depois. Recordo que o empregado de mesa se aproximou, e que de repente me encontrei na rua, mas o intervalo entre estar dentro e fora do restaurante permanece uma incógnita. É-me impossível dizer como sucedeu, se o fiz pelos meus próprios meios, se alguém me acompanhou à porta. Encontrei-me no passeio, uma chuva miudinha salpicando a

aba do chapéu, o bloco de notas outra vez no bolso da gabardina, a face coberta de lágrimas secas. Murmurei para a humidade quente do ar: *estou louco*. Disse uma e outra vez as palavras, *estou louco*, cada vez mais baixinho, cada vez mais devagar, até os sons articulados se transformarem em suspiros, até as palavras desaparecerem e perderem o sentido. Caminhei sem direcção. Ao passar pela montra de vidro de uma cafetaria, olhei-me. No interior, pessoas jovens bebiam café sentadas em sofás coloridos. Procurei no meu reflexo sinais de que eu era agora um homem inidentificável, mas apenas serviu para aumentar a minha angústia: tudo o que via era eu, o mesmo eu de ontem e do dia antes desse, o mesmo denso cabelo preto por debaixo da aba, aqui e ali reflexos prateados e cinzentos, os mesmos olhos cansados sob as sobrelanceiras pesadas, o mesmo nariz de adolescente, os mesmos lábios gretados e os dentes amarelados pelo fumo de cigarros.

O estado de choque em que caíra cedo deu lugar a uma terrível sensação de cobardia. Continuei a caminhar, mas o meu corpo parecia pesar uma tonelada. Quis voltar atrás, entrar no restaurante e, usando a força se fosse necessário, afastar o estranho que jantava com a minha família. Mas não me era possível. Que certeza poderia eu ter de que aquelas pessoas que vira eram a minha família? Era a mesma espécie de certeza que tinha sobre a voz que ouvira ao telefone noites antes, que eu julgara ser a voz da minha mulher, mas modificada, assumindo o tom grave de quem ordena. Era a mesma espécie de certeza que eu tinha sobre tudo isto não ser mais do que uma piada de mau gosto encenada por Roy; a mesma espécie de certeza que tinha em relação à minha insanidade.

Um aperto forte em redor do peito deteve-me. Ouvi, à distância, o lamento de uma coruja. Tirei o chapéu, segurei-o pela aba e, subitamente, recuperei alguma lucidez. Que poderia eu dizer, que poderia eu fazer? Contar uma história destas à Polícia seria inútil e embaraçoso, mas continuar a viver assim era uma loucura. Foi nesse momento, parado no incrível silêncio de uma rua deserta e anónima algures em Londres, que o estranho destino que me aguardava se apresentou perante mim. Fosse como fosse, eu não poderia voltar atrás. Ainda que fossem elas e, ao final de um esforço de reconhecimento, as pudesse despertar da amnésia a que haviam sido entregues, não poderia nunca mais voltar atrás. Julgo que foi esta certeza que me fez abater e soltar tantas lágrimas. Havia atravessado um deserto tão imenso que me tinha tornado uma criatura do deserto. Já não poderia voltar a viver num oásis porque desejava a sede, as rochas, a areia escaldante, a solidão, e o eco de quilómetros em redor.

Quando cheguei a casa, a minha decisão estava tomada. Só mais tarde – dias mais tarde – me ocorreu que talvez pudesse ter estado na presença de Roy. Mas esses dias de que falo foram de tamanha determinação interior que deixou de existir espaço para conjecturas. Se continuo a derramar palavras neste momento, é apenas porque existiu ainda um acontecimento de alguma importância para o desfecho da minha estória.

Iniciei o processo de consumação nessa mesma noite. Acendi a luz da escrivaninha, fumei um cigarro que me soube a sal, e continuei a escrever o que havia começado no restaurante.

De uma forma incauta e desprotegida, revi aquilo que havia sido a minha vida durante todo este tempo, lembrando uma a uma as personagens que povoaram o meu pequeno mundo repleto de mistérios. Recordei o estudante franzino, e o homem colossal, e a bela rapariga por quem me apaixonara. Recordei os diários, e a minha intensa dedicação, e os desconhecidos de quem havia documentado as vidas. Recordei, mesmo que ainda ali estivesse, o meu apartamento povoado de pulgas e insectos, e o velho sofá e o cobertor laranja, e a apaziguadora fotografia dos mortos. A meio da noite, ergui-me e alcancei o telefone. Tinha uma mensagem de Helena que perguntava por mim. Houve um brevíssimo esboço de sorriso nos meus lábios que se desfez antes de existir. Apaguei a mensagem e fui dormir.

Na manhã seguinte iniciei os preparativos. Telefonei ao senhorio e informei-o da minha decisão de deixar o apartamento, que foi recebida com a mesma indiferença de quando o informara que nele ficaria. Fui aos correios – era um dia surpreendente de calor e usei uma camisa de manga curta azul e calções – e cancelei o aluguer da minha caixa postal. No caminho para casa passei pela loja que cheirava a incenso e comprei, ainda que não tivesse intenção de a beber, uma última garrafa de vinho ao homem do turbante, dizendo-lhe que não nos tornaríamos a ver. Ele despediu-se de mim com um aperto de mão e ofereceu-me uma caixa de chá.

Encontrei alguma dificuldade em comprar a arma. Não imaginava que pudesse ser tão difícil. Recordei os filmes da infância nos quais é um dado adquirido que tanto os heróis como os vilões carregam uma pistola. No meu caso, tive de percorrer a cidade em busca de um vendedor ilegal. Não possuía licença de porte de arma e não tinha tempo nem vontade de a adquirir. Numa loja de armas de caça em Camden consegui o contacto de um vendedor ilegal dando um pequeno suborno ao empregado. Nessa mesma noite, encontrei-me nas traseiras de um restaurante vietnamita em Bethnal Green, aguardando um homem enorme de capuz que me entregou uma pistola embrulhada num pano de seda azul e uma caixa de balas em troca de uma quantia em dinheiro, tudo em silêncio. Guardei a pistola na gaveta da escrivaninha.

Nos dias que se seguiram mantive-me ocupado em terminar o trabalho. Revi uma a uma as páginas que escrevera, corrigindo e acrescentando, usando da paciência que descobrira em permanecer sentado sem procurar distrações. Perdera o hábito de olhar pela janela e, se de vez em quando os olhos se erguiam, era apenas durante o dia, quando o reflexo da luz tornava o interior dos quartos inacessível. Tinha, no entanto, algumas saudades do estudante franzino, e apetecia-me por vezes afastar as cortinas e espreitá-lo, acenando-lhe deste lado, mesmo sabendo que não me via. Mas temia ainda o homem colossal, e o seu olhar frio e ameaçador. Não sabia explicar porquê, mas estava de alguma maneira seguro de que ele se encontrava envolvido na farsa que havia sido encenada, ele que fora o único a reconhecer a minha presença no apartamento.

Repito que não houve tempo para conjecturas. Entre escrever a minha história e terminar as páginas deste livro, ocorreu pouca coisa, ou melhor, o tempo traiu-me constantemente: quando julgava serem horas de almoçar, já a tarde caía; quando sentia sono e queria dormir, era de

madrugada, e eu continuava sentado à escrivaninha. Pela primeira vez senti que as horas pesavam, e que o passar dos minutos era equivalente à galopante pulsação do sangue nas minhas veias. O trabalho era interrompido apenas pelo tocar intermitente do telefone, e em todas as vezes era Helena, e eu nunca atendi. Pesou-me no coração a sua voz. Ao princípio as mensagens que deixava perguntavam por mim no tom descontraído, talvez um pouco fingido, de quem contacta um amigo sem ocasião especial, apenas porque sim. Mas então reparei que o telefone tocava a intervalos cada vez mais espaçados, e as mensagens tornaram-se um pouco amargas, não uma censura mas um desapontamento, uma voz de rendição. Compreendi assim que Helena me iria esquecer à medida do meu desaparecimento, da minha morte, como uma fotografia que amarelece ou uma garrafa que se perde no mar, e isso satisfez-me, pois era a coisa mais justa a fazer.

Não vou mentir. Não vou dizer que, de cada vez que o telefone tocou, não existiu em mim um impulso quase irresistível de me erguer e atender, trocando com Helena as doces palavras de um reencontro. Não posso negar que o desejo que ainda sentia por ela não me tenha atraído aqui e ali, despertando um calor nos meus membros, e trazendo com a brisa da tarde o aroma do seu pescoço nos meus lábios, o perfume do seu cabelo, o cheiro do seu sexo nos meus dedos. Seja como for, nenhum destes caprichos se intrometeu no meu caminho. Eu ganhara uma determinação que nascia do impulso de fazer aquilo que era devido, e foi assim que, página por página, terminei esta obra. Foi num sábado, se não estou enganado, que enfiei no rolo da máquina a última página em branco que ainda não me encontrava preparado para redigir.

Utilizei um elástico para juntar as páginas que havia terminado. Era um bloco sólido que guardei na gaveta da escrivaninha. Abri o pano de veludo e olhei a pistola, que parecia subitamente mais pesada, a coronha brilhante, o cano reflectindo a minha imagem distorcida. Abri o tambor e introduzi um por um os seis cartuchos. Numa mochila enfiei sem cuidado uma muda de roupa. Desliguei as luzes e dormi no sofá.

A viagem encontrou-me enjoado no último compartimento do comboio. Saíra de Paddington pela madrugada em direcção ao Sul e, apesar do calor, uma chuva de Verão salpicava a janela. Campos e mais campos esverdeados e pequenas cidades passavam como relâmpagos. Desde que acordara, um formigueiro atormentava-me o estômago, deixando-me ansioso e angustiado. Tinha dormido numa posição desconfortável e doíam-me o pescoço e os ombros, e não conseguia encontrar descanso no banco rígido, por isso caminhei pelo corredor algum tempo. Uma família – pai, mãe e filha – encontrava-se também fora do compartimento. A mãe e a filha admiravam a paisagem pela janela, o pai fumava um cigarro e massajava as têmporas com o polegar e o indicador. De mãos nos bolsos, observei-os pelo canto do olho e identifiquei uma inquietação no homem que era parecida com a minha, como se ele também fosse ao encontro do desconhecido, um destino para o qual poderia não estar preparado. Depois afastei o pensamento, mesmo após encontrar o seu olhar por um segundo: tudo o que eu poderia pensar

ou julgar nada mais era do que um engano. Tinha aprendido isso, e era agora um homem cauteloso com as minhas conclusões.

No último terço da viagem dormi um pouco, mas fui acordado pela voz distorcida anunciando a chegada iminente. Chovia na pequena cidade. Ao sair da estação cheirei o mar que me trouxe memórias da infância. Pensei que deveria caminhar até ao mar, descalçando os sapatos na praia de pequenas pedras cinzentas, mas nesse instante um táxi surgiu e entrei. Anunciei a morada ao condutor e pedi-lhe que tomasse o caminho costeiro. Ele respondeu que era o único caminho que conhecia e eu nada disse, encostando-me ao assento, rodeando a mochila ao colo com os braços e sentindo que o coração se me derretia numa confusão de angústia e saudade. Passámos a rua principal e descemos ao passeio marítimo onde não se via ninguém, as esplanadas fechadas, o mar revoltado e a chuva caindo sobre ele, o sol escondido por detrás de uma nuvem gigante. Depois deixámos o centro da cidade e subimos as colinas, e eu fechei os olhos e deixei que a memória me guiasse. Dez minutos passados o táxi parou.

Entre no hospital de Brighton à hora do almoço. A recepcionista comia uma sandes e falava ao telefone. O cheiro do éter deu-me a volta ao estômago, e durante alguns segundos não fui capaz de falar, mastigando em silêncio o travo amargo que me subira à boca. Anunciei quem desejava visitar, passei a minha documentação através da abertura no vidro e aguardei sentado numa cadeira de plástico junto da parede. Uma enfermeira chamada Rachel surgiu pouco tempo depois e foi amável comigo, conduzindo-me então por um labirinto de corredores brancos onde alguns pacientes caminhavam sem destino. Usavam batas cinzentas e chinelos, e eram todos magros, de pulsos e tornozelos finos. Alguns, sentados em cadeiras de rodas, jogavam xadrez em pequenos tabuleiros, e outros simplesmente olhavam para o tecto. Quase todos cumprimentaram a enfermeira quando passou, e um velho sentado numa cadeira com um cobertor enrolado ao tronco estendeu uma mão enrugada para lhe tocar, mas Rachel afastou-se subtilmente, evitando com diplomacia o contacto. Subimos as escadas e passámos por várias portas. No terceiro piso li a inscrição *Psiquiatria*, e por um instante julguei que era para ali que seria conduzido, mas para meu alívio subimos mais um piso até aos internamentos.

Fui deixado a sós junto da porta aberta do quarto 412. No interior podia ver uma cama e as pernas enrugadas de uma mulher, ao fundo uma janela aberta onde se via a encosta e o mar. Entrei em silêncio, e logo um perfume diferente ou um aroma no ar escondeu o cheiro nauseabundo do hospital. Olhei a minha mãe adormecida sobre a cama. A cortina branca da janela foi erguida por uma lufada de vento quente, depois voltou a cair.

Tinha o cabelo todo branco. Não era assim da última vez que a vira, algures no Inverno, quase um ano antes. Caía-lhe suavemente sobre a cabeça minguada, pequena, as madeixas mal cortadas atrás das orelhas, os olhos da cor do céu a perscrutarem os meus como se não soubesse quem eu era. A boca fina, marcada de um resto de batom, abriu-se para dizer alguma coisa, uma palavra, um som, e assim cheguei perto. Cheirava a flores e a sono. Dos seus lábios saiu uma palavra que não compreendi, e então os seus braços finíssimos envolveram o meu pescoço e beijou-me na face.

Passei a noite em claro, escutando os ruídos distantes e por vezes assustadores do antigo hospital. Os passos nos corredores produziam o eco de milhares de passos, um exército de enfermeiras marchando na sombra, e os gritos de alguns pacientes subiam as escadas em espirais de agonia. Mas, quando existia o silêncio, era um agradável silêncio. Sentei-me na cadeira em frente da cama e tirei da mochila uma camisa lavada, trocando-a pela que vestia, suada da viagem. Da janela via-se uma luz ao fundo, perdida no mar, que talvez fosse um farol, pois era um fogo intermitente. E ouvia-se também o som prolongado das ondas, e o respirar da minha mãe, pacífico e compassado.

Quando consegui abstrair-me dos sons interiores, descobri um repouso insuspeito, como não sentia há muito tempo, talvez anos. Longe da cidade, afastado do meu apartamento sujo e opressivo, distante dos estranhos que povoavam a minha vida, senti-me liberto e inocente. A constante tensão em que o meu corpo existia abandonou-me nessa noite, e uma estranha leveza invadiu-me. Sem dormir, fechei os olhos e repousei.

O dedo da minha mãe apontou para a fotografia e li nos seus olhos a pergunta. Encontrava-se de pé, era muito cedo de manhã. Raios de sol inundavam o quarto. Usava uma bata branca que lhe cobria o corpo todo, incluindo os pés. Era uma fotografia de nós os três – eu, a minha mulher e a minha filha – tirada no primeiro aniversário de Nina. O dedo sobre os nossos rostos tremia apesar de a minha mãe sorrir, mostrando os dentes pequenos e desacertados. Relembrei a última vez que ela nos vira, aquela manhã de visita à sua casa em que a encontrámos imóvel no sofá, a televisão ligada sem som, os maus cheiros, os membros imóveis da minha mãe lutando por movimento quando nos viu entrar e rodeá-la de atenção. Foi internada nessa mesma tarde.

Esfreguei os olhos, livrando-me do sono, e acenei com a cabeça, sinal de que tudo estava bem. Depois vi o dedo da minha mãe deslizar pela fotografia até parar sobre a menina. Engoli em seco e fiz um enorme esforço para sorrir, o que só pode ter sido um sorriso amarelo e amargo, mas julgo que ela não reparou, pois produziu o som gutural de confirmação satisfeita que sempre produzia quando queria expressar contentamento. Correu-me então a mão pelo rosto e, passo ante passo, devagar, dirigiu-se à casa de banho.

Meia hora depois saímos. Ela usava um vestido azul com pequenas flores brancas e chinelos de praia. Admirei a sua figura ainda elegante, precocemente doente, conforme descíamos as escadas até ao primeiro piso. No caminho cruzámo-nos com a enfermeira Rachel e a minha mãe insistiu em beijá-la, rodeando-lhe o pescoço com o braço. A enfermeira Rachel devolveu o beijo e olhou-me com olhos cúmplices e desejou-nos um bom dia. Quando atravessei a porta do hospital senti que o vento que se levantava do mar iria amenizar o calor, o que era perfeito para um passeio.

Caminhámos durante uma hora em silêncio. A minha mãe emitia um ou outro som quando via qualquer coisa que a espantasse, como um animal, ou uma árvore, ou uma nuvem, e apontava com o dedo, para que eu pudesse também ver. O braço dela, entrelaçado com o meu,

apertava-me à presença destas coisas, e era curioso e divertido observá-la – alguém que havia atingido uma condição que não lembrava a velhice ou a infância, mas algo anterior, um tempo em que o mundo era feito de coisas ainda por nomear.

Detivemo-nos quando chegámos ao mar. Encontrávamo-nos no topo da encosta, ao fundo a cidade, apenas uma miragem, mesmo por baixo as águas revoltas, salpicando o ar de gotas salgadas. A encosta era quase a pique, talvez duas ou três dezenas de metros, mas a rebentação sentia-se na sola dos pés, um ligeiro tremor de espuma contra a rocha castanha e erodida. Ao fim de algum tempo a minha mãe suspirou, erguendo o peito e soltando o ar; parecia serena. Olhei o seu perfil e pela primeira vez indaguei se ela saberia que este não era um passeio qualquer, mas uma despedida. Era difícil, quase impossível, adivinhar que pensamentos lhe ocorriam, e a dificuldade em falar tornara-a uma criatura solitária, que ruma velhice adentro. Uma enorme onda de ternura invadiu-me, e rodeei-a com o braço. Senti os ossos do seu ombro magro nos meus dedos, e nesse momento quis falar, quis saber o que ela sentia e pensava – quis perguntar-lhe, nessa tarde que era a última tarde, se ela julgava tal como eu que tudo era um mistério, uma vontade de outrem, se ela também sentia na sua velhice, de olhos arredondados pelo cansaço dos anos, que a vida era apenas isto – uma angústia, um gesto inútil, um sobressalto.

Não obtive resposta pois não fiz a pergunta. Ficámos a ver o mar ir e vir, embalados pelas ondas. Fizemos o caminho de regresso ao hospital quando se aproximava a hora de almoço dos internados. Era também altura de eu partir, pois o comboio para Londres esperava-me. A minha mãe devia saber que eu partia – talvez porque carregasse comigo a mochila – pois quando atingimos o jardim do hospital deteve-se e, erguendo-se em bicos de pés, deu-me um abraço e deixou as costas da mão deslizarem sobre o meu rosto. Fiquei ali parado, muito quieto, a vê-la afastar-se lentamente, o corpo muito franzino no vestido azul, e quis mais do que nunca levá-la comigo, resgatá-la à solidão daquele lugar. Mas ela sabia melhor do que eu que era ali que pertencia. Eu nunca poderia cuidar dela como a enfermeira Rachel, e fosse como fosse tinha as horas contadas. Ainda assim, tive de correr para a estação, pois permaneci muito tempo à porta do hospital. Muito depois de a minha mãe entrar, muito depois de ela ter almoçado, talvez quando já dormia e sonhava com as nuvens, voltei-me em direcção à cidade.

Era irónico que eu não pudesse escrever sobre o meu próprio suicídio. Não poderia sentar-me e descrever a sensação exacta do frio que o cano da pistola produzia quando pressionado contra a têmpora, durante o último segundo fugidio, antes de a bala entrar no cérebro e sair pelo outro lado, desfazendo para sempre o ritmo alucinante do pensamento humano, nem a queda lenta do corpo da cadeira, provocando o baque e o derramamento do sangue.

Foi nisto que pensei quando aponte a arma à cabeça. Durante as primeiras horas da noite observara-a, tratara-a entre as minhas mãos como um objecto raro, uma antiguidade destinada a cumprir um ritual. Agora, que bastava um gesto, olhava desesperadamente a folha em branco

na máquina de escrever, olhava a fotografia dos mortos, olhava as cortinas da janela, olhava o manuscrito sobre a escrivaninha, procurando um sentido, um sinal, ou uma demora. Olhava as últimas coisas que deixaria no mundo e não era capaz de premir o gatilho. Não sei dizer se foi porque permanecia estupidamente agarrado à vida, ou porque o telefone tocou.

Larguei a arma, que caiu no chão com um ruído seco, e corri para atender, o suor na testa libertando-se como um alívio. Não sei o que esperava, mas nesse instante qualquer coisa serviria para adiar aquele momento inevitável. Do outro lado surgiu a voz familiar:

«Olha pela janela.»

A linha telefônica morreu. Ergui-me, a mão que segurara a arma ainda tremia, e aproximei-me das cortinas. Um calafrio subiu-me do estômago e senti que as pernas se arqueavam sem forças. Com um gesto repentino, afastei o tecido, e vi o homem colossal. A minha primeira reacção foi de alívio. Encontrava-se tal como o deixara – há uma eternidade – caminhando sem destino no seu quarto. Não existia luz no quarto do estudante franzino. Durante uns minutos observei em silêncio, depois olhei o telefone, esperando que tocasse a qualquer instante, ordenando o meu próximo passo. O silêncio era brutal. Olhei a minha própria respiração contra o vidro, escutei o zumbido de um insecto desgovernado no ar nocturno.

Preparava-me para cerrar novamente as cortinas e ensaiar outra vez com a pistola quando algo me deteve. O homem colossal parara de caminhar. Franzi o sobrolho, tentei descortinar algo na sua expressão, mas não houve tempo: como uma rajada de vento, saiu do quarto, deixando a porta escancarada. Houve um breve intervalo e então o meu olhar derivou para a esquerda, porque a porta do quarto do estudante franzino se abria, largando uma fresta de luz do corredor que deixava o quarto na penumbra. Não podia ver o homem colossal, mas podia ver a sombra do seu vulto, enorme e ameaçador, aproximar-se da cama onde o outro dormia. Foi por instinto que me baixei, sem tirar os olhos da janela, e tacteei o chão em busca da arma, antecipando o que se iria passar, um medo arrepiante a devorar-me por dentro. Quando o homem colossal se debruçou sobre a cama, lançando as mãos ao pescoço do estudante franzino, larguei um grito involuntário, e nesse momento a porta do quarto fechou-se, deixando tudo na escuridão.

Fiquei parado como uma estátua, uma mão na coronha da arma, a outra de dedos abertos no vidro. Não conseguia respirar e não sabia o que fazer. O primeiro instinto dizia-me que corresse escada abaixo e, de pistola em punho, invadisse a residência de estudantes. Mas, quando lá chegasse, e passasse o porteiro, e encontrasse entre a centena de quartos o que pertencia ao estudante franzino, já tudo estaria terminado. A mão tremeu-me ainda mais. Num pânico intenso, procurei uma solução e desejei que tivesse cumprido o ritual que me propusera para não ter de assistir a este homicídio, do qual eu era inteiramente culpado – eu que havia sido o delator do pobre estudante franzino, eu que havia exposto a sua vida à avaliação de Roy.

No instante em que me voltei para telefonar à Polícia, e que perante mim se descortinava já uma noite numa esquadra moribunda, respondendo a perguntas inúteis, vendo passar o corpo

escondido por um lençol branco, o telefone tocou. Hesitei em atender, lançando a mão uma e duas vezes em falso, sentindo como um tambor no coração o segundo e terceiro toques.

Encostei o auscultador ao ouvido sem conseguir falar.

«Não te preocupes com o teu amigo. Ele não está morto.»

Era a voz de sempre. A língua descolou-se-me da garganta.

«Roy? Roy?»

«Como quiseses.»

«Mas eu vi-o morrer.»

«O que viste não importa.»

Fiquei em silêncio. Aquela era uma voz da qual não se podia duvidar.

«O teu amigo simplesmente passou para o nosso lado.»

«Lado? Que lado? Não sei do que falas.»

«É uma maneira de dizer que se transformou num fantasma.»

«Não compreendo.»

«Cedo compreenderás.»

«Mas nós não somos fantasmas. Nós estamos vivos.»

A voz soltou um riso breve.

«Tu és um fantasma.»

«Não mais do que tu, por certo.»

«Por certo.»

«O que queres dizer com isso? Eu sei que ainda estou vivo. Consigo respirar. Consigo tocar nas coisas. Neste momento estou a tocar na coronha de uma arma, e sei que ela existe, tem a mesma realidade do que eu. Se quiser posso dirigir-me à janela e abri-la, e o ar da noite entrará pela sala.»

«Isso nada significa. Continuas a ser um fantasma.»

«Explica-te.»

Seguiu-se um silêncio. A voz tossiu e tornou-se mais nítida.

«É simples. Não compreendes que um fantasma é um homem que ninguém vê, mesmo que ande neste mundo? Há muito mais fantasmas do que imaginas, todos invisíveis, todos deste lado. Eu sou um deles, tu és um deles. O teu amigo do prédio fronteiro é um deles. Podes tocar o teu corpo, nos braços, nas pernas, nas feridas, e pensares, ainda estou aqui. Mas, se és um fantasma, que sentido faz tocares-te para teres a certeza de não o ser?»

«Queres dizer que eu não estou vivo?»

«Não como julgas estar.»

«Eu pensei matar-me. O que dizes disso?»

«Não o fizeste.»

«Então estou vivo.»

«Nem uma coisa nem outra.»

Uma irritação apoderava-se de mim.

«Quem és tu, afinal?»

«Isso pouco importa. O que importa é que sou como tu. Todo este tempo que exististe foi para me encontrares, e eu para te encontrar a ti. Cedo encontrarás os outros como nós.»

«Mas eu nunca te encontrei.»

«Estou aqui contigo.»

«És apenas uma voz.»

«Sou a voz que te guia. Assim tenho sido todo este tempo.»

«Há outras coisas que preciso de saber.»

«A seu tempo irás saber o que precisas.»

«Preciso de saber agora. Quero que me respondas a umas tantas perguntas.»

«Não me parece», disse a voz em tom de escárnio, «que estejas em posição de fazer exigências. Mas admiro a tua insistência. No entanto, é preciso teres cuidado com o que irás perguntar, pois há coisas que é melhor não tentares compreender.»

«Como, por exemplo?»

«Como, por exemplo, suponho que me queiras perguntar sobre a tua família.»

Senti o coração saltar dentro do peito.

«Sim», respondi.

«Pois bem. Não é verdade que viste a tua mulher e filha recentemente?»

«Julgo que sim.»

«E o que fizeste acerca disso?»

«Não compreendo.»

«Deixa-me lembrar-te, então. Estiveste, há pouco tempo, no mesmo lugar que a tua mulher e a tua filha. Um restaurante. Entre a tua mesa e a delas existia não mais do que o espaço de três passos largos. O que seria de esperar de um homem era que tudo fizesse para as recuperar, para as trazer para junto dele. A tua única reacção, no entanto, foi fugir. Claro, os motivos das tuas acções pertencem-te apenas a ti – medo, cobardia, indiferença, tanto faz – e são indescortináveis. Mas as consequências das tuas acções trazem-te ao ponto em que estás agora, de arma em punho, considerando tirares a tua própria vida, quando um pequeno gesto bastaria para que tivesses recuperado o que te pertencera.»

«Não acredito nisso. Mentas.»

«Achas que te minto? Dou-te outro exemplo. Lembras-te de, a certa altura, seguires o teu amigo do prédio em frente?»

«Sim.»

«E recordas-te de uma tarde em que, por acidente ou não, chegaram a trocar palavras?»

Uma espécie de vergonha miudinha invadiu-me. Murmurei algo indistinto.

«Tiveste nesse momento outra oportunidade de estabelecer contacto, de quebrar o isolamento, de reconheceres um outro como alguém que existe fora de ti. O que te estou a tentar mostrar é isto: a tua vida dependeu apenas da tua vontade, e tu fugiste-lhe em todos os momentos. Preferiste a tua reclusão e escolheste o desespero em vez de reconstruíres o mundo

em teu redor. Não tens um único amigo e não conheces ninguém. Vives como um condenado, fechado num quarto de cortinas cerradas, aguardando o fatídico dia em que irás desaparecer, anónimo e ausente, da memória de outros. Para trás deixarás nada, ou menos do que nada. Por tua vontade tornar-te-ias um fóssil, uma pedra sem nome, antiga como a criação, sem outro destino senão estar enterrada no fundo do mar, ou ser chutada ao acaso por entre rochas cobertas de visco. Creio que é justo, e corrige-me se estiver enganado, quando te digo que não passas de um fantasma.»

As pálpebras tremeram-me.

«Quero apenas que me respondas a uma pergunta.»

«Espera. Temos pouco tempo. Antes vou explicar-te o que irás fazer pela manhã. Estás preparado?»

«Sim.»

«Pela manhã irás acordar, descer as escadas e abrir a caixa do correio. Dentro encontrarás um papel com uma morada. Irás tomar banho, vestir roupa informal, não demasiado quente. Farás a barba como todos os dias. Deixa tudo arrumado dentro da casa e fecha as cortinas. Atira fora os manuscritos que tens dentro da gaveta. Desfaz-te da arma que tens na mão. Quando saíres, trarás apenas a roupa que tens no corpo. Veste uma gabardina, pois irá chover. Usa o metropolitano.»

«Estarás à minha espera?»

«Talvez sim, talvez não. Mas outros estarão.»

«Compreendo.»

«E agora, qual era a tua última pergunta?»

Respirei fundo. O ar rarefeito da noite no quarto preencheu-me.

«Alguma vez nos encontrámos?»

E foi então que a chamada caiu.

Esta noite terminei o livro. A página em branco já não se encontra em branco, e a máquina de escrever é outra vez um objecto vazio e inanimado. Estou cansado da vigília, mas há algo em mim que continua desperto, pois, apesar de estar sentado, sinto-me tão leve que poderia ser uma nuvem sobre a cidade, ou um punhado de folhas jogadas ao ar, perdendo-se no caminho do vento. Não tenho malas a fazer nem ninguém a quem deixar testemunhos. Levo a roupa que tenho no corpo, mas levo também a fotografia dos mortos e o cobertor laranja, coisas de que me irei desfazer antes de chegar. Não sei aonde vou, mas relembro as palavras que ouvi e que guardo comigo, e concluo que, para o caso, não tem importância nenhuma. Olho pela janela e descubro um prenúncio de chuva. Os quartos ainda ali estão. Visto a gabardina, penso uma última vez no meu amigo estudante e saio, de encontro ao meu estranho destino.

II

Soterrados

A noite para a qual Joseph tanto se havia preparado apanhou-o a dormir, mergulhado num sono profundo. Foi a sua mulher Helena que ouviu as sirenes à distância, seguidas do silvo desconhecido que rasgou o céu, e com um terrível pressentimento de que a morte lhes iria entrar pela casa dentro, abraçou Joseph para que não o levasse.

Porque acordou primeiro, Helena pôde ver o tecto precipitar-se sobre o quarto pequeno e abafado. Joseph ainda dormia quando ela se anichou, cobrindo a cabeça com as mãos, e talvez ainda sonhasse quando duas enormes vigas cederam, destruindo o grande armário de mogno que se abriu como uma noz, e o aquecedor que se desfez em cacos, só por milagre não atingindo nenhum dos dois. A bomba não caiu sobre a casa, mas no jardim comum a quatro casas, onde só cresciam ervas daninhas. O estrondo foi brutal mas estranhamente seco, propagando-se pelo espaço como o rufar de um trovão. Cessou com rapidez, e quando cessou já Joseph e Helena se encontravam debaixo de escombros, os olhos dele acabados de abrir e já arregalados como se presenciassem a criação de uma obra divina, a mulher prostrada a seus pés, chorando.

Tinham atravessado o quarto segurando os braços um do outro, que já não era um quarto mas um destroço, e descido ao andar de baixo pelas escadas que tremiam como se um gigante abanasse a casa pelas fundações. Joseph arrastou Helena, que nada fazia excepto chorar, inundada pelo medo, através do corredor estreito que ficava entre a cozinha e a sala, e ao encontrar o alçapão sob a carpete abriu-o com toda a força que tinha, descendo depois dela para o interior do abrigo.

Poucos minutos depois, o tecto da casa desmantelou-se, cedendo por completo e levando tudo atrás, primeiro as vigas transversais e depois as traves mestras. A parede que ficava voltada para o quintal foi a primeira a ceder, largando toneladas de tijolo, e foi seguida pelas outras paredes. O som que ouviram, no abrigo escuro, foi como uma onda que dá à costa vezes sem conta.

Então tudo terminou. A luz desapareceu, dando lugar a uma densa escuridão, e o ruído transformou-se num murmúrio até se tornar inaudível. Tudo o que se ouvia era o lento choramingar de Helena. Joseph tentou empurrar o alçapão com uma mão, depois com as duas, mas a madeira não se moveu um centímetro. Sentou-se no degrau, pousou os cotovelos nos joelhos, respirou fundo e disse:

«Estamos soterrados.»

Helena parara de chorar, mas o medo estava-lhe no rosto que Joseph não podia ver. Sentada

no degrau junto do chão – a escada tinha apenas três degraus largos –, agarrava-se à roupa dele com dedos cerrados. Joseph tacteou o escuro e sentiu o pó que alastrava pela cave, em ondas sucessivas, e repousava formando um tapete de sujidade. Nessa noite, ou no que restou dela, Joseph não fechou os olhos por um minuto que fosse. A mulher enroscara-se nele como um gato, receosa de conhecer o resto da escuridão, e dormitou a espaços, despertando por vezes de sonhos estranhos murmurando palavras soltas, incoerentes.

Mas a Joseph ocorriam outros pensamentos nessa madrugada de Setembro de 1940. Preocupava-o a textura do pão. Era a primeira madrugada em treze anos que Joseph não iria amassar o pão que a cidade haveria de comer. Recordou, no escuro, como se pudesse cheirá-lo, o aroma que a massa trazia consigo mesmo antes de estar cozida, aquela massa informe e espessa que se alojava debaixo das unhas, que tinha de esfregar sob a água da torneira sempre que regressava a casa. Os treze anos na mesma profissão tinham-lhe ensinado o valor da sua vida. Era um homem modesto, de poucas posses, mas tinha a importância do produto do seu trabalho, que era consumido todos os dias por ricos e pobres. Chegara muito novo à cidade de Londres, ainda rapaz, enviado pelo pai como se fosse um despacho, para fazer alguma coisa da vida, e ganhara com o passar dos anos um lugar respeitável. Tudo o que tinha – uma casa, uma mulher, o respeito dos que conhecia – devia-o à abnegação com que vivera, dia após dia. Talvez por isso, nessa madrugada, o preocupasse a textura do pão.

Acomodou Helena o melhor que conseguiu e resolveu ir procurar uma luz. Não era capaz de repousar e estava habituado a movimentar-se no escuro. Havia um ano que o governo decretara o mínimo indispensável de iluminação nocturna nas casas civis, e como Joseph se deitava tarde – ou, pelo menos, mais tarde do que Helena – tinha muitas vezes de adivinhar o caminho através da casa adormecida.

Estava seguro de que guardara uma lanterna a óleo no abrigo. Quando se tentou erguer para a procurar, no entanto, a nuca bateu-lhe no tecto com estrondo, lembrando-o da exígua dimensão do espaço. O ruído despertou Helena.

«Joseph», chamou, a voz atrapalhada pelo sono. «Aonde vais? Não me deixes aqui sozinha.»

«Volto já», respondeu, de mãos e joelhos no chão, tentando dirigir a voz para onde adivinhou encontrar-se a mulher. O choque com o tecto tinha-o deixado aturdido e perdera o sentido de orientação. Espantou-o, enquanto apalpava às cegas em busca de um ponto de referência e recuperava o equilíbrio mental, a facilidade com que perdia a impressão da distância agora que não podia caminhar.

Era impossível colocar-se de pé ou mesmo curvado. De gatas, vasculhou o abrigo, uma mão em frente do rosto, atirando coisas que não sabia o que eram para os lados, seguindo a direcção onde a memória lhe dizia estarem a lanterna e a caixa de fósforos. Quando as pontas dos dedos reconheceram o metal enferrujado nasceu nele um alívio, e em minutos o fogo pálido e tremeluzente devolveu os contornos às coisas. Através da poeira condensada no ar viu Helena sobre as escadas, e numa estranha ilusão de óptica ela pareceu-lhe estar no fundo

do mar, ao longe, no frio que fazia do outro lado, rodeada de um denso negrume. Não poderiam ser mais do que dois ou três passos, mas os passos não eram possíveis no abrigo, e, como numa fotografia, a imagem fixou-se na retina de Joseph, que via a mulher rodeada de uma incrível beleza fantasmagórica. Se acaso ela se encontrasse desperta, Joseph gostaria de lhe ter descrito. Mas ela já dormia e, além disso, Joseph não sabia exprimir em palavras esse género de visões.

As primeiras horas após despertarem foram passadas junto do alçapão. Tinham perdido com insuspeitada rapidez a contagem do tempo, e nenhum deles sabia dizer se era manhã, ou o princípio da noite. Os sinos das igrejas haviam deixado de tocar em Londres desde a ameaça de invasão, e os dias marcavam-se então, para quem não podia comprar um relógio de pulso, pela posição do sol, que ali nunca chegaria.

Helena encontrava-se repousada, pois nunca precisara de muito sono, e o pânico inicial desaparecera do seu rosto. Ainda que, de cada vez que relembra o momento em que a casa ruíra, um calafrio lhe percorresse os ossos e a assaltasse a imagem de um mundo transformado num cemitério de cinzas, confortava-a a ideia de que ali se encontravam seguros. Nada mais haveria a ruir, tantas horas passadas, e estavam protegidos dos perigos exteriores. Joseph, que sempre se considerara um homem de bom senso, não poderia senão acreditar que os viriam buscar mais cedo ou mais tarde. Era possível que acontecesse naquele mesmo dia; ou talvez no dia seguinte, ou quando os bombardeamentos cessassem. Lá fora, seria por certo mais do que evidente ao mundo o fenomenal destroço de uma casa em escombros.

Ainda se encontravam junto do alçapão, sobre as escadas, quando Helena lhe perguntou por que razão ruíra a casa, o único lar que ambos conheciam. Joseph lembrou-lhe:

«Foi por causa da guerra. Estamos em guerra.»

A mulher ficou silenciosa durante um momento, os olhos translúcidos e molhados, como se tentasse deixar de respirar, ou engolir sem ter fome. Depois tentou assumir uma expressão corajosa, e fazer sentido daquilo que ele lhe dissera, mas havia algo que escapava ao seu entendimento. Compreendia que a nação se encontrasse em guerra; compreendia até que o mundo inteiro se encontrasse em guerra. Mas não compreendia que inimigos eram estes que nunca tinha visto, e que lhes tinham destruído a casa, que era a única coisa que tinham.

As horas passaram com enorme lentidão. A paciência da espera, que nascera da esperança, transformara-se devagar num ligeiro desânimo que apoquentou Joseph, tornando-o silencioso. Helena desejava, mais do que qualquer outra coisa, que ele lhe garantisse faltar pouco até que a porta do abrigo se abrisse e fossem erguidos em braços que se estendessem para os ajudar a subir à luz, emergindo no mundo que, lá fora, continuaria a ter árvores, e estradas, e aguaceiros, e esquilos, e nuvens.

Mas outros pensamentos, mais negros e confusos, ecoavam na cabeça de Joseph, que se encostara à parede no final das escadas e, sentado no chão, olhava a chama bruxuleante da lanterna. Assaltava-o a ideia, na forma de um pânico distante, uma angústia à espreita, de

permanecerem ali muito mais tempo do que poderiam julgar, e essa era uma ideia que não desejava partilhar. Soprou levemente a chama, após levantar cuidadosamente o vidro da lanterna que a protegia, e a escuridão envolveu-os.

Quando fechou os olhos, ouviu pela primeira vez o respirar forte da mulher, e deu-se conta também da sua própria respiração, que era diferente da habitual. Ainda não lhe havia ocorrido que o ar no interior do abrigo pudesse ser um veneno poluído e rarefeito, e tentou adivinhar no silêncio um buraco ou uma fenda por onde o ar entrasse e saísse. Mas tudo o que ouvia era o lento murmúrio da água nos canos. Sentiu então a mão fria de Helena procurar a sua, subindo-lhe pela coxa, e os dedos a entrelaçarem-se nos seus. A mulher sentou-se a seu lado e as lágrimas caíram-lhe sem que ele soubesse.

Quando adormeceu, Joseph sonhou com imagens que tinha visto uma tarde, num filme de propaganda do exército inglês. Nunca contara a Helena que, por vezes, ia sozinho a um cinema ou a um *pub*. Sentara-se na sala vazia, depois de uma tarde de trabalho, as ventoinhas enferrujadas carregando o cheiro a pão e suor que ainda trespassava as suas roupas. As imagens eram diferentes no sonho, talvez por não serem exteriores e limitadas ao ecrã, mas ocupando a plenitude do espaço. Era pura destruição o que sonhava, a destruição de uma cidade espanhola pela legião do condor.

O abrigo havia sido construído por Joseph alguns meses antes dos ataques. No interior guardara todos os mantimentos que o governo aconselhara para a eventualidade da guerra. A luz e o calor eram de primeira necessidade, e para isso serviam a lanterna, e o bidão de petróleo, e um forno a carvão que ficava na parte mais remota do abrigo, onde a escuridão era mais densa. Existiam alimentos em abundância, centenas de enlatados imunes ao tempo e à degeneração, mais do que suficiente para Helena, que comia pouco, e para Joseph, que tantas vezes se esquecia das refeições. A água gotejava de uma torneira que servia uma pequena bacia de estuque branco, ao lado da qual se encontrava um colchão e uma almofada encardidos da poeira e sujidade do abrigo.

Foi durante o repouso de Joseph que Helena se afastou dos degraus pela primeira vez. Rastejou até ao canto junto do forno, onde iria deixar as fezes que não podia mais conter, mas, porque tinha ainda um enorme medo do espaço desconhecido do abrigo, carregou consigo a lanterna. Joseph despertou ao arrastar dos seus joelhos sobre a poeira arenosa e viu-a tactear o chão, afastar-se e regressar momentos depois, amedrontada, o espanto de uma descoberta estampado no rosto. Sentou-se novamente ao seu lado, tremendo, sem coragem para lhe perguntar o que faziam os caixões de madeira encostados à parede por baixo das escadas.

Joseph sentiu-lhe a inquietação e num primeiro instante julgou dever reconfortá-la, explicando-lhe que os caixões haviam sido distribuídos pelas casas dos diferentes bairros para servirem as vítimas da guerra. Mas, ao escutar o choramingar dissimulado e ao sentir o ombro tremente da sua mulher encostado ao seu, uma espécie de fúria silenciosa e inesperada tomou conta dele. Não disse nada, apenas a olhou iluminada pelo fogo, o cabelo desalinhado

sobre os olhos, o suor junto à testa pelo esforço, as maçãs-do-rostto cobertas de poeira.

Pouco a pouco instalou-se no abrigo uma terrível sensação de claustrofobia. Joseph recolhera-se ao silêncio, uma vez que nada lhe apetecia dizer. Não sabia como confortar Helena e não o queria fazer, porque também nele crescia o receio do abandono a uma morte lenta. A angústia ia-o tornando cruel, a ponto de nele ter nascido um desejo irreprimível de estar só, de expulsar a sua própria mulher daquela reclusão forçada. Nunca antes considerara os efeitos de viver naquelas circunstâncias, ainda que os temores da guerra já durassem fazia algum tempo, e só então se apercebia da sua natureza dura e solitária. Sentada junto de Joseph, a mulher lia na sua expressão o vagaroso assomar do desespero. Quando o julgava adormecido, chorava horas a fio, um pranto silencioso cortado por soluços quase imperceptíveis.

Em tempo algum ele fora assim. Joseph adorava a mulher, e sempre considerara que o melhor momento do dia era chegar a casa, ao final da tarde, e encontrá-la debruçada sobre o forno, ou de joelhos junto à lareira tentando trazer o fogo à vida. Olhava-a durante muito tempo, na cozinha, enquanto ela cortava cebolas, alhos e batatas para o jantar, ou simplesmente aguardava que entrasse na sala para lhe trazer uma chávena de chá e um beijo molhado ao rosto. Gostava do silêncio de Helena, e dos olhos castanho-claros limpos e imaculados, sem sombra de mal, e do conforto que sempre sentira ao seu redor. Todas essas memórias eram, no entanto, inúteis face ao crescente desagrado na sua presença. Se pudesse, faria com que ela desaparecesse do abrigo para parte nenhuma até que a situação melhorasse e houvesse algum sinal do exterior de que a salvação viria a caminho.

Os dias passaram e o desânimo transformou-se finalmente em desespero. No instante em que Joseph despertava de um sono inquieto levava as mãos largas ao alçapão e, apoiando um pé no degrau da escada e o outro na parede, empurrava com toda a força que tinha, mas a madeira continuava a recusá-lo, não se movendo nem um centímetro. Helena guardava alguma distância, o coração a bater-lhe com violência dentro do peito, rezando para que Joseph anunciasse que alguma coisa se mexera, os lábios rasgando-se num sorriso e os braços rodeando-a de alegria. Em vez disso, o marido guardava um segundo de silêncio ofegante, para então esmurrar repetidamente o alçapão, usando de toda a força que lhe cabia, gritando obscenidades. Helena afastava-se mais, porque os gritos roucos do marido a faziam tremer, e a voz angustiada tomava conta daquele lugar húmido e escuro. Quando se cansava, Joseph rastejava exausto pelos degraus e ia sentar-se a um canto, a cabeça entre as pernas e os braços inertes em redor dos joelhos.

Helena deixara as escadas e habituara-se a dormir sobre o colchão junto da bacia de água. Na pequena cama o rumor próximo da água ajudava-lhe o repouso, e mantinha a lanterna ao seu lado, a luz criando um círculo em seu redor. Joseph, no entanto, começara a vasculhar a escuridão. O abrigo não tinha mais do que seis ou sete metros de comprimento, mas ele descobrira que quanto mais tempo permanecesse afastado da luz, mais indefinido lhe parecia o espaço. Os limites dissolviam-se, tornava-se maior, e a sensação de claustrofobia que o

afligia desaparecia, desde que estivesse fora da clareira criada pelo fogo. Rastejava de um lado para o outro, procurando a posição que melhor lhe servia para dormir, evitando os cantos mais húmidos e poeirentos, bem como os odores das fezes que Helena limpava, despejando-as na bacia e lavando-a com a água gelada que lhe gretava a pele das mãos.

Joseph começou assim a dormir afastado da mulher, no outro lado do abrigo, apreciando o conforto estéril da solidão.

«Porque dormes desse lado?»

Era Helena que fazia a pergunta depois de apagar a lanterna. Joseph imaginou-a estendida sobre o colchão, de costas, o braço dobrado e a mão sobre a testa.

«Porque dormes desse lado?»

A pergunta repetida surpreendeu-o.

«Gosto do sossego aqui», respondeu.

«Nunca dormimos separados.»

Era a primeira vez que existia entre eles um confronto. Joseph sentiu-se subitamente envergonhado.

«Não tinha pensado nisso.»

«Mesmo quando vivíamos naquele quarto alugado, antes de nos casarmos. Ainda nem tínhamos cama. Dormíamos juntos num sofá no qual só cabia eu. Sempre dormiste ao meu lado.»

Outra vez Joseph nada disse. Tentou recordar esse tempo e a memória surgiu-lhe difusa e distante.

«Achas que nos vêm salvar?»

Ele hesitou.

«Não sei. Talvez. Não podemos ficar aqui para sempre.»

«E se ninguém vier?»

«Nesse caso, temos de começar a pensar no pior.»

«Tens medo de morrer?»

«Não sei.»

Helena soltou um suspiro longo e demorado.

«Eu tenho, Joseph. Tenho medo de morrer e não voltar a ver as coisas lá fora.»

«Mas já pensaste», disse Joseph, detendo-se um momento, «que as coisas lá fora, como tu as conhecias, podem já nem existir?»

«Tenho saudades das árvores no jardim e de me sentar contigo na relva. Tenho saudades da chuva a bater na janela do nosso quarto. Como é possível que estas coisas já não existam?»

Ele não deu resposta. Sabia, no entanto, aquilo a que Helena se referia, pois conhecia bem os momentos que ela mais apreciava. De algum modo, no entanto, o sentimento não atravessou o nervo invisível à flor da pele e permaneceu irrealizado para Joseph.

«E tu?», perguntou Helena. «De que tens saudades?»

Ele pensou durante algum tempo. Na boca tinha ainda o sabor das batatas e feijões que

havam jantado, no chão, em redor do fogo ténue da lanterna. Surgiu-lhe a imagem de Helena e por alguma razão quis beijá-la naquele instante. Sentindo a refeição assentar no estômago, foi invadido subitamente por um estranho ardor, um aquecimento repentino e inesperado dos membros. Talvez tivesse dormitado um pouco depois do jantar, como nas tardes em que regressava da padaria e sentia o cansaço invadi-lo, um outro espírito tomando conta do seu corpo. Mas naquele momento, de olhos abertos na escuridão, o seu corpo sofria de um chamamento implacável, de um desejo inebriante por carne, e por sal, e um outro cheiro. Rastejou em direcção ao colchão, adivinhando o caminho no escuro. Como se Helena estivesse à sua espera, os lábios colaram-se sem procura, e as mãos dele vasculharam o corpo da mulher. Trocaram sons e gemidos antes de Joseph a possuir como nunca antes o fizera, numa cadeia de movimentos cegos, sem fazer qualquer ideia da expressão que ela teria no rosto.

Os sonhos começaram pouco tempo depois, regulares e intensos, como se um fantasma regressasse à casa que decidira assombrar, mas da qual fora expulso. Ainda antes de conhecer Helena, julgara ter-se visto livre dessa memória. Mas as imagens tinham regressado, e cada vez que sonhava o passado tornava-se mais próximo, e a vida que ainda tinha no abrigo o paralelo negativo de outra vida que poderia estar a viver, noutro lugar, num tempo diferente.

A primeira vez que viu Magda, tinha vinte anos e era extremamente pobre. Viviam-se tempos de revolução em Inglaterra, e o país tornara-se ávido de dinheiro, e dinheiro era coisa que Joseph não possuía. Por toda a parte via pobreza, uma pobreza gasta e suja, sem resquício de esperança. O seu pai costumava dizer que era essa a verdadeira pobreza. Vivia num quarto alugado no Sul da cidade, do outro lado do Tamisa, onde passava noites geladas e intermináveis, contando, de cada vez que saía à rua para comprar pão ou leite, o dinheiro que ainda lhe sobrava.

O primeiro trabalho que conseguira, numa fábrica de vestuário militar, pagava apenas o dinheiro indispensável à renda e a uma alimentação espartana. Anos mais tarde, muito tempo passado sobre esta condição, pensaria que o resto surgira como que por magia, à maneira espantosa com que um homem novo ultrapassa todas as dificuldades, mesmo quando tem fome, ou cansaço, ou uma solidão incomensurável. Se havia um lado de Joseph que queria desistir, o lado saudável arrastava atrás de si o enfermo e incapaz, mesmo que os joelhos lhe sangrassem e o estômago o atraísse e pedisse alimento. Ainda assim, durante anos não pôde recordar o cheiro nauseabundo da fábrica, a couro e a alcatrão, ou o calor das máquinas, sem que sentisse uma náusea convulsiva, sem causa física. Foi durante esse período da sua vida, de pobreza e desalento, que conheceu Magda, e em sonhos reviveu então essa memória.

Encontrava-se sentado no único degrau das traseiras do prédio onde morava, numa rua estreita e quase sempre deserta. As casas eram pobres e despidas de cor, e as chaminés largavam um fumo encardido que formava nuvens pestilentas no céu. De onde estava via-se o rio e a ponte, mas se subisse ao terraço, o que às vezes fazia para observar os pássaros nos

postes eléctricos, podia ver a catedral de São Paulo à distância com a sua cúpula imponente, branca e cinzenta, o portão da cidade.

A noite chegava lentamente, trazendo uma brisa morna que agitava as copas das árvores. Era um mês quente em Londres, e Joseph sufocava no interior do quarto minúsculo, preferindo estar cá fora. Fumava um cigarro e coçava a barba de alguns dias, seca e espaçada, quando ela surgiu do outro lado da estrada, vinda de parte nenhuma. Deixou a beata pender dos lábios finos quando a rapariga parou e se sentou sobre os calcanhares no passeio, alimentando um pombo com grãos de milho. O pombo andou à volta do milho, indiferente ao seu benfeitor, as pequenas patas nervosas como mãos que estranham o solo.

A rapariga usava uma saia verde e uma blusa branca. Tinha a pele muito pálida coberta de sardas, e o cabelo castanho apanhado atrás, num laço. Joseph ficou a olhar, espantado que uma rapariga – não poderia ser mais velha do que ele – se detivesse assim no meio da rua para alimentar uma criatura que desapareceria para sempre no momento seguinte. Mas aconteceu que o pombo, em vez de fugir para o beiral de um prédio, atravessou a rua. Pata ante pata chegou junto de Joseph, dando bicadas no chão à procura de grãos invisíveis, e Joseph sentiu o coração acelerar ao ver que aquela rapariga o olhava, ainda sentada sobre os calcanhares. Depois também ela atravessou a rua.

«Parece que ele gosta mais de ti.»

Joseph ergueu os olhos e observou-a. Tinha uma cara larga e angulosa, que a tornava expressiva mesmo sem sorrir. Admirou-lhe o atrevimento de falar com um estranho.

«Parece que sim», respondeu Joseph, um tanto envergonhado, sem saber o que dizer. Mas ela pareceu não dar importância, e agachou-se junto dele.

«Queres experimentar?»

A rapariga abriu a mão direita e mostrou os grãos de milho. Joseph assentiu com um aceno de cabeça e deixou que dos dedos finos dela rolassem os grãos até às suas palmas calejadas. Depois estendeu a mão aberta na direcção do pombo que o olhou com um movimento tenso do pescoço, aproximando-se para bicar o milho. Joseph sentiu que ela sorria, embora não a olhasse.

«Vives aqui perto?»

Ele olhou para a porta do prédio atrás de si.

«No terceiro andar.»

«Eu vivo em Camberwell. O meu pai tem uma padaria a dois quarteirões daqui. Temos uma casa grande, e eu e os meus irmãos temos um andar só para nós.»

«E os teus pais?»

«Vivem no andar de cima», respondeu, rindo. Joseph sentiu-lhe o hálito doce e suave.

«E tu o que fazes da vida?»

Joseph levou um momento a congeminar a resposta.

«Sou jardineiro.»

A mentira trouxe-lhe um sabor amargo à boca; odiava mentir, mas não tinha coragem de

dizer a uma rapariga tão bonita que trabalhava numa fábrica de vestuário para o exército.

«Gostas de flores, então», disse ela. Joseph sentiu-se inseguro, pois não soube dizer se a resposta a havia convencido. «Eu também. O meu irmão mais velho cultivou o nosso quintal, e já consegui fazer crescer gerânios, que são flores difíceis. Não é assim? Costumava trazê-los para o meu quarto e deixava-os em jarras. Agora já não vive connosco. Está no exército, e só regressa para o ano.»

«Mas a guerra já terminou», disse Joseph, que se deu conta do insólito da mentira.

«Pode haver outras», afirmou a rapariga, abrindo muito os olhos. «Quem sabe. E de qualquer modo não depende da vontade dele. O meu pai é que lhe escolheu a carreira.»

Houve um silêncio repentino, durante o qual Joseph deitou um olhar furtivo aos joelhos dela, que se encontravam expostos logo abaixo da saia. Quis, naquele instante, lançar uma mão para o interior da saia, sentindo a escuridão que o tentava por entre as pernas dobradas. Mas em vez disso perguntou:

«E tu o que fazes?»

A rapariga encolheu os ombros.

«Ainda não sei. Por enquanto ajudo o meu pai. Mas gostava de seguir o ofício da minha mãe. Ela é costureira e atende senhoras importantes na cidade. Fui eu que fiz esta saia que trago vestida, com a ajuda dela. Ainda estou a praticar, por isso não tenho clientes. Mas irei ter. Ela diz que, em breve, irei costurar o fato de casamento do meu irmão.»

«O teu irmão vai-se casar?»

«Talvez. Quando regressar.»

Ela olhou para o céu, e pareceu desinteressar-se da conversa.

«Agora tenho de ir. Gostei de falar contigo.»

«Eu também», respondeu Joseph muito depressa, sem tempo de se erguer. «Como é que te chamas?»

«Magda.»

«É um nome bonito», acrescentou ele.

A rapariga já se afastava, mas ainda olhou para trás uma última vez.

«Podes fechar a mão», disse.

«O quê?»

Joseph olhou para baixo e reparou que o pombo desaparecera, quem sabe há quanto tempo. Mas ele permanecia de mão aberta e estendida, sem um único grão sobre a palma vazia.

Os sonhos mergulharam Joseph num outro mundo, do qual não sabia nem desejava evadir-se. Os rostos e os sons do passado eram mais vívidos e reais do que o momento presente, e aprazia-lhe ficar deitado no chão, entorpecido, sentindo o corpo e o espírito vaguearem entre uma e outra dimensão. O único prazer em estar acordado era o momento em que o sono chegava, em que uma escuridão substituíra a outra. Mas a escuridão do sono era diferente, pois não era mero silêncio, ou apenas o respirar compassado de Helena, deitada do outro lado do

abrigo, brevemente iluminada pela luz que parecia esgotar-se a cada hora; aquela escuridão cedo oferecia lugar a imagens e a corpos, a vozes de um outro mundo cheio de cores e desejo.

Nesses sonhos podia ver Magda tal como a conhecera, na beleza intocada do seu corpo jovem. Via-a repousada sobre uma nuvem, o cabelo preso e uma madeixa caindo sobre os olhos claros e aguados, rodeada de um aroma a gerânios, e escutava a sua voz sem precisar de compreender as palavras. Magda flutuava através do espaço temporário do sonho, e então desaparecia, surgindo novamente de lado nenhum para lhe segredar ao ouvido.

Desta maneira, Joseph perdeu a noção da passagem do tempo. Tinham deixado de existir dias ou horas, momentos de vigília ou de sono, e a vida no abrigo foi engolida pela diversidade mutável da sua imaginação. Quando tentava recordar há quanto tempo se encontravam ali, olhando deitado o tecto que ficava à distância do seu braço, procurava adicionar números que correspondiam a momentos, mas o resultado era sempre uma incógnita, um borrão difuso.

A casa ruíra na terceira semana de Setembro, isso ainda sabia. Durante cinco ou seis dias – mas poderiam ter sido mais – havia tentado abrir a porta do alçapão. Depois disso todas as recordações tinham a velhice da eternidade, pertenciam a um tempo em que deixara de existir esperança e, quando deixou de existir esperança, o tempo deixou de ter importância. Recordou o frenesim desesperado de empurrões, murros e insultos no alçapão, a queda em frustração e angústia, e então o silêncio. Poderiam estar ali há um mês, ou há dois. Podia dar-se o caso de estarem soterrados há muito mais tempo do que algum deles acharia possível.

Porém, a passagem desse tempo não afectara apenas Joseph. Helena também estava diferente. Havia deixado de soluçar a espaços, ou de chorar quando julgava que o marido adormecera, e já não padecia da ansiedade do princípio, ou da necessidade de que ele a confortasse. Era ela quem os mantinha vivos. Desmontara com as próprias mãos um dos caixões de contraplacado e com ele fizera uma mesa tosca, onde se encontravam a lanterna e as latas de comida. Quando a luz morria, não mais libertava o assustado som gutural que tanto irritara Joseph – simplesmente pegava na lanterna, rodeada de uma escuridão completa, e joelho ante joelho alcançava o bidão, enchendo a base de petróleo e incendiando o pavio, fazendo rodar a agulheta para controlar a chama. Reduzira a utilização da lanterna ao mínimo e, se antes lhe era impossível dormir na escuridão, tornara-se então uma necessidade, e a luz apenas se acendia durante as horas de sono se assim fosse necessário. Contava de tempos a tempos as latas de comida vazias e as cheias, empilhando-as no canto oposto às escadas. Com as que ainda sobravam, fazia cálculos, dizendo para si mesma que tinham provisões suficientes para um determinado número de meses, se fossem moderados. Deixava a encher, ao acordar e antes de adormecer, a bacia de água para que o precioso líquido não lhes faltasse.

Tornara-se pouco a pouco uma mulher diferente, que substituíra o desespero por uma estranha ilusão que a mantinha lúcida. Continuava a chamar Joseph para jantar, anunciando que a comida estava na mesa, mesmo sabendo que ele deixara de comer junto dela, e advertia-

o para que não dormisse no chão, porque estava demasiado sujo, oferecendo-se para trocar de lugar com ele, sem qualquer resposta. Pedia-lhe que se lavasse junto à bacia, porque o cheiro do corpo a incomodava, sabendo que nunca o faria. Porque se rendera à solidão, inventara por companhia uma pessoa que deixara de existir.

Joseph sabia, quando o corpo dorido lhe interrompia o contínuo fluxo de sonhos e deambulações para fora de si mesmo, que lhe tinha falhado. Ele que deveria tê-la confortado, que deveria organizar, planejar e contar com o futuro, ainda que o futuro se afigurasse um absurdo – ele parecera ter desistido. Mas a tentação do esquecimento era mais forte. Deitado no fundo do abrigo, onde o ar quase não chegava e lhe era difícil – quase impossível – mover-se, tornara-se um homem ridiculamente feliz, como se houvesse chegado ao lugar que lhe estava destinado. Se os membros entorpecidos buscavam movimento, rastejava devagar de um lado para o outro e, se precisava de comer, com a necessidade de um animal, rastejava até junto de Helena, que o alimentava. Se as necessidades do corpo o chamavam, rastejava até junto do fogão, aliviando-se naquele espaço imundo onde o tecto cedera e ficara a dois palmos de distância da sua cabeça.

Nunca antes conhecera a ausência de possibilidades, e descobrira que era tão paralisante quanto inebriante. O homem que em tempos fora tornara-se um antepassado, um vestígio da criatura que era agora, como se tivesse evoluído enquanto espécie – uma evolução solitária, criando a sua própria ramificação no género humano. Quando buscava indícios do homem que fora, surgiam-lhe rastos curtos e breves na forma de imagens: o seu reflexo no vidro embaciado da padaria numa manhã de Inverno, os braços cansados repousados sobre o balcão, um cigarro entre os dedos da mão direita; Helena deitada sobre a cama de mãos unidas na barriga, na posição estranha em que sempre dormia; o seu pai, um vulto grande e estranho de rosto disforme, a perder-se de vista como uma bóia no mar quando a maré vai alta, cada vez mais longe, até a terra se tornar indiscernível das vagas. Eram memórias que não tinham qualquer importância. Surgiam às vezes com a velocidade de relâmpagos, e desapareciam da mesma maneira, dando lugar ao lento ruminar do corpo.

A condição moribunda de Joseph fez nascer em Helena uma nova compreensão sobre o homem com quem partilhara a sua vida. Neste período de isolamento, durante o qual substituiu Joseph por uma criatura imaginária, falando com as mesmas palavras que diria se ele a quisesse ouvir e entender, começou também a arrumá-lo num canto do passado. Do seu lado do abrigo ele parecia-lhe, a cada novo período de escuridão, fugir mais para o interior de si próprio. O que ele descobriria nesse interior assustava-a, e por isso permanecia do seu lado, na expectativa, aguardando, tomando conta daquele lugar escuro e pútrido, e guardando-se alerta para um eventual sinal de salvação.

Mas mesmo Helena não era imune à tentação do esquecimento. Havia uma força invisível que por vezes a chamava, sobretudo nas longas horas em que, encostada à parede junto das escadas, sem conseguir ver Joseph através do negrume, sentia que o andamento do mundo tinha sido cancelado e que ela era a última sobrevivente. A terra era um lugar vazio e o último

homem encontrava-se preso num abrigo subterrâneo. Nesses momentos de solidão – uma solidão tão potente e irrevogável que julgava ouvir vozes à distância – parecia-lhe que o único destino possível era extinguir a luz e deitar-se sobre o colchão, onde se abandonaria. Parecia-lhe que o único final era apodrecer. E isso só não aconteceu porque de dentro de si surgiu, inesperadamente, um alento de vida, um sopro miraculoso tão insuspeitado como fantástico. Ela soube-o no primeiro momento em que, ao levantar o vestido encardido que lhe cobria o corpo, passou a mão pelo ventre.

Joseph não tinha um único amigo na cidade. Todas as tardes após o trabalho jogava xadrez no *pub* local, apinhado de gente pobre e embriagada. Porque ninguém escolhia o companheiro de jogo, a regra era simplesmente chegar e sentar-se a uma mesa livre, ou ocupada por um só jogador. A troca de palavras era frugal e desinteressante, e os jogos podiam durar horas ou minutos, dependendo do talento de cada jogador.

Por vezes deparava-se com um colega de trabalho, porque a fábrica empregava muita gente nessa zona de Londres, mas o mais habitual era encontrar-se entre completos estranhos. Nessa quinta-feira jogava uma partida com um homem muito mais velho do que ele, talvez cinquenta ou sessenta anos, que repetidamente passava os dedos pela barba amarelecida e tossia. O dia encontrava-se cinzento, e através das janelas embaciadas viam-se espectros nublados na rua.

Por alguma razão Joseph não era capaz de se concentrar. De uma assentada o velho comeu-lhe o cavalo com um peão, e o jogo estava perdido. Observou com o canto do olho o esgar desprezível de contentamento do homem, e quis lançar o tabuleiro ao chão, espalhando as peças pela carpete, mas permaneceu silencioso e quieto. Foi nesse instante que o seu olhar foi atraído na direcção do bar. Dois homens erguiam subitamente as vozes, formando uma clareira em redor, e Joseph percebeu que se tratava de uma discussão. Um deles, grande e obeso, de rosto vermelho e inchado, gritava na cara do outro, mais pequeno e magro, mas o motivo da querela permanecia uma incógnita por causa do ruído das vozes. Todos os jogadores de xadrez haviam suspenso as partidas para poderem assistir à discussão.

No momento em que a sala caiu em silêncio os dois homens deixaram de trocar palavras. O homem mais pequeno lançou a mão atrás num gesto desajeitado e lento, derrubando os copos em cima do balcão, e procurou atingir com o punho fechado o rosto do outro homem, mas falhou por completo. Era evidente que se encontrava ébrio. A tentativa ficou incompleta, porque o homem grande, aproveitando a oportunidade, pegou numa caneca de cerveja vazia e partiu-a na cabeça do outro, que desfaleceu de imediato.

O homem que ficou de pé saiu do *pub* a correr pela porta das traseiras, deixando os sons da rua invadirem a sala por instantes. Os jogadores de xadrez passaram do silêncio ao rumor disperso, mas ninguém se ergueu para ajudar o homem desfalecido. Joseph levantou-se e caminhou para onde ele permanecia deitado no chão. Observou-lhe a cabeça ensanguentada e o enorme inchaço no local onde a caneca se estilhaçara. Centenas de minúsculos pedaços de vidro espalhavam-se em redor, e Joseph procurou evitá-los enquanto arrastou o corpo que,

apesar de magro, era sólido e pesado. Segurou-o pelos braços, para que a cabeça não batesse no chão, e desenhou um labirinto através das mesas do *pub* até à rua.

Lá fora chovia. Joseph sentou o homem contra a parede e tentou acordá-lo, sacudindo-o e batendo-lhe ao de leve no rosto, mas foi em vão, porque estava completamente inconsciente. Durante um momento ponderou as suas opções: pensou em levá-lo ao hospital, mas não conseguiria carregar um corpo inerte por tão grande distância; pensou em telefonar à Polícia, mas a embriaguez do homem era tal que até as suas roupas tresandavam a álcool, e a Polícia não faria mais do que deixá-lo ali à mercê da chuva, até que a água o ensopasse, escorregando em cascata pelo rosto, despertando-o.

Resolveu-se a levá-lo para o seu quarto, que não ficava longe. A rua encontrava-se deserta, e pareceriam não mais do que um par de bêbedos tropeçando no caminho. Ao tentar erguê-lo sobre as costas, Joseph compreendeu que seria impossível carregá-lo por inteiro, e passou-lhe então um braço por cima do seu ombro, segurando-o pela anca, deixando que os pés arrastassem no chão e parando em cada esquina para recuperar o fôlego. Ao final de uma hora, molhado pela chuva e a suar por cada poro, chegou finalmente ao destino.

Deitou o homem sobre a cama. O quarto estava húmido e abafado. Abriu a janela, que olhava a rua silenciosa das traseiras, e sentou-se na cadeira que ficava ao canto, recuperando o fôlego. Depois acendeu a vela meio gasta que repousava sobre a mesa-de-cabeceira e, ao olhar os contornos trémulos do espaço em redor, foi recordado da pequena dimensão do lugar em que vivia.

Para além da cama, da cadeira e da mesa, existia apenas um armário, que roubava o pouco espaço de chão que permitia andar. Era sem dúvida um quarto demasiado pequeno para dois e, ao observar o corpo inconsciente sobre o colchão, interrogou-se sobre o que fazer. A tarde caía e a noite chegava. A perspectiva de não ter onde dormir, ao final de um dia de trabalho, era aterradora, mas uma força desconhecida impedia-o de largar na rua o homem que tinha sido brutalmente agredido. Por outro lado, era possível que o agressor tivesse razão. Tudo o que ouvira fora uma discussão incompreensível seguida do som da caneca quebrada sobre a cabeça deste homem que trouxera para casa e que, tanto quanto sabia, poderia ser um criminoso.

Deteve-se uns minutos a olhá-lo e tomou uma decisão, seguindo o seu instinto. Escolheu tomar o partido do homem inconsciente, munido de uma segurança que nascia de uma generosidade que desconhecia possuir. Era uma qualidade nova que descobria em si, ele que era um homem pobre, um zé-ninguém entregue à solidão e ao trabalho. O que na verdade descobria, apesar de só o saber mais tarde, era que essa generosidade era a máscara de uma outra coisa, um desconsolo, uma procura de alento comum a todos os homens, felizes ou infelizes, e que lhe iria custar cara.

A primeira coisa que fez foi vasculhar as roupas molhadas do outro em busca de uma qualquer referência que pudesse indicar onde vivia. Mas os bolsos do casaco estavam vazios, e no colete, que Joseph lhe despira e pendurara na cadeira, encontrou apenas um bilhete de

lotaria, um molho de chaves sem inscrições e algum dinheiro. Enfiou o dinheiro no bolso e saiu para comprar comida para essa noite e para o dia seguinte. Pareceu-lhe uma forma justa de pagamento. Quando descia as escadas deteve-se bruscamente entre um degrau e outro, tomando consciência de que deixara um estranho sozinho no seu quarto. Mas então já não era altura para essa espécie de dúvida.

Quando regressou, despiu o casaco e largou o saco de papel da mercearia no chão, e só depois se assustou. O homem tinha aberto os olhos e, na posição tal qual o deixara, olhava para Joseph, os olhos pequenos e azuis rasgando a luz ténue do final do dia. O silêncio durou algum tempo, durante o qual os dois se fitaram.

«Não me recordo do meu nome», disse finalmente o homem deitado na cama, perdendo a agudeza do olhar que desviou para o vazio. «Se me recordasse, dizia-te. É estranho.»

Moveu o braço com lentidão, levando os dedos ao inchaço na cabeça.

«Sei que tenho um nome», continuou, «mas não faço ideia de qual seja. Também não sei onde estou ou quem és tu.»

«O meu nome é Joseph.»

«Joseph», repetiu, baixinho. «O meu nome podia ser Joseph. Mas também podia ser outro nome qualquer. Posso ser Joseph por agora. Podemos os dois ser Joseph.»

«É capaz de ser confuso», disse Joseph, sem saber se deveria rir ou simplesmente ficar atónito com esta manifestação de infantilidade por parte de alguém que era, pelo menos, vinte anos mais velho do que ele.

«Por favor», retorquiu em tom de agonia. «É mais fácil para mim. Gostava de ser Joseph. É um nome simples e conveniente.»

Joseph encolheu os ombros.

«Como quiseres. Mas talvez devesse tentar lembrar-te do que te trouxe até aqui.»

«E o que foi isso?», perguntou o segundo Joseph.

«Não te recordas da luta no bar? Nem de como ganhaste esse inchaço na cabeça?»

O segundo Joseph levou a mão ao queixo em sinal de reflexão e endireitou-se na cama.

«Não. Mas não tem grande importância, ou tem? Agora estou bem. Sinto-me confortável. Estou em casa?»

«Não, estás em minha casa porque não sei onde vives. É um problema, percebes?»

«Porquê?»

«Olha em teu redor», disse, mostrando com a mão a humidade sufocante do espaço. «Cabe apenas uma cama e uma janela. Não podemos dormir aqui os dois.»

«Vais pedir-me que me vá embora?» O segundo Joseph levou novamente a mão à nuca, tocando-lhe suavemente, fazendo um círculo com o dedo e fingindo uma expressão de dor no rosto pálido e por barbear. «Posso ficar no chão esta noite», continuou com ansiedade. «Está a cair a noite, não é? Talvez amanhã, quem sabe, eu me consiga lembrar de onde venho e para onde vou.»

Joseph deixou-se convencer. A tarde caía lentamente, e os sons das fábricas próximas foram

cessando, largando um derradeiro murmúrio a ferro. Não tardou a que o homem adormecesse, o corpo voltado para um lado, ressonando com lentidão e expelindo pequenos bafos que mantinham uma espécie de compasso no interior do quarto. Mas Joseph não conseguia dormir, irritado com a sua própria ingenuidade. O acordo havia sido quebrado, uma vez que o segundo Joseph permanecera na cama e dormia a sono solto, e restava-lhe tentar o desconforto da cadeira ou deitar-se no chão.

Escolheu ficar na cadeira, mas o sono não veio. Sentou-se então na borda da cama de costas para o homem adormecido, olhando através da janela para a rua silenciosa, o queixo pousado sobre a mão. Observou os ladrilhos do passeio, e os postes de iluminação que se erguiam à altura de dois homens, e a mercearia fechada, e os caixotes de lixo encostados à parede. A luz já morria e as estrelas espreitavam a terra quando a rapariga apareceu, mais tarde do que o habitual.

Caminhava pelo passeio debaixo da janela de Joseph antes de atravessar para o outro lado, voltando-se na sua direcção. Ficou assim de frente para ele, os olhos erguidos para o céu, e ele perguntou-se se acaso o conseguiria ver através do vidro da janela. Então os pombos acercaram-se dela, dezenas de criaturas sujas e desorientadas, como um emaranhado de filhos esfomeados. Fizeram um círculo em redor da saia e ela ajoelhou-se, abrindo as palmas, das quais saltaram grãos de milho que os pombos levaram nos bicos.

Naquele momento Joseph quis ser um pombo, para que pudesse rodeá-la e provar-lhe da mão. Sentado na borda da cama era como se já não estivesse onde estava, porque um desejo imenso o havia lançado através do espaço para junto de Magda. Podia adivinhar o aroma do seu perfume, e conseguia quase sentir o seu calor, o mesmo calor de quando se ajoelhara junto dele naquela tarde.

«Muito bonita.»

Foi uma espécie de silvo na parte de trás do pescoço que o assustou. O homem despertara e, sentado na cama, sussurrara-lhe ao ouvido, a cabeça muito próxima da sua. Joseph voltou-se para o encarar, mas o outro olhava pela janela na direcção de Magda. Nos seus olhos julgou ver uma mistura de desejo e escárnio, e sentiu por ele uma enorme repulsa, arrependendo-se de lhe ter oferecido abrigo.

«Conheces aquela rapariga?»

Joseph encolheu os ombros e não ofereceu resposta. Fechou as cortinas e uma luz laranja inundou o quarto, depois voltou a sentar-se na cadeira.

«Qual é o nome dela?»

«Não é da tua conta. Não achas que estás a ser indiscreto?»

«Indiscreto?», admirou-se o outro, com uma expressão de incredulidade. «Eu não sei quem sou. Perdoa-me a curiosidade de querer conhecer o mundo que me rodeia.»

«Se queres mesmo saber, chama-se Magda. Eu só falei com ela uma vez.»

«Pela maneira como a olhas, parece que gostarias de falar mais vezes.»

A resposta havia deixado algo de sinistro no ar. Joseph sentiu que os dedos se fincavam nos

braços da cadeira e as pernas começavam a tremer. Era a mesma tensão que sentia no auge de uma partida de xadrez, ou quando se aproximavam os últimos minutos de um dia de trabalho.

«Gosto de vê-la passar, e basta.»

«E porque não lhe acenas, ou a chamas da janela? Se fores a correr ainda a apanhas. És jovem, chegas lá abaixo num segundo.»

«Já te disse que prefiro vê-la daqui.»

O homem encolheu os ombros e largou uma gargalhada. Voltou a deitar-se na cama e adormeceu, e Joseph fechou os olhos e tentou abstrair-se do seu ressonar. Procurou, desconfortável, várias posições na cadeira, até sentir que o sono chegava.

O som gorgolejante foi resgatá-lo à profundidade de um sonho. Acordou estremunhado, levando algum tempo até se aperceber de que aquele era o som que fazia alguém que sufocava. Respirou fundo e os odores nauseabundos do abrigo entraram-lhe no corpo dormente. Não era a ele que a respiração faltava – era Helena que sufocava, no outro lado do abrigo. Não a podia ver mas conseguia ouvi-la com assustadora clareza. Ficou deitado um momento mais, e um arrepio percorreu-o quando o ar tentou passar a garganta obstruída, provocando um ruído aflito de sucção. Lançou os braços para a frente e rastejou. Devagar, mão atrás de mão, chegou junto de Helena e procurou a lanterna tacteando o ar. Quando o fogo os iluminou, viu que Helena estava deitada de lado, apoiada sobre o braço esquerdo, e um líquido escorria-lhe da boca para o chão. O corpo foi sacudido numa convulsão, quando de repente tossiu e se engasgou.

Um pânico tomou conta de Joseph. Quis perguntar-lhe como poderia ajudá-la, mas era evidente que Helena não conseguia falar. O coração dele bateu muito depressa, e assaltou-o um medo de que ela pudesse morrer. Foi então que um estranho cheiro lhe chegou às narinas, um cheiro vivo e ácido, e compreendeu que ela sufocava no próprio vómito. Joseph rodeou-lhe o corpo húmido com os braços e, erguendo-lhe a cabeça devagar, mas com firmeza, sentiu na ponta dos dedos o tremor da garganta até que o jacto de vómito foi projectado no chão.

Rapidamente o cheiro fétido propagou-se pelo abrigo, misturando-se no ar rarefeito que chegava de frinchas invisíveis. Helena ainda tossiu durante um tempo, mas depressa regressou ao respirar compassado do sono. Joseph não a acordara. Deitou-se a seus pés, no pedaço de chão onde o colchão terminava, olhando o fogo da lanterna que pouco a pouco se foi extinguindo. Despertou quando os dedos de Helena lhe correram suaves entre o cabelo, e a primeira sensação que teve foi de enorme tristeza.

«Esta maldita guerra», disse baixinho, sem se voltar.

Recordou as horas anteriores e procurou com o olhar o que ficara no chão junto da bacia, mas nada viu. Permanecia no ar um rasto quase imperceptível do vómito que Helena já tratara de limpar. Ela estava sentada sobre o colchão e afagava-lhe o cabelo, mas Joseph deixara de prestar atenção, porque se distraíra com as sombras que dançavam à luz da lanterna. Uma náusea atravessava-o de cima a baixo, trazendo consigo a repulsa que o fazia desejar

encontrar-se distante.

«Estou grávida», disse Helena.

Ele afastou-se com um impulso das mãos. Ficou em silêncio durante minutos; depois a voz saiu-lhe da garganta num embaraço de saliva.

«Como é que sabes?»

«Porque sei.»

«Há quanto tempo sabes?»

«Há algum tempo.»

Um batimento surdo do coração fê-lo estremecer. Devagar, arrastou-se até ao seu lugar no abrigo, sem olhar para trás, e quando a escuridão o envolveu absorveu-a de olhos abertos. As palavras de Helena ainda ressoavam em alguma parte de si, e procurou silenciá-las com a raiva e a impotência que o consumiam. Os olhos desfizeram-se-lhe em lágrimas e as unhas rasgaram a carne, mas não largou um único som, entreabrindo os lábios apenas para receber o salgado das gotas. Do seu interior nascia a certeza de que o mundo se transfigurava segundo um plano do inferno, e a vida mostrava-se finalmente aquilo que era – um pesadelo, uma noite permanente, uma ilusão.

Helena havia sido abençoada com uma dádiva inútil. Foi assim que pensou naquilo que estava a acontecer. A ideia de que existia agora uma terceira criatura no abrigo, uma terceira existência a germinar na barriga de Helena, encheu-o de um terror tão desmesurado que o ocupou por inteiro, transbordando numa febre que começaria nas horas seguintes e só o abandonaria no limite das forças. Joseph entrou num estado de delírio e nele permaneceu até não existir regresso possível.

A última vez que estive na presença de Joseph vi um assassino demente, que se preparava para matar a mulher que carregava o seu filho. O abrigo, o horror da clausura e a febre haviam-no transfigurado a tal ponto que me surgiu como uma criatura irreconhecível, que não pertencia ao mundo dos homens. Se eu e a minha filha tivéssemos demorado um dia mais a descobri-los soterrados, creio que nenhum deles estaria vivo.

De todo o tempo no abrigo resta-me apenas o relato de Helena, que é fiel apenas na medida em que o medo a tornou lúcida. Encontrava-se grávida de dois meses quando a febre tomou conta de Joseph, o que significava que a criança que tinha mergulhada no ventre fora concebida no interior do abrigo. O tempo é aqui a principal incógnita. Não estou certo de que Joseph ou Helena soubessem há quanto se encontravam debaixo de terra, e decerto durante períodos indeterminados Joseph perdeu a noção de quando seria dia ou noite, ou do próprio lugar onde estava.

As conversas que tive com Helena nessa altura, forçando-a a recordar a escuridão fétida e húmida à procura de respostas, recaíram quase sempre no mesmo assunto: o demónio que ela tinha visto apoderar-se do homem que ainda amava. As descrições do estado moribundo em que ele caíra eram tão enigmáticas quanto assustadoras. Nas palavras de Helena, existiram

longos períodos em que julgou viver num abrigo com um animal enlouquecido, que permanecia grande parte do tempo dormente, no seu próprio *habitat*, afastado dela e do fogo que ardia na lanterna. Movia-se como um réptil, um animal rastejante, murmurando sons e palavras inarticuladas, e dormia em abundância, chamando em sonhos por nomes que ela nunca antes havia escutado.

Foi nesta altura de extrema solidão que Helena se encontrou perante a encruzilhada daquilo que o corpo lhe pedia e do que o espírito lhe aconselhava. Eram coisas radicalmente diferentes: o corpo pedia-lhe abandono, mas o espírito dizia-lhe que continuasse, que recusasse transformar-se num animal e não deixasse que a escuridão e o horror absorvessem tudo. Para se manter resoluta, foi encontrando pequenos truques, inventando uma espécie de quotidiano no interior daquele lugar. Jogava com as latas de conserva vezes sem conta, contando-as e empilhando-as sobre o contraplacado do caixão em filas de dez, nove e oito, e assim por diante, até obter uma pirâmide; depois desconstruía a pirâmide e formava uma espiral no chão, depois outra pirâmide quando a espiral não continha mais latas. Inventava receitas para as quais não possuía ingredientes – um dente de alho, umas gotas de limão, umas fatias de carne assada – e imaginava que as ervilhas e batatas eram um manjar num restaurante caro no centro da cidade. Era, assim, em grande parte imaginação o que Helena deixava à beira de Joseph, sempre que sobre um tijolo lhe servia as refeições.

No princípio do isolamento preocuparam-na as mudanças abruptas de disposição em Joseph, como se ele tivesse não uma personalidade, mas várias, alternando a condição sublimada e vegetativa com que permanecia prostrado no chão com a agressividade dos sonhos em que chamava por nomes desconhecidos em voz alta. Nas raras vezes em que se aproximava, Helena recolhia-se, amedrontada, agulhas entrando na sua pele quando o via rastejar até si, observando a vacuidade dos seus olhos. Mas Joseph ainda não se tornara ameaçador, e, quando finalmente permitia que se juntasse a ela por uns momentos, era como se ele voltasse a ser o homem que em tempos fora.

Helena apreciava a sua companhia, ainda que silenciosa. Tinha repulsa, no entanto, em ver como ele estava sujo, a barba desgrenhada obscurecendo-lhe o rosto, o cheiro de um animal enjaulado exalando do seu corpo. Tornara-se uma coisa burlesca que necessitava de atenção e cuidado, mas que ainda a reconhecia. O momento em que Helena sufocava no vômito e Joseph a salvou foi talvez o último em que ele mostrou alguma compaixão.

O que sucedeu então foi uma queda vertiginosa impulsionada pela febre. Tinham passado muitas horas desde que Helena acordara, mas Joseph não havia feito um som. Estranhou-lhe o absoluto silêncio durante tanto tempo, uma vez que ele murmurava sempre no sono. Antes de adormecer, Helena cumpriu o ritual de preparar a comida, para quando acordasse a deixar no meio da escuridão sobre o tijolo. Lavou a cara com a água que ficara na bacia e esvaziou-a, deixando a torneira aberta. A água gelada que ainda corria nos canos era a salvação deles, mas caía pingo atrás de pingo, e demorava o tempo de um sono a encher a bacia. Depois deitou-se sobre o colchão e respirou fundo, não tardando a adormecer.

Despertou ao som do grito. Não era apenas um grito, mas um urro lancinante de dor que a fez tremer dos pés à cabeça. Vinha da direcção de Joseph, mas do interior da garganta de um monstro. Ao princípio ficou muito quieta, um braço em redor da barriga por baixo dos seios, uma mão a cobrir o ouvido por receio de um novo grito que não veio. Então sentiu o chão tremer. Na duração de um momento perguntou-se se seria possível alguém ter entrado no abrigo. Num calafrio imaginou que o inimigo conseguira penetrar e descobrira Joseph adormecido, matando-o a sangue frio. No terror da escuridão julgou ver um homem enorme trespassar Joseph com a baioneta de uma espingarda, como nas imagens dos jornais, o sangue a esguichar para fora dele e a boca aberta num grito de dor.

Mas o inimigo não chegou. Passou-se um minuto e mais outro e o chão continuava a tremer, um tremor ligeiro e ritmado. Helena procurou então a lanterna, e a luz abriu caminho, aproximando-se devagar e encontrando Joseph. Era ele quem fazia o chão tremer. Estava deitado de lado, os braços apertados em redor do corpo que sacudia em convulsões sucessivas. A cabeça batia repetidamente no chão e os joelhos entrechocavam-se. Helena chegou mais perto e de imediato sentiu o cheiro da febre, misturado no odor fétido do corpo por lavar e das fezes.

Era a visão de uma pobreza confrangedora. O corpo escaldava, como se libertasse vapor, quando lhe tocou na testa e no pescoço, segurando-lhe a nuca para que parasse de cabecear. Nesse instante Joseph abriu os olhos e, apesar de nada dizer, houve alguma coisa no seu olhar que pediu socorro, que suplicou por um alento ou uma morte rápida. Helena percebeu-lhe no olhar o sofrimento e inclinou-se para lhe beijar a testa.

Começou por tirar-lhe as roupas. Quando, com muito esforço, conseguiu despir-lhe as calças, não conseguiu evitar levar uma mão à cara para se proteger do cheiro. Tentou suster a respiração enquanto, com a própria camisa, que despira e mergulhara na bacia de água, lhe limpou a porcaria acumulada no ventre, nas pernas, nos testículos e nas nádegas. A visão da magreza de Joseph afligiua-a. As pernas antes robustas eram agora emaciadas, os ossos do joelho proeminentes como abcessos; a bacia era visível através da carne e as coxas estavam reduzidas a metade; os braços já não eram os braços firmes de um padeiro, de músculos duros e retesados, mas dois pedaços de carne flácida alinhados a um tronco retraído, quase corcunda. Teve de se conter para não chorar.

O contacto da água gelada com o corpo fez Joseph reagir, e os olhos entreabriram-se, à procura da mão que o tocava. Porque não o conseguia arrastar através da cave, Helena trouxe o colchão para junto dele, onde o deitou, tornando a vesti-lo com as roupas depois de as lavar o melhor que pôde. A febre parecia ter aumentado, pois Joseph não parara de tremer um único segundo. Helena preparou uma refeição, enfiando-lhe a comida com os dedos na boca, que ele cuspiu e vomitou. Depois sentou-se ao lado do colchão e aguardou.

Faço este relato apenas para justificar o que sucedeu depois. Das muitas razões que, em anos subsequentes, tentei invocar para justificar o que viria a ser de Joseph, só encontro algum

alívio na crescente tensão entre ele e Helena, e em como à loucura de um correspondeu a força lúcida do outro. No princípio Helena julgou que a repentina e insuspeita febre traria de regresso o Joseph que ela sempre conhecera. Sem os cuidados dela, que o alimentou, que o lavou, que com a própria roupa fez compressas de água fria, ele estaria morto.

Mas a presença da inevitabilidade da morte é importante apenas para quem está, de certo modo, apegado à vida – para quem acorda todos os dias na antecipação da hora seguinte, da próxima refeição, do próximo encontro, da próxima estação. Para Joseph, no interior daquele abrigo, o único sentido da vida era a morte. Ao salvá-lo da morte, Helena trouxe-o de regresso a um mundo de trevas e de horror. Londres era uma cidade destruída pela força de uma Europa em auto-aniquilação; e, se era esse o espírito dos tempos, então a prisão no interior da prisão, que era a condição de Joseph, reflectia-o. Ele era, através da sua miséria interior, o espelho do exterior e, se o exterior era um mero objecto de fê, ele perdera toda a fê: já nada existia fora daquele abrigo.

Helena dormitava quando o tremor cessou. Estava deitada com a metade superior do corpo apoiada sobre o primeiro degrau das escadas. Queria estar perto de Joseph, mas o colchão era demasiado pequeno para os dois, e o chão em redor estava demasiado sujo para que se conseguisse deitar nele. Abriu os olhos e viu aquilo a que já se habituara, uma escuridão enorme, vasta, sem contornos. De joelhos e mãos no chão, foi tacteando o caminho em direcção a Joseph, mas falhou ao tentar a diagonal do quarto, porque o colchão quase lhe passava ao lado da mão direita. Tentou alcançar a testa de Joseph para lhe ver a febre, mas as mãos rasgaram o ar e caíram sobre o colchão vazio. Joseph não estava ali.

Alguma coisa dentro dela mudou de posição. A procura transformou-se em inquietação. Chamou o seu nome baixinho, mas não teve resposta. Chamou outra vez e, assustada com o vazio em redor, regressou para junto das escadas e da bacia de água, perto da qual havia deixado a lanterna. Com ambas as mãos vasculhou o escuro, varrendo-o tanto quanto os seus braços conseguiram, mas a lanterna havia desaparecido. Derrubou latas de comida, embrulhou-se no cobertor, magoou os dedos no tijolo com restos de comida, mergulhou-os na bacia que pingava, rodeada de uma escuridão enorme, potente, devoradora. Não tornou a chamar por Joseph porque nesse momento compreendeu que estava, de uma vez por todas, irrevogavelmente só, e um medo como nunca havia sentido paralisou-a.

Encostou-se à parede em silêncio. Susteve a respiração e foi então que conseguiu escutar, através do espaço, o som da respiração de Joseph. Era um respirar obstruído e ofegante que vinha de diferentes partes, movia-se, mudava de posição, como se tivesse diferentes origens. Joseph rastejava para diferentes cantos do abrigo, como um animal enlouquecido, mas não era isso que assustava Helena. O que a assustava era a lanterna não se encontrar onde ela a deixara. Enquanto ele fosse apenas um animal doente, que rastejava e grunhia, sabia que o poderia controlar, pois até uma besta reconhece a sua fêmea, que carrega com ela a cria. Mas ele tornara-se mais do que uma besta, e menos do que um homem, um animal-homem, doente mas sagaz.

O que Joseph queria era evidente, e Helena sucumbiu-lhe porque ele tinha em seu poder o fogo, que era única saída do negrume sepulcral a que estavam entregues. Quando avançou para o colchão no meio do abrigo e nele se deitou, foi com a certeza de que, se não o fizesse, nenhum deles voltaria a ver a luz do dia. Fechou os olhos com muita força e deixou-se levar.

Mais tarde, recorda-se de querer chorar e não conseguir. Recorda-se do som sibilante que Joseph produziu ao cercá-la, correndo os quatro cantos do abrigo e a cada investida aproximando-se mais do colchão. Recorda-se do primeiro contacto, quando ele finalmente surgiu sobre ela de forma desenfreada e brutal, a pele escaldando de febre, o suor que pingava do seu corpo mutante caindo sobre a pele dela. Largou um grito no momento em que ele a penetrou à força, e o cheiro nauseabundo do corpo quase a fez expulsar o vômito que tinha na garganta, e cerrou os dentes e agarrou o colchão quando a violência das investidas a fizeram sangrar e temer pela criança. Quando terminou, Joseph desmontou-a e afastou-se, e foi deitar-se a um dos cantos do abrigo.

Porque tudo deixou de ter importância, Helena sucumbiu finalmente ao abandono. Não a espantou, assim, que ao despertar de um pesado sono Joseph se encontrasse outra vez sobre ela, repetindo o acto com a mesma violência. Não a indignou que o acto fosse perpetrado inúmeras vezes no tempo que se seguiu, sempre com a mesma indiferença, terminando num grunhido e numa fuga. Nem a impressionou quando, algures na escuridão, a lanterna se acendia, criando uma clareira onde via Joseph comer as próprias fezes, ou chorar como um lobo perdido da matilha, ou bater com toda a força no chão, os braços desfeitos e ensanguentados.

A minha vida começa com Joseph, ou ainda: ele é o princípio de tudo para mim. Muito antes de conhecer Helena, partilhámos uma intimidade breve, mas que eu nunca poderia esquecer. Ao trazer-me para o seu quarto naquela tarde, e oferecer-me a sua cama e comida, deixando-me ficar os dias necessários para que recuperasse do golpe na cabeça, o homem que era na altura um rapaz tornou-se para mim um símbolo de bondade e delicadeza.

Quando travámos conhecimento Joseph não era mais do que um miúdo, e vivia sozinho num dos bairros mais pobres da cidade de Londres. Eu tinha quase quarenta anos, mas para todos os efeitos era como se fosse uma criança: sofria de amnésia, e não tinha uma única recordação que fosse do passado, ou de como teria sido a minha existência até então. Nesses dias que passei no quarto de Joseph fiquei a saber algumas coisas sobre a sua vida, que agora são de pouca importância. Fiquei a saber que trabalhava numa fábrica e que a família vivia no Norte de Inglaterra; o pai tinha-o enviado para Londres, a fim de tirar proveito do seu potencial e da sua juventude, mas morrera pouco depois; e fiquei a saber que amava uma rapariga que, todas as tardes, alimentava pombos debaixo da sua janela.

Joseph era, em todos os sentidos, a imagem da generosidade. Como certas características andam sempre juntas, era também a imagem da ingenuidade. Não havia ponta de mal naquele rapaz, que não tinha vícios e não sofria dos grandes males da época, a ganância e a cobiça. Eu

era um caso diferente. Enquanto homem sem história, sem passado e sem posses, nada tinha a oferecer senão uma curiosidade natural pelo mundo. Cedo descobri, no entanto, que tudo em mim era perverso, enganador e cobarde.

Durante o tempo que passei no quarto de Joseph, nem por uma vez fui capaz de me oferecer para dormir no chão ou na cadeira, onde ele ficou todas as noites para que eu pudesse usufruir da cama. Quando finalmente recuperei as forças, ao fim de alguns dias, esperei que saísse para o trabalho e então vasculhei o quarto em busca de dinheiro. Levei comigo tudo o que encontrei, mais o relógio antigo de prata que pertencera ao pai de Joseph e que havia sido passado de mão em mão, de pai para filho.

O que eu fiz depois disso foi verdadeiramente inominável: ao fugir do quarto sem uma palavra de agradecimento ou um adeus, penhorei o relógio e, com o dinheiro que rendeu, bebi nos *pubs* do centro da cidade durante dias, até não poder aguentar mais. Hoje, três décadas passadas, ainda consigo recordar breves momentos dessa desgraça, na forma de pequenos pesadelos: rixas à porta de *pubs* muito depois da hora de fecho; atravessar meia cidade, quase inconsciente de tanto álcool, à procura de um lugar para dormir, e acabar caído num beco; bater a uma velha à entrada do metropolitano, uma vagabunda sem dentes e cara comida pelo tempo, apenas porque me havia pedido esmola.

Creio que foi uma sorte que eu não merecia, e também o número incontável de vezes que frequentei um certo *pub*, o que me levou a descobrir quem eu na realidade era. Não que estivesse particularmente interessado em sabê-lo – a vida iria acabar em breve se eu continuasse como até aí, e parecia-me um final maravilhoso e adequado para o fantasma que eu era –, mas uma tarde fui reconhecido por um homem dentro do bar. Chamou-me pelo meu verdadeiro nome, Philip McKay, e cumprimentou-me como se fôssemos velhos amigos – o que provavelmente éramos – perguntando-me por pessoas e eventos que eu não recordava. Embriagado e apanhado de surpresa, fingi não o conhecer e tentei afastá-lo. Mas o homem repetiu o meu nome uma e outra vez, continuando a repeti-lo mesmo quando eu já fugia do *pub*, os olhares inebriados dos clientes voltados na minha direcção. Ao atravessar Covent Garden na direcção do Leste, um vento agreste na cara, as ruas sujas e escuras, senti despertar em mim o palpar da curiosidade, que levantou o véu do meu torpor e me impeliu a descobrir quem era.

A primeira descoberta que fiz foi que tinha dinheiro. Não era excepcionalmente rico, mas era mais abastado do que todos os bêbedos e vagabundos juntos com quem bebera nos dias anteriores. Entrei em vários bancos no centro da cidade até ser reconhecido num deles, onde o gerente me cumprimentou amigavelmente e me ofereceu uma chávena de chá. Fui cordial, disfarçando a surpresa com sorrisos, e aceitei o chá. Uma vez que ele não perguntou pela minha mulher ou filhos, presumi que era solteiro.

Aparentemente, eu tinha negócios na bolsa e uma lista enorme de gente a quem emprestava dinheiro a juros, sobretudo pequenos empresários e negociantes. Ao apresentar-me uma lista dos dividendos, o gerente do banco deve ter percebido na minha expressão a surpresa com

que tudo aquilo me chegava, pois perguntou-me se me sentia bem. Ao responder afirmativamente, sem levantar os olhos do papel, reconheci a morada de um dos meus clientes, que ficava no mesmo bairro onde Joseph me havia encontrado inconsciente. Perguntei-lhe se reconhecia aquele nome no papel, e ele respondeu que se tratava de um pequeno comerciante no Sul de Londres que era devedor de uma quantia que, em 1922, se poderia considerar avultada.

Não foi difícil compreender então o que tinha acontecido. Num instante reconstituí o momento anterior à agressão. O comerciante deveria ser o homem com quem, segundo a descrição de Joseph, eu havia trocado palavras, antes de ele me deixar inconsciente. Era culpa de um homem pobre e endividado eu ter esquecido todos os detalhes fundamentais da vida que em tempos fora minha. Esta descoberta enfureceu-me, e tornou-me um homem perigoso, cheio de ressentimento e maldade. Os anos que se seguiram foram marcados pela indiferença e o desprezo por todos os outros, e a crueldade com que agi atingiu proporções desmedidas, e as consequências atingiram não apenas o meu agressor, mas também Joseph, a única criatura à qual eu devia gratidão.

Nas horas seguintes à visita ao banco, voltei a encontrar a minha casa; a morada estava inscrita no cabeçalho da folha das dívidas. A porta foi-me aberta pela governanta do prédio, que me reconheceu sem surpresa. Era verdade que eu vivia sozinho, na mais triste das condições – um apartamento de três quartos em Brixton Road, mobilado com o mau gosto decadente dos ricos, limpo diariamente por uma empregada sem nome. O escritório encontrava-se atafalhado de papéis de negócios, cartas de parentes por abrir, jornais velhos e cachimbos, pisa-papéis e ampulhetas. Ao reencontrar as minhas antigas posses, foi como se o meu espírito regressasse ao corpo.

Contratei um advogado nessa tarde e ordenei-lhe que escrevesse uma intimação judicial ao comerciante, ameaçando desapropriá-lo dos seus bens. E esperei. Aguardei pela vingança que eu sabia iminente, porque, mais hora ou menos hora, ele bateria à porta e de joelhos imploraria por perdão, e eu iria responder com maior crueldade ainda. A perspectiva dessa humilhação deixou-me extasiado.

Quando finalmente chegou a altura, encontrava-me sentado à secretária a rever facturas antigas. A governanta entrou após dois toques leves na porta, anunciando um visitante em nome de P. Thackeray. Era o comerciante. Disse-lhe que o convidasse a entrar imediatamente, sentindo o rubor da vingança apoderar-se de mim. O meu coração galopava, antecipando o momento. Mas quando me ergui da cadeira, voltando-me em direcção à porta, apercebi-me de como estava enganado.

Perante mim não se encontrava o homem que eu esperava, mas uma rapariga pequena e magra, imediatamente bela. Tinha o cabelo castanho solto até aos ombros e as mãos unidas à frente do corpo. Olhava para o chão. Aproximei-me até ficar a um passo dela, e o choque do reconhecimento arrancou-me uma exclamação surda. Era a rapariga dos pombos.

Magda veio até mim por sua própria vontade. Foi isso que fez questão de dizer, na primeira vez e em todas as que se seguiram. Era a sua vontade que fazia acontecer a situação, e não a minha, ou a da sua família. O seu pai, o comerciante endividado, não pudera oferecer qualquer resistência à abnegação da filha, porque o acumular de desastres financeiros e a pobreza em que agora viviam tinham-no deixado arrasado e incompetente para pensar ou agir. Encontrava-se então de cama, em recuperação.

Se o meu advogado avançasse com o processo para o tribunal, a família Thackeray perderia não apenas a casa, mas também a loja, e tornar-se-ia outro lar desfeito, vagabundeando as ruas de Londres em busca de comida. Magda veio entregar-se a um homem com mais do dobro da sua idade para saldar a dívida do seu pai, e eu aceitei o compromisso sem pensar duas vezes. A juventude e a beleza que irradiava, mais o desejo que provocava num homem como eu, eram fortes de mais para poder resistir.

Na primeira vez fi-la prometer que voltaria, antes de a levar para o quarto e me deliciar como um animal na sua carne intocada. Eu podia ver a melancolia que lhe atravessava o olhar, mais do que uma repulsa, sempre que eu atingia o prazer dentro dela, mas ainda assim continuei, sem querer saber como nem porquê. A relação durou alguns meses, até que um dia, após uma ausência de mais de uma semana, que estranhei – o meu desejo por ela parecia insaciável –, recebi uma carta de Magda anunciando que as visitas haviam chegado ao fim. Não apenas porque considerava que a dívida estava paga, mas porque se encontrava grávida.

O anúncio constituiu um choque, mas depois uma onda de felicidade invadiu-me. Era agora legítimo que Magda pudesse passar o resto da vida ao meu lado. Com receio de que ela não quisesse ter a criança, apresentei o meu pedido da mão de Magda à família Thackeray, explicando as circunstâncias. O senhor P. havia sido internado na ala psiquiátrica de um hospital em Brighton, e já não reconhecia os seus; e a mãe de Magda nada podia fazer para impedir o casamento, uma vez que eu podia garantir o seu sustento, bem como o da filha.

O casamento aconteceu num sábado sem luz. A igreja era pequena mas muitas pessoas do bairro de Magda haviam comparecido, e eu não conhecia nenhuma delas. Nessa noite, deitados na cama, não fizemos amor, porque a minha mulher há poucas horas chorou até de madrugada, como se tivesse sido asfixiada em vida. Quanto ao que aconteceu a seguir ao casamento, prefiro não falar com demasiado pormenor. A minha cegueira egoísta não me deixou interpretar os sinais na expressão de Magda, os avisos de que o alento ia, pouco a pouco, com cada golpe, sendo expurgado do seu corpo.

Durante os meses de gravidez tornou-se uma mulher calada e soturna, que se amedrontava com facilidade. Fechava-se no quarto horas a fio, em silêncio, deitada na cama e esfregando a barriga dentro da qual crescia uma coisa estranha e rebelde, que possuía o seu próprio mundo e alimento. Julgo que ela estava horrorizada com o que lhe tinha acontecido. Vivia com um homem que não amava, um homem sem escrúpulos que não se importava com a criança, ou com a paternidade, mas que queria possuí-la a todas as horas. Quanto mais ela se retirava para o interior de si mesma, mais esse homem a desejava, um desejo abstracto que parecia não ter

fim.

A criança nasceu no princípio de 1923, o mesmo ano da morte de Magda. Foi uma rapariga e recebeu o nome da mãe. Tem hoje a mesma idade que a mãe tinha na noite em que a encontrei a dormir para sempre, os pés suspensos no ar, em redor do pescoço uma grossa corda. Observei-a durante muito tempo, durante as horas mais estranhas, olhando incrédulo o cadáver pálido que balançava à minha frente, e era observado de volta pela pequena Magda, que deitada sobre a cama era uma coisa minúscula de olhos enormes. Fitava-me com o olhar cheio de espanto, como se fosse eu o cadáver, como se fosse dentro de mim que corria o momento inexorável da morte.

Eu destruíra duas gerações de uma família, e foi esta consciência que me transformou. Quando, no funeral de Magda, o único familiar presente foi a sua filha – a nossa filha –, que eu carregava ao colo, toda a culpa desceu sobre mim. A mãe da minha falecida mulher isolara-se, recusando-se a sair, e morreu menos de um ano depois, e o pai encontrava-se entregue aos cuidados dos médicos. Ao compreender o que tinha feito, uma vergonha incomensurável invadiu-me, e durante toda a cerimónia fúnebre mantive-me atrás das cinco ou seis pessoas do bairro onde Magda vivera que haviam comparecido.

Mais uma vez, as caras não me eram conhecidas ou amigáveis, e ninguém ofereceu condolências. Ao erguer os olhos, porém, vi alguém que me pareceu familiar, e que levei algum tempo a reconhecer – alguém que se deixou ficar à entrada do cemitério, sozinho, e que assistiu à cerimónia na quietude da distância. Olhei muitas vezes na sua direcção, tentando fazer sentido daquele rosto que não conseguia descortinar com exactidão e, quando finalmente compreendi quem era, quase deixei cair a pequena Magda. Quem ali estava era Joseph. Era sem dúvida ele que se abraçava, por causa do frio, debaixo de uma árvore, distante do lugar do enterro, mas ainda assim visível, o único ser humano na paisagem lúgubre das campas.

Entreguei Magda ao cuidado de uma das senhoras presentes e corri na sua direcção. As pessoas olharam-me como se fosse louco, mas eu nada podia fazer contra o impulso. Corri até perder o fôlego, até a forte chuva que caía me cegar, até escorregar na relva húmida e perder o equilíbrio. Quando me consegui erguer, ele tinha desaparecido. Ainda vagueei durante algum tempo pelas campas, os pingos de água a descerem-me pelo rosto e as pernas a tremerem, mas não o voltei a encontrar.

Nessa noite deixei Magda ao cuidado da governanta. Tranquei a porta de casa, fechei as janelas e sentei-me à mesa após varrer para o chão o monte de papéis que nela repousava. Ali fiquei durante horas, considerando as possibilidades da vida e da morte, até que o mundo se fechou sobre mim. Tudo era uma ilusão, um pesadelo acordado que nada significava. Olhei para o meu rosto no reflexo da janela e não o reconheci, como se aquilo que eu era fosse distinto do corpo que deambulava pelo mundo. O meu espírito habitava uma região inóspita oposta a esta, e eu não pertencia a um ou outro lado.

Era claro que eu não merecia viver, mas o suicídio era uma saída demasiado fácil. Tinha corrido na direcção de Joseph à procura da redenção, mas nada do que pudesse ter-lhe dito

me salvaria. A verdade era que eu esquecera a sua existência desde o dia em que havia partido sem dizer adeus, e a minha cegueira tornara-me um patife. Ocorreu-me então a injustiça que era eu ser o progenitor de uma criança que, na verdade, não me pertencia. Magda era a minha filha, mas uma filha indesejada, que existia por mero acaso. Se eu não tivesse interferido com o natural decurso das coisas, a mãe da pequena Magda estaria com Joseph, o homem que verdadeiramente a amara, em vez de morta.

A mudança que se deu em mim foi tão grande que deixei de me reconhecer no homem que fora ou nas coisas que havia feito. Considerei todas as hipóteses, e todas estavam intimamente ligadas ao suicídio. Não o suicídio físico, porque esse não me era permitido, mas o suicídio do ego. O meu egoísmo e cobardia não poderiam continuar a pesar no futuro de outros, e Magda precisava de alguém que olhasse por ela. Foi assim que voltei a entrar no mundo, renunciando à minha condição nele. Após meses de paralisia, em que nada era suficiente para expungar o mal que vivia em mim, que irradiava de mim, decidi renunciar aos bens que me pertenciam e consegui continuar a viver.

Em Fevereiro de 1924, selei todas as dívidas dos meus clientes, rasgando um a um os contratos que na secretária ganhavam pó, e telegrafando para os informar de que declarara falência. Aluguei o apartamento a um advogado, que estaria disposto a pagar três vezes o valor do mercado, e com o dinheiro que ainda sobrou mudei-me com Magda para um terceiro andar em Finsbury Park, no Norte de Londres, em frente a uma residência de estudantes. Era um apartamento sujo, modesto e barato numa rua quase sempre sossegada, onde me pareceu apropriado começar a minha terceira vida.

Magda cresceu, tornou-se uma criança e depois uma rapariga, e eu fiz tudo para que a miséria lhe fosse invisível. Frequentou escolas respeitáveis e ajudei-a nos estudos em casa, todos os dias. Nunca foi uma rapariga feliz, e nem eu esperava que o fosse: uma estranha qualidade neutra esteve presente nela desde o princípio, que eu reconhecera também na sua mãe. Enquanto criança, raramente chorou, e quando os anos passaram esse silêncio deu lugar a um rosto pensativo e desligado, ausente do mundo. Ao contrário das colegas de escola, que passavam por ela em grupos na excitação dos dias imensos, Magda passeava sozinha de um lado para o outro do pátio, muitas vezes falando consigo mesma ou simplesmente olhando para a estrada através das cercas. Era capaz de estar horas parada sem dizer palavra, os enormes olhos castanhos a vaguearem, sem que ninguém soubesse se o que ela via estava fora ou dentro de si.

Magda tornou-se um mistério com o passar dos anos. O corpo também se transformou, adquirindo a forma surpreendente da juventude. O rosto ficou mais expressivo, o cabelo longo e claro delineando os contornos angulosos do queixo e dos lábios finos, as sardas cobrindo-lhe as maçãs-do-rosto, o pescoço e os ombros. Tornara-se numa rapariga desejável, e eu sabia-o porque os rapazes a olhavam com demora na rua, sempre que caminhávamos para casa do colégio. No olhar deles havia algo de parecido com o meu quando vi a sua mãe pela primeira vez. Num gesto de protecção, costumava cobri-la com o meu casaco, passando-lhe a

mão sobre os ombros, mas creio que Magda em nada reparava.

Foram sossegados e uniformes os anos que vivemos no Norte de Londres, e desejei somente vê-la crescer. Como sustento tínhamos apenas a renda do apartamento em Brixton Road, mas era mais do que suficiente para a vida simples que levávamos. Os meses de Inverno eram duros e frios, mas a minha filha era fisicamente robusta e raramente adoecia.

Apenas uma vez o equilíbrio e o silêncio confortante em que vivíamos foram quebrados. Magda tinha doze anos e eu cinquenta e dois. Era uma manhã de Primavera em que através da janela da sala, aberta de par em par, entrava o vento ainda frio do degelo. Magda estava sentada à mesa de jantar, o corpo pequeno e magro esticado sobre a cadeira e os cotovelos apoiados a sustê-lo. Rabiscava algo que eu não conseguia ver, curvada sobre uma folha de papel. Olhei-a durante muito tempo nessa manhã, do quarto onde fumava cachimbo, pensando em outras coisas, apreciando a luz branca que invadia a sala e reflectia a cor de trigo do seu cabelo. Passaram-se horas e, quando me levantei, caminhei para junto dela, pousando a minha mão na sua nuca, afagando-a.

«O que estás a desenhar?», perguntei, o cachimbo a confundir as palavras.

Ela não respondeu, e escondeu o desenho com a curva do braço.

«Não queres mostrar?»

«Quero, mas ainda não está acabado.»

«E quando é que vai estar acabado?», perguntei-lhe, curioso.

«Quando a mãe chegar a casa.»

O cachimbo caiu no chão e espalharam-se as cinzas negras e húmidas. Com alguma violência que não pretendia, afastei-a e olhei para o desenho. Foi uma das experiências de terror mais profundo que alguma vez tive. Num traço firme, quase adulto, a carvão, as sombras delineadas e os vários tons de cinzento, estava desenhada uma mulher contra um fundo negro. Era um desenho simples, uma figura de formas femininas algo fora de proporção, mas definitivamente uma mulher, vestida com uma camisa de noite ou um vestido que lhe cobria o corpo, e o rabiscar intenso do fundo com o lápis até nada se ver excepto negro.

Recortada contra esse fundo a figura era assustadora, quase funesta. Durante uns segundos lutei para compreender o que era que tanto me perturbava no desenho, e depois compreendi: aquela mulher do desenho estava morta. Os olhos diziam-no, olhos brancos sem expressão, os lábios entreabertos, a rigidez do corpo, como se estivesse deitada na vertical contra o papel. Magda olhava-me com receio e, ao compreender que a assustara, voltei a afagar-lhe a cabeça. Era a primeira vez que ela pronunciava a palavra «mãe». Perguntou-me se não gostava do desenho, e disse-lhe que achava que ela devia desenhar outras coisas.

«Está bem, pai.»

Anos passados, tornaríamos a falar no assunto.

Liberto da ansiedade de outro tempo, raramente pensei em Joseph no decurso desta nova vida. Tal como não desejava recordar a mãe de Magda, também ele pertencia ao livro negro

da minha existência. A minha filha tinha já dezoito anos quando o tornei a encontrar, e dessa vez fui eu quem propositadamente fugiu.

É duvidoso que Joseph me pudesse ter identificado. Eu era então um homem velho, o cabelo grisalho, muito mais magro e frágil do que quando Joseph me conhecera, e por certo o meu rosto estava diferente. Encontrei-o por mero acidente, e era ele quem permanecia igual – se não igual, com a mesma expressão serena no rosto, quase ingénua.

Numa das minhas raras incursões ao centro da cidade – não me recordo o que me levava tão longe nessa ocasião – aconteceu ser um daqueles dias em que as nuvens escondem toda a luz. Foi através do vidro da montra larga da padaria que o vi, a repousar os braços cansados sobre o balcão, um resto de cigarro na mão direita. Parei mesmo defronte do vidro, olhando fixamente para ter a certeza, e é possível que tivesse demorado algum tempo porque Joseph me devolveu o olhar.

O que depois compreendi foi que, no momento em que Joseph olhou na minha direcção – e eu o vi com tanta nitidez na escuridão da rua –, a luz no interior reflectia a sua própria imagem no vidro da janela, como se fosse um espelho. Eu via Joseph, mas o Joseph que ele via era ele próprio. E apesar de eu já não ser o mesmo homem que ele carregara para casa, anos antes, mas alguém diferente com um outro destino, nesse momento o passado ergueu-se como um maremoto e varreu as ruas com a sua potência, arrastando-me na maré e enrolando-me na espuma. Desviei rapidamente o olhar e desapareci pelo emaranhado de ruas o mais depressa que pude.

Ao caminhar para casa nessa noite, a inquietação regressara. Sentei-me no sofá, fumei cachimbo e tentei ler o jornal, mas as minhas pernas tremiam e o ritmo cardíaco não me deixava acompanhar as palavras. Magda dormia, e eu podia escutar a respiração dela, compassada, através da porta entreaberta do quarto. O dia nascia quando fechei os olhos e dormitei. Sonhei com praias vermelhas, e ondas gigantescas maiores do que cidades, e planícies desertas de asfalto. Encontrei vários homens no sonho e todos eram Joseph. Encontrei-me a mim mesmo e fugi de mim, e entrei numa gruta onde me ensinaram o fogo. Quando despertei, os bombardeamentos estavam anunciados. Foi Magda quem me mostrou o jornal, que era largado com o leite à porta todos os dias. O alerta era geral por toda a Inglaterra – estava iminente o ataque às cidades inglesas, e vivia-se agora na expectativa e no temor.

Não sei dizer se foi esse o sinal, mas talvez tenha sido. O terror da invasão, o fim da Europa, o dizimar de uma raça, o clamor apocalíptico – todas estas coisas eram um produto do medo. Eu era um produto do medo, e Magda iria ser também ela um produto do medo, se eu não mostrasse alguma coragem. Quando chegou da escola nessa tarde, pedi-lhe que se sentasse comigo à mesa e contei-lhe a história de Joseph e da sua mãe. Contei-lhe sobre a minha amnésia, sobre o tempo de crueldade e abandono, sobre o suicídio, e sobre como Joseph assistira ao funeral de Magda, apesar de ela nunca ter sido sua.

A minha filha não fez perguntas, como nunca fazia. Olhou-me com a curiosidade de um gato,

afastando de vez em quando o cabelo cor de mel dos olhos, e quando lhe disse que iríamos ver este homem de quem lhe falava muito em breve, porque gostaria que ela o conhecesse – e eu próprio queria rever um velho amigo – Magda pareceu concordar. Ofereci-lhe um beijo na testa, julgando ter feito algo de importante, um sabor amargo rasgando já o travo do tabaco na minha boca.

III

Insónia

No princípio foram os passos, de um lado para o outro, incessantes, fazendo ranger a madeira do soalho. Mantinham-me acordado numa espécie de torpor e, mesmo quando julgava não poder continuar desperto, traziam-me de regresso ao espaço sufocante do quarto. Mais tarde foi a curiosidade, se é que assim lhe posso chamar, porque já não existia raiva, ou irritação, mas uma vontade de espreitar por um buraco imaginário na parede e ver o que se passava do outro lado.

Este homem tinha um nome, que só descobri mais tarde. Havia chegado da Polónia em Setembro, ocupando o quarto contíguo ao meu. Pelas escadas deixara o vestígio de um cheiro agreste quando carregou as malas para o apartamento, durante o meu segundo ano naquele edifício, um bloco maciço e mal iluminado em Finsbury Park ocupado por estudantes e imigrantes clandestinos. Os barulhos da noite eram a música de Londres: ambulâncias, gritos, sirenes, lixo, polícia, um vazio penetrável, potente, que se podia agarrar com as mãos. Mas a chegada do meu vizinho havia silenciado os sons da rua. Durante o fim do Outono e o princípio do Inverno – porque já chegava o mês de Fevereiro – escutava noite após noite, quando me deitava na cama e desligava a luz da lâmpada que pendia do tecto por um fio, os passos inquietos, que me transportavam lentamente para outro lado e me traziam de volta sem cessar. Algumas noites fechava os olhos por um momento, julgando dormir, mas despertava sempre na escuridão, com o aflorar da luz nos contornos do céu. Muitas vezes, nas primeiras horas da madrugada – cinco ou seis da manhã –, o caminhar ainda se mantinha.

Durante o dia o prédio era tão movimentado que não deixava perceber se ele se encontrava no quarto. Os outros habitantes saíam das suas cavernas, do confinamento a que o espaço impossivelmente pequeno dos quartos os entregava, e desciam as escadas apressados, livros na mão e cigarros nos lábios, as peles tingidas de muitas cores. Eu saía sempre antes das dez e nunca o encontrava; sabia, no entanto, que ele não permanecia no quarto, porque, quando regressava a casa e subia as escadas ao princípio da noite, aquele estranho cheiro que não conseguia identificar – mas que me deixava ao mesmo tempo curioso e enjoado – havia impregnado o ar, o corrimão e os degraus.

Eu vivia uma mentira desde que abandonara a faculdade. Todas as manhãs, a seguir ao duche, olhava-me no espelho que pendia da porta e decorava ao ritmo lento com que ia vestindo a roupa um rosto que, com o passar do tempo, se ia tornando desconhecido. Existia ainda uma espécie de chama dentro de mim, mas tinha de esforçar-me muitas vezes para não a deixar fugir, para a manter acesa. Quando saía para a rua evitava os olhares, como se os

olhares dos outros pudessem trazer contra mim uma agressão, e caminhava de cabeça baixa e passo comprido até à biblioteca, que não ficava longe. Era uma bondade do acaso.

Na biblioteca trabalhava em silêncio. Chegava discreto e pontual, quase sempre aos cinco minutos para as dez, com um breve aceno para a recepcionista que se sentava, hirta e sisuda, a uma mesa enorme e vazia, o negro da pele e o suor esbatendo a camisa azul estampada. Naqueles dias de um cinzento metálico, em que mesmo no interior do edifício as sombras precediam a luz artificial, vivia rodeado de livros que cheiravam a mofo, milhares de volumes perdidos em estantes mais altas do que dois homens, e que guardavam segredos que eu ia descobrindo aos poucos. Todos os dias lia parágrafos, páginas ao acaso e partes sublinhadas das obras que eram empilhadas na minha mesa. O meu trabalho era fazer com que regressassem a casa, ou ao espaço que lhes fora eternamente reservado, agrupando-as por secções – história, geografia, filosofia, música, ciência –, fazendo a cada hora uma viagem pelas doze salas poeirentas e monótonas.

Ao final de um ano, era possível que quase todas as grandes obras alguma vez escritas me tivessem passado pelas mãos. Não estava interessado em física nuclear ou engenharia, mas interessava-me a História e os grandes romances. Porque o tempo era escasso, não podia entre uma hora e outra ler mais do que breves passagens ou, ocasionalmente, uma página inteira, se queria correr os olhos por cada um das centenas de volumes. Em várias ocasiões fui advertido. Se voltasse a atrasar o trabalho, ou fosse novamente apanhado a ler em cima da hora, em vez de a correr com o pequeno carro raso de madeira empilhado de livros através das salas, obediente, como um escravo de uma cultura maior, então nem para isso serviria.

Mas o mês de Fevereiro foi diferente. Em Fevereiro, a existência de um arrumador de livros na biblioteca passou despercebida, porque o arrumador de livros cumpriu as suas funções com uma entrega invulgar. Havia semanas que não conhecia uma noite completa de sono, e se no início fora como um facto curioso, uma estória para contar, tornara-se uma espécie de maldição, uma chaga que infectara. O que me mantinha desperto era o movimento. Recebia os volumes, empilhava-os, anexando a data de entrega, carimbando a ficha no interior, separando-os, exercendo funções para além das minhas, sacudindo o pó das capas com um pano, entregando-os ao seu destino, repetindo tudo uma e outra vez.

Uma manhã cheguei um pouco mais cedo à biblioteca. Passara a noite sentado à beira da cama, incapaz de repousar, os passos alternando o ritmo do sangue nas minhas veias. O som distante do tráfego diluía-se no espaço enorme da sala vazia. Olhavam-me os ecrãs azuis dos inúmeros computadores, pousados em mesas de madeira com pequenos candeeiros que emitiam círculos de luz. Um forte aroma a mogno polido cruzava o ar. Entre os dedos segurava um livro. Lia Platão pela primeira vez, o *Fedro*, em edição de bolso de páginas amarelecidas. Entre o discurso de Lísias e o discurso de Sócrates aconteceu um corte, um salto no tempo, como os filmes mal montados no cinema, e, quando tirei os olhos do livro e olhei para a sala, dezenas de pessoas caminhavam de um lado para o outro, os terminais de computador ocupados por estudantes de mochilas aos ombros, raparigas de cabelo liso e sardas estudando

nas mesas iluminadas. Após o sobressalto inicial, dei conta de que tinha adormecido sem o saber. Num piscar de olhos viajara de Platão para o sono, e de regresso à vigília. Ao olhar o relógio, descobri que perdera duas horas num movimento fugaz.

Decidi então que iria deixar de ler. Descobri ser impossível distinguir as palavras num livro das palavras num sonho, e ganhei o medo de não saber dizer se me encontrava num ou noutro. E se no meu sonho eu separasse livros e os arrumasse, enquanto na realidade o meu corpo tombava sobre a mesa com um estrondo, atirando os volumes ao chão sem piedade? E se no meu sonho eu fosse o melhor arrumador de livros do mundo, empilhando milhares de volumes em montanhas sobre o pequeno carro raso de madeira sem deixar cair um único, quando na realidade ressonava de boca aberta, atolado na cadeira?

Encontrei assim algum alívio no trabalho, pois o esforço mantinha-me desperto. Se não desperto, pelo menos numa condição misteriosa que anulava o poder do sono. Nas horas mortas caminhava de olhos semicerrados pelos corredores, às vezes parando junto à máquina de café, outras simplesmente deambulando pelas salas observando as paredes, um bloco de notas e caneta nas mãos, como se procurasse uma obra perdida ou arrumada no lugar indevido. Na verdade, o que fazia era hibernar entre um e outro minuto, incapaz de falar, incapaz do silêncio, a cabeça martelada pelo cansaço e pela vertigem, assombrada pelo som dos passos.

Deixara também de utilizar o metropolitano. Fazia o caminho entre a residência e a biblioteca a pé, mesmo que as pernas me pesassem como rochas. Receava, caso me sentasse no espaço exíguo de um assento na carruagem, não ter forças para lutar contra o rumor incessante das rodas e carris, das curvas suaves e da voz metálica que anunciava as paragens, cedendo ao chamamento do sono. Enquanto tivesse de andar, teria de permanecer acordado.

Sem o querer, começara a partilhar uma vida com alguém que nunca tinha visto, de quem nem sequer sabia o nome. Indagava muitas vezes o que poderia levar alguém a passar noites a fio sem dormir, e formulava hipóteses para satisfazer a curiosidade. Talvez fosse sonâmbulo, e na realidade dormisse enquanto caminhava; talvez fosse louco, incapaz de parar a corrente de pequenas conspirações que se entrelaçavam na sua mente. Talvez, como eu, sofresse de um medo abissal do seu próprio espaço, do seu único lugar de repouso, e o momento em que o sol se punha era todos os dias o momento em que a angústia lhe trepava pela espinha, silenciosa, incapaz de ser comunicada, o pavor de uma vigília involuntária.

Queria tudo menos regressar a casa ao fim da tarde. Quando o fazia, deitava-me sobre o colchão, o corpo abatido pelo cansaço, e contava as fendas no estuque do tecto até que a luz me ferisse os olhos, antecipando o momento do primeiro passo. Não sabia dizer ao certo quantas horas permanecia acordado e quantas dormitava. Por vezes, o dia surgia inesperadamente, inundando o espaço junto da janela com imagens de chuva, e era como se atravessasse um segundo no tempo que equivalia a uma eternidade; outras vezes o caminhar do estranho no quarto ao lado fundia-se com os meus nervos, provocando um terrível desconforto, e queria levantar-me, entrar no seu quarto e desmembrá-lo, para que nunca mais pudesse caminhar.

Vencido pelo cansaço, era incapaz de lhe fugir. Começava a pensar no que me acontecia como uma punição, ou uma consequência daquilo que tinha chamado à minha presença. Talvez eu tivesse invocado um demónio, e parecia-me justo que assim fosse, pois transformara-me numa sombra, num resto de alguém que em tempos fora dedicado, estudioso e trabalhador, e que acabara empurrando um carro raso de madeira carregado com as palavras nobres de homens maiores do que ele.

Foi nesta condição de sufoco que conheci uma mulher. Se isso não tivesse acontecido, julgo que hoje estaria morto.

Foi no princípio de uma noite em que me encontrava sozinho na biblioteca, dedicado a terminar o trabalho em atraso de catalogar a literatura vitoriana. Passavam poucos minutos das sete, a hora de fecho, quando uma rapariga de óculos surgiu do corredor e caminhou até à minha mesa. Disse-lhe que a biblioteca se encontrava fechada, mas ela pareceu não dar importância. Usava um casaco demasiado grande para o corpo magro. Olhou-me como se estranhasse estar eu ali, e não outra pessoa qualquer.

«Preciso mesmo de um livro. Não me podes ajudar?»

Fiz que não com a cabeça.

«Impossível. As salas estão fechadas. O que é que precisas? Posso guardá-lo para ti amanhã.»

O casaco era enorme e as mangas cobriam-lhe as mãos. Viam-se apenas as pontas dos dedos.

«O *Fedro* de Platão.»

Desenhou-se-me nos lábios um sorriso estúpido e abri a gaveta da secretária, de onde tirei a pequena edição que havia terminado de ler nesse mesmo dia, e entreguei-lha. Ela passou os olhos pela capa e também sorriu, mostrando uma fila de dentes grandes e saudáveis e um ar jovial.

«És mesmo eficiente. Se te pedisse outra coisa qualquer, também tiravas da gaveta?»

«Só se for um apara-lápis e agrafos.»

Estendeu-me a mão e apresentou-se.

«Chamo-me Nina.»

«Olá, eu sou o arrumador de livros.»

«Não tens nome?»

«Tenho, mas não gosto dele. Chamo-me Daniel. É um nome de criança.»

Nina continuava a sorrir. Depois fez estalar a língua e disse o meu nome, e repetiu-o, imitando a voz de uma criança pequena. Eu devo ter mostrado espanto porque me olhou com uma curiosidade inesperada. Perguntou-me se era estudante. Disse-lhe que havia sido, em tempos, mas que agora tinha todos os livros à minha disposição.

«O que estudavas?»

«Gostava de ter sido pintor.»

«Não tem muito a ver com livros.»

«Tens razão.»

«E o que é que fazes no tempo livre?»

Mostrei-lhe as fichas do catálogo dos romances vitorianos.

«Fora daqui, quero dizer», respondeu ela, sorrindo outra vez.

«Nada de especial. Fico acordado grande parte das noites. Tenho um vizinho barulhento que não me deixa dormir.»

«Sofres de insónias?»

Demorou um momento até que a palavra fizesse sentido. Talvez fosse verdade – eu tinha insónias. Mas não respondi. Queria perguntar-lhe porque desejava ela ler o *Fedro* de Platão. Antes de fazer a pergunta, no entanto, devo ter prolongado o silêncio, porque Nina lançou a mochila ao ombro e despediu-se com um aceno.

Nessa noite, deitado sobre a cama, apaguei as luzes e imaginei-a deitada a meu lado. Imaginei o corpo magro sem que lhe soubesse definir os contornos, e as roupas dela num monte ao lado da cama. Vi-a erguer-se, nua, e sair do quarto, a cintura delineada pelas luzes intermitentes do exterior, olhando para trás antes de atravessar a porta, o cabelo negro sobre a face. Sonhei-a a regressar com o homem que caminhava, e a mostrar-lhe que ali jazia a vítima da insónia, e o outro não mais do que uma sombra, um espectro sem rosto. Culpei-me por alguma vez ter desejado desmembrá-lo, e senti um enorme pesar, o pressentimento de uma maldição. Despertei minutos após adormecer, ao pesado andamento no quarto vizinho.

As noites em branco trouxeram-me o desespero e um desejo de conforto. A passagem do tempo mostrava-o. Tinha despertado em mim uma incontável curiosidade, um desejo de o conhecer, e fazia conjecturas sobre as diferentes maneiras de o abordar, para que parecesse um encontro casual. Poderia esperar por ele no vão das escadas e abordá-lo; poderia aguardar que saísse do quarto e sair ao mesmo tempo, enfrentando-o, homem contra homem. Poderia ainda bater-lhe à porta e apresentar-me, mas nada seria suficiente, porque nada impediria o momento em que caminhava.

A solidão, uma espécie de casulo que julgara proteger-me de coisas piores, pedia clemência e queria retirar-se. O meu corpo, que olhava nu todas as manhãs, frente ao espelho da casa de banho comum onde os habitantes do prédio se banhavam, parecia querer romper um ano de isolamento e ausência de toque. Olhava-o então como se fosse uma coisa estranha, rodeada dos fantasmas que existiam naquele edifício, cercada pelos duches que, em filas de ambos os lados do corredor de ladrilhos húmidos, haviam adquirido a cor amarela do plástico que é usado por demasiados pés. Quando a casa de banho se encontrava vazia, observava a magreza do meu tronco. Perdera muito peso desde o princípio da insónia, e podia contar o número de costelas que recortavam a minha forma, os ombros ossudos e desalinhados, o cabelo negro e espesso despenteado caindo sobre as maçãs-do-rosto salientes. Olhava-me uma e outra vez e sentia-me fraco, um débil arrumador de livros curvado sobre fichas e

recados.

Estes pensamentos ocupavam grande parte dos meus dias. Na biblioteca encontravam-me desperto, mas reservado, trocando com os meus colegas não mais do que as poucas palavras necessárias para fazer o meu trabalho. A sugestão de Nina havia oferecido um rumo à minha procura, um ponto de partida que, ainda que simples, era inestimável, como o ovo de Colombo. *Insónia* era uma palavra de que conhecia o significado pela primeira vez. Foi neste ruminar constante e metódico, contrário ao que eu era até então, que encontrei uma maneira de comunicar com o meu vizinho.

Folheava uma tarde, junto à estante de literatura científica, um antigo anuário de prática médica em busca de notas marginais ou páginas desaparecidas, quando deparei por mero acidente com a palavra. Fechei o livro, deixando um dedo no interior para marcar a página, e olhei a capa. Datava de 1941, e o capítulo detalhava as experiências de um médico chamado Robert Burke em vários hospitais ingleses. A palavra surgia na descrição do estado de um paciente a cuidado de Burke, referido apenas como Roy, um rapaz muito novo que sofria de insónia crónica que o médico encontrara no hospital de Brighton. Apesar de as informações sobre o seu passado serem inexistentes, o autor fazia referência ao facto de Roy ter doado o seu corpo à ciência para nele conduzirem todo o género de experiências. Uma centena de páginas descrevia então os novos métodos utilizados por Burke durante a sua carreira, a fim de melhorar a condição dos afligidos com diversos tipos de maleitas, afastando-se da prática comum e recorrendo à medicina experimental.

No final de 1941, Roy foi injectado com fortes sedativos durante alguns meses, que deixaram o seu corpo em estado de repouso permanente. Sem que o soubesse, pois encontrava-se letárgico, foi transportado de cidade em cidade, passando períodos de tempo indeterminados nas mãos de diferentes especialistas que fizeram dele intenso objecto de estudo, sob a supervisão do médico inglês. Finalmente, após vários diagnósticos inconclusivos, a medicação foi-lhe retirada. Quando despertou, Roy encontrava-se enclausurado numa sala vazia que não sabia dizer onde se situava. Não existiam janelas ou portas, e as luzes permaneciam constantemente ligadas. Não lhe era permitido dormir. Quando já não conseguia resistir ao apelo do sono, as luzes tornavam-se mais fortes e intermitentes, e um som industrial ensurdecador ecoava pelas paredes. Com o passar do tempo, Roy deixou pura e simplesmente de conseguir dormir, e os efeitos especiais tornaram-se desnecessários. A insónia que o afligiu a partir daí tornou-se incontornável, e ali permaneceu durante anos, com visitas esporádicas dos médicos para avaliarem a sua condição.

Alguns anos depois, quando a experiência terminou, Roy foi enviado para Londres, uma cidade que lhe era estranha pois passara metade da sua vida enclausurado. A cidade havia sido reconstruída após a guerra e tornara-se um lugar agreste para um homem sozinho, sem posses, com o passado de Roy. Foi-lhe dado, segundo o testemunho do médico, o dinheiro suficiente para recomeçar a sua vida, mas, a partir daí, este perdeu qualquer rasto do antigo paciente. Em 1943 foi retirada a Burke a licença de prática médica.

Tirei cópias dessas páginas nessa tarde e guardei-as comigo. Quando subi as escadas da residência, dobrei as folhas em quatro e, num gesto que não era inteiramente meu, mas impulsionado por uma força alheia, enfiei-as num ápice por baixo da porta do meu vizinho. Fugi depois para o quarto numa espécie de embaraço satisfeito, e durante horas não me atrevi a fazer um único som. Queria permanecer em silêncio pois ansiava pelo momento em que o distinto amarfanhar do papel significasse que ele lia as palavras do primeiro contacto, em que abriria a porta para ver quem estava do outro lado, não encontrando ninguém. Mas as horas passaram e o único som chegou mais tarde, na forma dos passos inquietos sobre um chão que eu imaginava deformado ao peso de um homem enorme, marcado pela mesma doença que Roy.

Durante dias aguardei ingenuamente uma resposta, uma espécie qualquer de sinal, mas nada chegou. Não sabia sequer o que esperar. Podia dar-se o caso de ele nem saber ler ou, mesmo que soubesse, de aquele particular pedaço de história, verdadeira ou falsa, lhe ser indiferente. A rotina, metódica e escrupulosa, permanecia idêntica, cada noite a mímica da noite anterior, cada noite um tempo roubado, sem saber se o momento em que desceu a madrugada foi real, ou um sonho, ou uma ilusão.

No cair de um sábado em que não havia saído do quarto, por indiferença e porque não tinha obrigações nesse dia, encontrava-me debruçado à janela que dava para a rua suja nas traseiras do prédio, onde os estudantes se encontravam em grupos para fumar. Não via mais do que tufos de cabelo, rastos de fumo e bicicletas ancoradas aos portões das casas. As vozes cruzadas com outras vozes perdiam-se no ar gelado da cidade iluminada pela lua de Março. Foi quando reparei numa mão que acenava na minha direcção. Demorei um instante a reconhecer Victor, um dos poucos amigos que guardara das aulas na universidade. Tinha cortado o cabelo, que era de um cinzento brilhante sobre o rosto pálido. Dois grandes olhos azuis fitavam-me. Acenei de volta.

«Olá. Desces, ou quê?»

Não tinha qualquer vontade de sair, mas a perspectiva de outra noite em claro era aterradora, e gostava da companhia dele. Victor era um imigrante ilegal que se conseguira inscrever na faculdade com um passaporte falso. Tinha facilmente assimilado as maneiras e o sotaque da cidade. Sobre ele corriam todo o género de boatos, porque se imiscuía facilmente em qualquer grupo – ingleses, estrangeiros, socialistas, conservadores – sem que ninguém soubesse dizer de onde vinha. Victor gostava de manter esse segredo.

Caminhámos em direcção ao Leste, as mãos enterradas nos bolsos, o frio a cortar as partes desprotegidas do corpo.

«O que é que achas?», perguntou, inclinando a cabeça na minha direcção. Uma argola rodeava-lhe o lóbulo da orelha direita.

«Bem», respondi, sem ter na verdade qualquer opinião.

«Foi uma rapariga que me ofereceu. Parece que é uma tradição na família dela usar isto na orelha. Achei que o devia usar hoje. Vamos a uma festa em sua casa.»

Victor tirou um gorro do bolso e colocou-mo na cabeça, rindo.

«Estás com mau aspecto. Não tens dormido?»

Enfiei as mãos até ao fundo dos bolsos do casaco, onde encontrei moedas perdidas que chocalhavam com o andar.

«Nem por isso. Fico até tarde na biblioteca, estamos a organizar novas colecções. Tens a certeza de que eu sou bem-vindo nessa festa?»

«Claro, não te preocupes. Eu também não conheço muita gente, meia dúzia ou assim. E a minha amiga tem uma amiga que vai gostar de ti. É um rato de biblioteca como tu.»

Largou uma risada sonora e deu-me uma palmada nas costas. Depois acendeu um cigarro que segurou entre o polegar e o indicador, a mão numa concha.

«Precisas de libertação. Eu posso ajudar-te. Porque é que não telefonas mais vezes?»

«Não tenho telefone», respondi. «E eu gosto de livros.»

Atravessámos uma pequena ponte sobre um rio estreito e cortámos através de um parque. Ao entrar numa rua sem saída, onde os sons da noite pareciam distantes, Victor abriu o portão de uma casa, entrou e premiu o botão da campainha junto da porta. Aguardámos no patamar até que uma rapariga indiana abriu a porta. Do interior chegou um aroma forte e intenso que não soube identificar. A rapariga usava um vestido branco e tinha o cabelo apanhado. Parecia sorrir, mas podia ser só um esgar, pois as maçãs-do-rostto não se moviam. Victor tomou-lhe o pulso e beijou-lhe a mão num gesto demasiado elegante e despropositado. Apresentou-ma e ela estendeu a mão que eu apertei, os olhos dela vasculhando os meus.

Depois conduziu-nos através de um corredor mal iluminado, repleto de pequenas velas e quadros na penumbra. Atravessámos um pátio interior em absoluto silêncio, seguindo os passos suaves, quase etéreos, dos pés nus da rapariga, até chegarmos ao outro lado da casa. Ao subirmos uma escada de caracol chegou-nos o ruído nervoso de vozes. Victor olhou-me, partilhando a minha expressão de surpresa, mas sem dizer nada. O aroma tornou-se mais intenso quando emergimos numa sala sombria, iluminada por velas.

A uma mesa baixa no centro reunia-se um grupo de pessoas, sentadas no chão. No centro da mesa existia um enorme bule, do qual nasciam inúmeros tentáculos. Falavam devagar e caíram em silêncio quando nos aproximámos. Victor abraçou uma rapariga e ela segredou-lhe ao ouvido, e então ele mostrou-lhe o brinco em forma de anel. A rapariga que nos havia mostrado o caminho voltou a descer as escadas. Victor puxou-me por um braço e fez-me sentar, apresentando-me ao grupo. Procurei sorrir e eles retribuíram o sorriso. Eram três mulheres e dois homens, e todos usavam roupas leves e coloridas, como se a sala pertencesse a uma outra estação do ano. Os dois homens eram quase idênticos, de cabelos lisos que reflectiam a luz como espelhos negros, lábios carnudos que se abriam em sorrisos inocentes e vozes suaves e efeminadas. Elas sentavam-se do lado oposto da mesa e tinham peles tingidas e olhos redondos e meigos. Eu e Victor ficámos na esquina da mesa, um tanto afastados, e escutámos durante algum tempo uma conversa numa língua estranha que nenhum de nós soube identificar.

«Não te assustes, isto é mesmo assim», disse Victor baixinho. «A minha amiga Zehra

explicou-me que eles estão a ser iniciados.»

«Iniciados?»

«Olha para eles», segredou-me ao ouvido. «São puros, ainda não foram tocados. Acabaram de chegar a Londres. É a primeira noite que passam na companhia de mulheres.»

«É um ritual de acasalamento?»

«Não, do acasalamento há-de tratar a família. O que se passa aqui não pode sair desta sala. Se os pais deles soubessem, nunca mais os deixavam entrar em casa. O que estão a fazer é proibido.»

«Queres dizer que isto é ilegal?»

O cotovelo de Victor pressionou-me as costelas.

«Não digas isso. Não é ilegal, é apenas contra a tradição. Vê a coisa desta maneira: existem deuses em jogo, e também existem demónios. Puxam para lados diferentes. Para o resto da vida, esta gente vai acreditar na santidade do matrimónio e na pureza espiritual. Esta noite é uma passagem para um lugar que eles desconhecem e ao qual nunca poderão regressar.»

«O que é aquela coisa no meio?»

«Aquilo», disse Victor, arregalando os olhos, «é a porta para o além».

O som das vozes cessou e Zehra, a mais bela das três, ergueu-se e caminhou até à sala contígua, contornando as grossas velas que se encontravam espalhadas pelo chão projectando sombras ondulantes. Regressou com um pote e abriu o bule, largando um pó na água fervente. O aroma penetrante invadiu o espaço e um sorriso abriu-se nos lábios de Victor. Depois os tentáculos foram erguidos e os dois rapazes inalaram o fumo pela boca, expelindo-o pelas narinas depois de o guardarem por instantes. Os outros fizeram o mesmo, excepto Zehra, e o rapaz a meu lado entregou-me o tentáculo.

«Agradeces e fazes como eles», disse Victor num sussurro.

O fumo entrou como uma outra alma em mim. Numa prolongada suavidade, deixei-o sair pela boca e pelas narinas, consciente da presença dos olhares. Um calor súbito no estômago fez-me largar um suspiro quando pousei o tubo na mesa. As duas raparigas riram baixinho. Julgo que lhes sorri, sentindo os músculos do corpo largarem toda a tensão, um súbito mergulho num espaço sem gravidade.

Então deve ter passado uma fracção de tempo sem que eu desse conta, pois havia de súbito o calor húmido de alguma coisa na minha mão, que se unia e desunia. Olhei com enlevo uma outra mão na minha, mais pequena e de uma cor diferente. Um dos rapazes sorria de olhos fechados, oferecendo a outra mão ao companheiro do lado, formando assim uma união que se prolongou por todos os que ali estavam, cada mão na mão mais próxima. Fixei atentamente os rostos das raparigas, que eram como tecidos impressos, o rosto de Zehra um tecido raro e flamejante. Pela primeira vez em muito tempo – numa eternidade – senti uma felicidade dormente, um desejo inexprimível de me deixar levar para outro lado. A mão que me acariciara a mão acariciava-me agora as costas. Quis dizer algo, mas descobri que não conseguia falar. Abri a boca para exprimir uma sensação, mas o que saiu foi um vazio, uma

ausência de palavras.

Eu havia entrado na região onde vagueavam as silenciosas faces dos deuses. As duas raparigas ergueram-se e num gesto tomaram os virgens nos seus braços. A rapariga mais bela apagou um por um os fogos que ardiam na escuridão, e flutuou com o meu amigo para outro lugar. Os lábios moveram-se, mas já não eram vozes, era o mundo que murmurava, e o meu desejo acendeu-se sem objecto. Num instante eu era Roy, e estava sozinho, trancado à beira do tempo como um relógio que deixara de funcionar; no instante seguinte eu era o homem que caminhava, o gigante sem rosto, como Gulliver atravessando vales com passos gigantescos. Fechei os olhos e senti que me encontrava perdido num mar morno, à deriva, mas sem qualquer temor.

«Daniel.»

Foi então que a vi. Como de um sonho do qual se desperta para logo entrar noutro, Nina surgiu perante mim, ou melhor, sobre mim, pois eu estava deitado e sentia a solidão do espaço em redor. As pontas do cabelo solto tocavam-me levemente o rosto.

«Estás a delirar», disse ela.

«O que é que estás a fazer aqui?»

«Eu vivo aqui. Mas tu não podes saber isso porque continuas do outro lado.»

Respirei fundo, deixando o ar invadir-me com enorme prazer.

«Então é possível que tu não estejas realmente aqui.»

«Sim, é possível. Mas que diferença faz? Só se desperta dessa infusão quando alguém nos desperta, e eu não te quero despertar. Tu precisas desse repouso.»

Olhei em redor, mas tudo era negro.

«Onde é que eles foram?»

«Não te preocupes, eles estão bem. Mas tu ficas comigo.»

Nina tirou a camisa muito devagar. O corpo magro uniu-se ao meu, e percorreu-me um arrepio ao sentir os seus seios deslizarem sobre o meu peito, as suas pernas ajustando-se às minhas. Antes que pudesse saber onde estava, o negro transformou-se em azul, com a velocidade de um sonho, e o azul outra vez em negro. Os lábios uniram-se aos meus e fechei os olhos, levando comigo o último resquício de luz.

A manhã chegou silenciosa, e eu senti que algo em mim havia mudado. Nina dormia em silêncio, nua, como um animal em repouso. Ao lado da cama, no chão, entre linhas de luz e sombra, estava o *Fedro* de Platão. O quarto era pequeno e arrumado. Não tinha quaisquer decorações, e parecia não pertencer à casa onde estivera na noite anterior. Da pequena janela junto à cama podia ver o céu repleto de nuvens sobre os telhados próximos. Uma fila ordenada de pombos descansava num beiral, mas cedo desapareceu.

Toquei as costas de Nina, acariciando-a, mas ela não se moveu. Sussurrei-lhe ao ouvido que me iria embora, cheirando-lhe o pescoço e o cabelo, mas ela parecia dormir profundamente. O poder do amor estrangulou-me o coração naquele instante. Sem que a

acordasse, vesti as minhas roupas e saí do quarto, pé ante pé. No corredor encontrei várias portas fechadas. A casa parecia estar vazia. Desci um lanço de escadas que me conduziu ao corredor mal iluminado, e fiz o caminho de regresso através do pátio.

Caminhava por Highbury Fields, em direcção à residência, quando fui assaltado por um estranho pressentimento de que alguma coisa me esperava. Foi um pressentimento como uma dor física, que anunciava a presença de alguém. Apressei o passo através das ruas desertas e, ao chegar ao edifício, corri escada acima. Quando entrei no quarto, havia um envelope branco no chão. Fechei a porta e sentei-me à secretária. Abri o envelope com um rasgão descuidado. No interior, apenas uma folha de papel escrita à mão, numa caligrafia bruta e desajeitada. As minhas mãos tremiam enquanto lia.

«O atraso em comunicar deveu-se ao facto de não saber quem me escrevia. Agora já sei. Aconselho-te a desistires enquanto é tempo. Piotr.»

O arrumador de livros estava morto. Transformara-se em nada mais do que um espírito, uma memória na forma de um corpo, como uma fotografia antiga e engelhada. Cego para o mundo, dediquei-me a vasculhar o secreto mundo da insónia. Por todo o lado surgiam pistas: nas obras de filosofia, nas biografias, nos romances, nas notas de rodapé de livros empoeirados, novos e velhos, que dormitavam de passagem na minha mesa. A biblioteca tornara-se um labirinto secreto de agonias, onde eu recolhia um a um os testemunhos de homens que, tal como eu e Piotr, haviam deixado de conseguir distinguir o sono da vigília.

Os dias foram passando. Em cada um deles comuniquei com Piotr, trazendo da biblioteca para o quarto pequenos recortes, páginas dispersas, cópias de cópias que enfiava discretamente por baixo da sua porta, com a satisfação contida de um autor ainda desconhecido. Encontrei as estórias de homens anónimos em breves excertos de romances, como o soldado inglês que permaneceu desperto durante uma eternidade, aguardando a morte numa vala germânica; ou a esposa do homem que partiu para a Lua a cavalo, em direcção ao colosso iluminado no horizonte, e que todas as noites permanecia acordada, olhando o céu em busca de um sinal. E encontrei as estórias de homens famosos, como Dom Quixote de la Mancha, ou Robinson Crusoe, ou Marco Polo, e todos eles padeciam do mesmo mal, de uma solidão tão grande que o tempo se transformara num demónio caminhante e ensurdecador.

Foi durante essa altura que deixei de saber se me encontrava desperto ou adormecido. Se dormia, não sabia que dormia, e não queria adormecer deixando que as horas passassem, indiferentes, porque vivia, julgo, o primeiro amor. Ardia de desejo, e queria senti-lo a todos os momentos, a todas as batidas do coração e todos os latejares do meu pulso fraco. Sabia então que um amor assim nunca se iria repetir, era único na sua espécie. Deitado na cama, a insónia prolongava-se, e as formas sombrias de corpos rodeavam-me. Via-me subitamente assaltado por criaturas fugidias a todos os momentos, sombras que me perseguiram fosse para onde fosse, que murmuravam aos meus ouvidos quando fechava os olhos e imitavam os meus passos no corredor, nas escadas, na rua. Tocavam-me, em silêncio, nas partes escondidas do

corpo, e partiam quando as tentava agarrar.

Tarde numa noite fria, uma inquietação invadiu-me e tirei, peça por peça, a roupa que tinha vestida, pendurando-a atrás da porta. Saí para o corredor deserto, sentindo o azulejo gelado nas solas dos pés. O edifício parecia estar adormecido, e o silêncio era interrompido apenas pelo gotejar dos duches. Na casa de banho, fechei a porta e sentei-me na borda da banheira, grande e amarelecida pelo tempo, com pés de animal. Abri a torneira e deixei a água quente correr até que o vapor invadissem o espaço e me cegasse. Primeiro mergulhei o pé direito de uma só vez, sentindo o choque da água fervente, e então mergulhei o outro pé. Lentamente deixei-me escorregar pela superfície curva e fiquei submerso até ao queixo, uma densa nuvem branca pairando no ar. Soprei, fazendo levantar uma linha de água que de novo repousou como uma onda microscópica.

Foi ali deitado que ouvi os passos no corredor. Aproximaram-se da porta, onde no instante seguinte soaram três pancadas suaves. Sustive a respiração e ergui-me, deixando emergir os ombros, e as pancadas surgiram outra vez, então mais fortes. Levantei o braço molhado da água, esticando-o até à porta que ficava atrás da banheira, e respondi da mesma maneira, magoando os nós enrugados dos dedos contra o estuque quebradiço. Uma voz metálica surgiu de parte incerta, fragmentada, como surge uma voz através de uma porta.

«Precisamos de falar.»

E eu respondi:

«Sim.»

E a voz sussurrou:

«Estava à tua procura.»

«Aqui estou.»

«O que queres de mim?»

«Não compreendo.»

A voz tornou-se ríspida e tremente, o sotaque eslavo mais cerrado.

«Estás a atormentar-me. Não paras de me assombrar. Sabes que sofro como sofro, porque não me deixas em paz?»

De repente a água gelou e o meu corpo foi invadido pelo temor. Disse baixinho:

«Mas és tu que me assombras.»

«Desde que vivo neste maldito edifício não sou capaz de dormir. Os telefonemas a meio da noite. As mensagens debaixo da porta. No princípio não soube quem era, mas agora sei-o: foste tu. Não sei quem és, nem de onde vens, e pouco me interessa, mas quero que desapareças.»

«Eu também não durmo desde que chegaste.»

«Às vezes acho que fazes isto para te divertires.»

«Não.»

«Eu acreditei em ti quando disseste que me irias ajudar. Tu prometeste que me irias ajudar, e eu segui as tuas ordens à risca, cumpri com tudo aquilo que me ordenavas. Como se eu

estivesse doente e tu possuísses uma cura. E olha o que me aconteceu. Depois de todas aquelas noites de vigília a observar, à espreita, à espera de qualquer coisa que nunca soube o que era, que ainda não sei o que é, nunca mais soube repousar. Não sei dormir nem estar acordado. Não sei quando é uma coisa ou outra.»

«Não sei do que falas.»

A madeira frouxa da porta estremeceu com um murro de punho cerrado.

«Não te faças de estúpido. Podes disfarçar a voz, mas agora sei que és tu, que foste tu desde o princípio. Ouvi-te quando deixaste a última mensagem, e ouvi-te quando fechaste a porta do quarto. Andaste a tirar proveito da minha fraqueza. Agora compreendo que foi uma espécie de jogo, de brincadeira idiota do gato e do rato. Eu observava e era observado, e cada um esperava que o outro desse mais um passo, fizesse algo mais do que estar ali como um boneco sem corda, repetindo os mesmos gestos noite após noite.»

«Não me recordo. Juro-te que não sei.»

«Mas deixa-me dizer-te que todas estas noites em que fiquei acordado, esperando, me deixaram mais lúcido. Tenho um aviso a fazer-te. Se voltar a receber um telefonema ou uma mensagem, vou atrás de ti e, se não conseguir acabar contigo pelas minhas próprias mãos, entrego-te à Polícia. Sei onde vives e sei o teu nome.»

«Como sabes o meu nome?»

«Tu fizeste questão em que eu o soubesse, Roy.»

«Eu não me chamo Roy. Estás enganado. Não conheço ninguém com esse nome. O único Roy de que ouvi falar seria hoje um homem velho. Provavelmente está morto.»

Houve um silêncio prolongado, como se o mundo se calasse e nada mexesse. Depois a voz disse:

«Então tu também estás morto.»

Fiquei muito quieto e cheio de medo, sem saber o que fazer, escutando o pesado som do outro que se afastava. Ali deitado, submergido na água morna, os passos tornaram-se cada vez mais distantes, até serem engolidos pela solidão do corredor que eu haveria de atravessar mais tarde, nu e molhado.

O Verão chegou e eu encontrei-me rendido ao tormento da vigília. A minha cabeça latejava a todos os momentos, e suave à minha mesa repleta de recados não entregues e ordens não cumpridas, uma pilha de livros por catalogar e arrumar no espaço que lhes pertencia.

Tenho recordações fugazes desses dias, nada mais do que imagens que perduram o tempo de um abrir e fechar de olhos. Vejo Nina entrar na biblioteca, bastando um olhar seu ou um gesto para que eu abandone o trabalho, deixando que os livros encontrem o seu caminho. Vejo-me tomar a sua mão na minha e caminhar através das ruas de Londres, sobre os pavimentos cinzentos e as grades de ferro onde se escuta o metropolitano, passando as portas abertas dos bares e a gente anónima que se cruza em todos os sentidos. Ainda noutro instante consigo ver a rua sem saída, a porta de uma casa a abrir-se, e no interior os quadros na penumbra, o suave

aroma evanescente das flores no pátio, e a escada de caracol.

Dentro do quarto onde fazíamos amor existia a perpetuação de uma tristeza. Sempre que a penetrava, e ela suspirava e gemia, eu sentia que seria essa a última vez, e olhando-a na semiobscuridade das cortinas cerradas quase conseguia vê-la desaparecer entre as minhas mãos. Depois de fazermos amor ela adormecia e eu não queria acordá-la. Voltada em direcção à parede, não podia senão adivinhar os seus olhos fechados e a expressão plácida de alguém cujo desejo fora satisfeito, procurando o repouso.

Não sei explicar a quietude que nos envolveu. Sempre que estivemos juntos trocámos poucas palavras, e sempre que isso acontecia era um esforço, uma tensão, algo que escapava ao ritmo natural com que o silêncio preenchia o silêncio.

Recordo apenas uma conversa.

«Gostava que conseguisses dormir.»

Encontrava-se deitada de barriga para cima, o ventre descoberto pela camisa que esvoaçava, suave, ao lento entrar e sair do vento pela janela aberta. Eu estava sentado em frente da cama, na única cadeira do quarto, a noite quente lá fora e o sono uma miragem distante. As palavras haviam-me chegado como se tivesse acordado de repente, lentas e mascaradas por breves sons involuntários da sua garganta rouca.

«Digo isto porque gosto de ti. Não queres saber porque gosto de ti?»

«Acho que não.»

Ela sorriu.

«Mas digo-te, mesmo que não queiras saber. Lembras-te de quando me deste o teu exemplar do livro?»

«Na biblioteca.»

«Sim, na biblioteca. Aconteceu nesse instante. Achei-te carinhoso e cheio de generosidade. De uma maneira inocente, quiseste partilhar alguma coisa comigo. E eu soube quando o fizeste que querias partilhar a solidão que sentias, e por mim não tem importância, porque te desejei mesmo assim.»

Nina abraçou-se quando uma brisa mais fria fez gelar o ar por um instante.

«Sabes que eu não sou mais do que aquilo que tu procuravas, não sabes?»

Perguntei-lhe o que significavam aquelas palavras. Ela ergueu-se na cama, segurando os colarinhos da camisa entre dois dedos, e pousou a mão livre no meu joelho. Os seus olhos encontraram os meus. Senti que o meu olhar nada escondia, era um espelho daquilo que dentro de mim estava a acontecer.

«Significam», disse, o hálito morno, «que tudo aquilo que imaginares acontece».

«Tudo aquilo que imaginar acontece», repeti, baixinho, como se, ao repetir as palavras, elas se ordenassem num sentido que ainda não possuíam.

«Olha para mim», pediu. «Eu sou um produto do teu desejo, da tua imaginação. Quando o teu desejo por mim morrer, deixarei de estar aqui. Mesmo que agora me possas ver, ou me consigas sentir, no momento em que atravessares aquela porta não saberás dizer se eu fui

alguma vez real, ou apenas um sonho. Mesmo que me recordes, posso não ser mais do que o teu capricho fugaz. É isso que tens de aceitar.»

Alcançou o meu rosto com os dedos e beijou-me. Senti os lábios dela nos meus e provei-lhes o doce misturado com o amargo da saliva. Enquanto durou o beijo, Nina estendeu o braço e pegou no livro que estava na mesa-de-cabeceira, pousando-o sobre o meu colo.

«Já não preciso do livro. Já o terminei.»

Baixei a cabeça para o olhar, mas ela tocou-me o queixo com o dedo indicador, erguendo-o, e os seus olhos perscrutaram os meus. Disse então suavemente o meu nome, tal como o havia dito a primeira vez, antes de tomar na sua mão o meu pulso. Levou os meus dedos a tocarem-lhe o rosto, descendo da testa até aos lábios, onde se demoraram na humidade quente da sua boca, e conduzindo-os mais abaixo, do queixo ao pescoço, repousando no centro do seu peito. Senti o seu coração bater a um ritmo diferente do meu, mais rápido, semelhante ao de um pequeno animal.

«É altura de te ires embora.»

Nessa madrugada caminhei ao acaso pelas ruas desertas, assaltado pela dúvida, as palavras de Nina um eco dentro de mim. Eu perdera a sanidade e tudo era não mais do que uma ilusão, um derrame do meu espírito destruído pela insónia. Entre os dedos segurei o livro, tentando sentir a realidade da sua existência. Então abri-o e rasguei uma página, que larguei no passeio, e depois outra. Quando cheguei à residência sobrava apenas uma, que deixei debaixo da porta do homem que assombrava o quarto vizinho. Fi-lo sem medo ou pudor, e sem inquietação ou vergonha, ou qualquer outra sensação humana, pois em redor do meu pescoço existia uma força que me estrangulava como a um condenado.

Nessa noite uma febre tomou conta do meu corpo na primeira hora da insónia. O suor alagou os lençóis e o torpor dos membros inferiores alastrou-se lentamente. Era uma noite cerrada, sem estrelas, e eu aguardava, deitado sobre a cama. A porta abriu-se devagar, iluminando o chão com um triângulo de luz. A sombra aproximou-se, e senti as mãos sobre o meu corpo, inerte e preso, vítima de um outro corpo mais pesado. Depois os dedos procuraram a garganta, largando o cheiro nauseabundo de uma pele estranha e rugosa, que se ajustou ao meu pescoço e pressionou em silêncio. Primeiro uma pressão ligeira e controlada, descobrindo o ponto fraco; então a pressão aumentou sobre a traqueia que fraquejava, a maçã de Adão ameaçando ceder.

O murmurar de uma voz metálica pronunciava palavras numa língua desconhecida. Fechei os olhos, sabendo que dentro em pouco estaria morto, rendido à impossibilidade de combater a força desmedida daquele homem. Mas, quando deixei de conseguir respirar, a garganta procurando o último resquício de vida, algo em mim despertou. De repente os meus braços agitaram-se, e lutei com as forças que me restavam contra a sombra aterrorizante do meu carrasco, desferindo golpe atrás de golpe no seu rosto, de punho fechado mas sem a força de um punho fechado – mais como uma mão dormente que tenta cerrar os dedos.

Pouco a pouco, no silêncio de uma batalha terminada, a pressão desvaneceu-se e a vontade do outro também. Eu nada poderia ter feito. Fui poupado pelo homem que, ainda que não lhe pudesse ver o rosto, sabia ser Piotr. Quando se afastou era apenas um vulto ofegante abandonando o destino de um assassino, que talvez reconhecesse não ser o seu. Recuou, o espectro desmedido recortado na escuridão, e enquanto eu recuperava a respiração às golfadas, o ar penetrando-me como um sopro de vida, desapareceu pela porta que deixou fechada.

Durante muito tempo permaneci imóvel, ainda no quarto a presença da morte, que nunca antes o meu corpo havia conhecido. Era uma presença estranha mas tranquilizante, não tanto uma sensação como um prenúncio. Fiquei acordado toda a noite na mesma posição inútil, observando as formas que eram desenhadas nas paredes e no tecto pelas diferentes luzes e sombras, que entravam devagar e partiam num instante. Abri a boca porque tinha sede, mas tudo o que consegui foi soltar um lamento que me saiu dos lábios gretados e da língua ressequida que buscava por água.

Quando a manhã despertou, uma luz cinzenta atravessava o céu anestesiado da cidade, e o vento assobiava pelas frinchas da janela. Levantei-me e abri a porta do quarto. Encontrei, no chão, um caixote de papelão que ali havia sido largado, e ajoelhei-me para o observar. No interior do caixote existia um cobertor laranja, enrolado no qual se encontrava uma fotografia a preto e branco de duas pessoas. A da direita era uma rapariga muito nova, quase uma criança, de cabelo louro aos caracóis, e a outra uma mulher. Sorriam. Podiam ser mãe e filha. Dentro do caixote estava ainda um envelope, que guardava uma chave e um cartão com um endereço.

Enfiei o cobertor e a fotografia numa mochila, vesti o casaco, e saí para a rua. Chuviscava naquela manhã, e levantei o queixo para o céu, deixando que as gotas da chuva entrassem como rios dentro da minha boca. Atravessei a estrada e entrei no prédio em frente. Um amontoado de caixas de correio trepava pela parede da entrada. Subi três andares até chegar a uma porta fechada ao fundo de um corredor e, usando a chave, entrei no apartamento.

Era um espaço exíguo e pobre, dois quartos pequenos e uma sala com um par de janelas altas de cortinas cerradas. Um sofá velho e sujo ficava voltado para as janelas, e sobre uma escrivaninha antiga, colocada num estranho ângulo, estavam uma máquina de escrever e um cinzeiro. Num dos quartos repousava, sobre uma cama de solteiro desfeita, um pijama dobrado. Abri a mochila e coloquei a fotografia sobre a escrivaninha. Tomado de um cansaço desmedido, deitei-me no sofá e, tapando-me até aos ombros com o cobertor laranja, caí num sono profundo.

O sonho que tive foi de uma luminosidade intensa, talvez porque não sonhasse há tanto tempo. Atravessava um parque onde crianças corriam sem propósito em redor de um monstro de ferro. Sentadas num banco, uma senhora de idade lia o jornal ao contrário e duas adolescentes vertiam lágrimas para dentro de mochilas. O rufar ligeiro do vento nas copas das

árvores tornou-se mais denso, e de súbito o verde deu lugar ao cinzento e ao castanho. Encontrava-me agora no subúrbio de uma cidade, e seguia um homem de gabardina *beige* e chapéu por uma rua paralela a uma linha-férrea, o passeio estreito e as casas com longos beirais para os pássaros.

Caminhámos como dois soldados, ele à frente, aparentemente alheado da minha presença, até onde o pequeno subúrbio pareceu terminar. De um lado da estrada existia um campo aberto, dividido por uma cerca. A terra era infértil e lamacenta e o campo encontrava-se coberto de detritos. Do outro lado existia uma série de grandes edifícios antigos, talvez armazéns abandonados, as janelas partidas e ervas daninhas crescendo nas paredes. A estrada terminava adiante, junto de uma estação de comboios abandonada.

O homem fez um desvio à direita, saindo do pavimento, e através de um caminho de terra entrou num dos edifícios. A porta de alumínio ficou aberta. Guardei a distância de alguns metros e então aproximei-me. A porta rangia quando espreitei para o interior, onde nada vi excepto escuridão. Entrei, e a primeira sensação que tive foi o cheiro nauseabundo que empestava o ar. Devagar, os meus olhos habituaram-se à obscuridade do espaço, e comecei a discernir os vultos e as sombras das coisas.

No interior do armazém não existiam mais do que camas a perder de vista. Eram leitos simples, com armação de ferro, sobre os quais repousavam um colchão e uma almofada. As camas encontravam-se alinhadas de um e outro lado, encostadas à parede. Algumas estavam ocupadas com a presença de homens, outras encontravam-se vazias. Os homens nas camas pareciam dormir profundamente.

Caminhei pelo espaço vazio no centro e ouvi a porta fechar-se suavemente atrás de mim. Existia um ligeiro rumor no ar formado pela respiração dos corpos adormecidos. Vi o homem, à minha direita, tirar uma a uma as peças de roupa que tinha vestidas, alheado da minha presença. Pendurou a gabardina e as calças dobradas na grade metálica aos pés da cama, colocou os sapatos no chão e dentro deles enfiou as meias. Dobrou a camisa e guardou-a debaixo do colchão, e então deitou-se de lado, curvado, os braços cruzados sobre o peito, e pareceu adormecer sem demora.

Caminhei até ao fundo do armazém, onde a escuridão era maior e o ar poeirento e rarefeito. Um homem novo de cabelo ruivo murmurava no sono, deitado de barriga para baixo, um dos braços pendendo para fora da cama. Na cama ao lado, um velho com um abcesso na perna esquerda ressonava pacificamente, o inchaço visível na coxa descoberta sobre a qual repousava uma mão. Sentei-me na cama vazia do lado oposto, e de súbito os meus membros tornaram-se dormentes. Num momento de irrevogável fraqueza o tronco tombou e caí, de braços abertos, como uma pedra num abismo, no conforto imenso daquele leito.

O negro transformou-se em azul. As luzes brilhavam num céu cheio de estrelas que surgiu sobre mim. Deixei-me envolver pelo murmúrio distante da terra e pelo som próximo do mar. De olhos abertos, podia sentir que o lugar onde me encontrava era embalado por uma maré calma e antiga, que sempre tinha estado ali e sempre iria estar. Um por um fui sendo

expurgado de demónios, como se eles não pudessem habitar esta tranquilidade, e finalmente senti cair sobre o meu corpo o maravilhoso chamamento do sono. As luzes extinguiram-se devagar, as pálpebras pesaram-me e, quando o lânguido prazer do repouso me arrebatou, adormeci outra vez dentro do sono.

Não sei quanto tempo passou. Quando despertei, tremia de frio e as cortinas da janela esvoaçavam. Uma brisa anunciava a chegada da noite próxima. Corri os dedos pela barba que crescera. Poderia ter-se passado um dia, ou uma semana, ou um mês, mas isso pouco importava. Ergui-me com imenso esforço, sentindo nos músculos o peso que vem após um longo período de dormência, e dobrei o cobertor laranja sobre as costas do sofá. Sentei-me à escrivaninha e observei a velha máquina de escrever. A cadeira era confortável, ajustando-se bem ao meu corpo. Depois abri a gaveta, onde encontrei vários manuscritos dactilografados sem espaços, páginas densas repletas de palavras. Empilhei-os sobre a mesa e comecei a ler.

Durante a leitura cruzaram-se comigo inúmeros pensamentos, mas nenhum deles suficientemente importante para que abandonasse o fascínio daquelas páginas. Perguntei-me, por exemplo, a quem pertenceria aquele apartamento e por que razão teria eu sido convidado, as chaves da entrada largadas à porta do meu quarto, mas depressa descobri a irrelevância da questão. A minha presença respondia à pergunta – ali sentado, sem conseguir afastar os olhos do papel – e a identidade do estranho era um segredo que ele decerto desejava guardar. Perguntei ainda porque não me teria esse estranho procurado mais cedo, ou se alguma vez nos havíamos cruzado na rua, e por que razão me oferecera aquela fotografia, mas não me detive a procurar respostas.

Se alguma destas inúteis conjecturas perdurou, foi depressa afastada pela certeza de que eu encontrara um lugar de repouso e um amigo. De alguma maneira, quem aqui teria vivido desejara trocar de lugar comigo, e eu aceitara essa troca, e nunca mais regressaria ao espaço sufocante do quarto onde vivera, nem ao aterrorizante som dos passos, nem aos braços de uma mulher.

Foi assim que, um por um, hora atrás de hora, cheguei ao final dos manuscritos deste livro. Existiram ainda outras leituras – um enorme caderno de apontamentos sobre a existência de vários homens, incluindo eu –, mas foram de importância secundária. No momento em que terminei a manhã chegava, e voltei a arrumar a pilha de papel pela ordem em que a encontrara. Afastei as cortinas, deixando que a luz ténue entrasse na sala, e preparei-me então para escrever a minha própria história, para a qual já havia encontrado um título: *Insónia*.

Premi uma tecla da máquina de escrever, assegurando-me de que ainda funcionava. Uma letra invisível ficou calcada sobre o rolo. Inseri uma página do caderno de apontamentos ao reverso e esfreguei uma mão na outra. Preparava-me para começar, mas nesse instante fui sobressaltado pelo tocar de um telefone. Procurei o aparelho, seguindo-lhe o som, e descobri-o debaixo da escrivaninha, tombado na carpete. De pé, junto à janela, ergui o auscultador e encostei-o ao ouvido, mas nesse instante uma rajada de vento atraiu-me o olhar. Vi os sacos de

lixo derrubados à porta de um prédio; e vi um bando de pássaros baterem as asas como livros folheados, fugindo à tempestade que se anunciava. A chuva começou a cair, oblíqua e indiferente, sobre toda a cidade, e um grupo de folhas ergueu-se no ar, conversando, murmurando segredos que nunca serão acessíveis aos homens.

IV

Brighton

O homem abriu os olhos na escuridão, tomado de um pânico absurdo. O local onde se encontrava era desconhecido, o tempo uma vertigem, e acabara de despertar de um sono eterno, sem nenhuma memória de nele alguma vez ter entrado.

Estava deitado sobre uma superfície dura e, ao tentar erguer-se, uma dor aguda na coluna forçou-o a rodar sobre si próprio, caindo no chão com um estrondo; o rosto e o tronco chocaram com alguma coisa metálica que lhe rasgou a carne. Outra vez tentou erguer-se sem efeito, e um cheiro intenso a sangue chegou-lhe às narinas enquanto os braços tentavam, impotentes, empurrar o chão frio para que o corpo assumisse a posição vertical. Mas nesse momento deu-se conta de que, deitado, se conseguia mover com uma destreza insuspeitada. Rastejou assim através do espaço, às apalpadelas, sentindo o que ali estava, mas não encontrou mais do que os pés em ferro de uma cama e quadrados de azulejo húmido. Devagar, como uma onda que se escuta à distância, chegou-lhe a memória de alguma coisa, de alguém, e um terror emergiu à superfície, paralisando-o, fazendo-o arreganhar os dentes. Procurou um canto, encostou o ouvido ao chão e escutou sons distantes de vozes, de água a pingar, de passos nocturnos, o silêncio de muitos espaços vazios.

Os dois enfermeiros seguraram Joseph frente ao espelho, cada um dos seus braços em redor dos ombros, enquanto a enfermeira Rachel lhe fazia a barba. Finíssimos pêlos, brancos e pretos, caíram sobre a louça branca. Dir-se-ia que os olhos dormentes de Joseph tentavam observar o rosto com minúcia, apesar do vapor da água quente que condensava no vidro e que o enfermeiro do lado direito ia limpando com as costas da mão, formando uma clareira no centro. Nessa clareira era visível o golpe profundo acima da maçã-do-rosto, um lanho que assumira uma cor venosa, púrpura, e o inchaço do lábio inferior, que tinha o sabor de uma anestesia. Um dos dentes de baixo havia sido lascado e formava agora um declive na planície de esmalte.

Quando a enfermeira Rachel terminou, tiraram-lhe o pijama azul, pois preparavam-no para o banho. Três fios de sangue em estado sólido desciam de um lanho da testa ao pescoço, interrompidos pelo espaço da barba, detendo-se na clavícula. Voltaram Joseph para a banheira e o espelho reflectiu, na rotação do torso, uma mancha escura do tamanho de uma mão pulsando sobre as costelas e uma quantidade de cicatrizes cruzadas. O banho tratou de amenizar o aspecto das feridas. Os dois enfermeiros comentaram o acidente da noite anterior enquanto esfregaram com esponjas mergulhadas em sabão a carne flácida e escassa de Joseph, e fizeram-no como se ele ali não estivesse.

Depois deitaram-no e cobriram-no com o lençol. O quarto era pequeno e abafado e encontrava-se na penumbra. Pintado de verde-claro, era daquela peculiar nudez apenas encontrada em hospitais: uma cama de ferro, uma lâmpada que pendia do tecto como uma teia de aranha, uma mesa-de-cabeceira e um copo de água, uma pequena janela fechada de estores corridos e a completa ausência de objectos pessoais, sobretudo cortantes. Estes últimos eram proibidos na ala psiquiátrica do hospital de Brighton.

Quando os enfermeiros saíram e fecharam a porta, a enfermeira Rachel deteve-se um momento e observou Joseph, que não lhe devolveu o olhar. Na verdade, Joseph nem sequer reparou que ela ainda estava ali, porque continuava dentro de si próprio à procura de uma resposta para o enigma de se encontrar naquele lugar desconhecido. A única memória que tinha anterior a haver despertado na véspera era de um negrume imenso, que se prolongava muito para além do fechar dos olhos e da escuridão que parecia constante naquele quarto.

A enfermeira caminhava em direcção à porta quando pela primeira vez ouviu a voz de Joseph, um murmúrio rouco que a deteve e assustou. Voltou-se e encarou-o. Ele não a olhava. Os seus olhos pareciam perdidos num qualquer pormenor na parede. Rachel aproximou-se, levando por instinto uma mão ao colarinho da bata, puxando-o contra si, e pediu-lhe que repetisse a pergunta. Joseph entreabriu os lábios outra vez e disse, lentamente:

«Que dia é hoje?»

A enfermeira Rachel soltou um indisfarçado suspiro de alívio. Era uma pergunta normal, pensou, para quem entrara e saíra de estados de inconsciência durante tanto tempo.

«Quarta-feira. Hoje é quarta-feira.»

Mas Joseph repetiu a pergunta.

«Quarta-feira. A última de Abril de 1941.» Tocou-lhe suavemente no cabelo curto. «Agora durma.»

A enfermeira saiu, deixando para trás um rasto de perfume que Joseph inalou antes de fechar os olhos e voltar a sonhar com as sombras.

O Hospital Municipal de Brighton sempre fora um local desolado. O edifício, voltado a nordeste e erigido segundo o modelo vitoriano, possuía uma torre-relógio com uma cúpula que fora parcialmente destruída por uma tempestade em 1870, escassos anos após a construção. Do bloco principal partiam as alas, esquerda e direita, obedecendo à rígida estrutura arquitectónica que transformava o interior do edifício num espaço vazio, para onde olhavam as janelas de todos os quartos. Apesar de satisfazer as necessidades dos internados – existia uma enfermaria, uma capela, uma lavandaria e uma sala de lazer –, a atmosfera que se vivia era opressiva, uma vez que as quatrocentas e noventa e cinco camas eram insuficientes para os quase oitocentos pacientes.

Joseph era, mesmo assim, um caso único no hospital. Pelo terceiro piso – a ala psiquiátrica – haviam passado todo o género de doentes mentais, mas ele era o primeiro que apresentava o intricado problema de haver perdido a verticalidade. Durante as primeiras semanas

encontrara-se inconsciente e havia sido colocado na ala de internamentos, o quarto piso, onde através de complicados processos de alimentação intravenosa recuperara algum peso, uma vez que no princípio apresentara um estado terminal de subnutrição. Mas era evidente para a enfermeira Rachel, a superintendente da ala psiquiátrica, que a estadia de Joseph no hospital passaria necessariamente pelo isolamento do terceiro piso.

No primeiro dia em que recuperou parcialmente a consciência, foram encontrá-lo prostrado no chão, enfiado debaixo de um armário de medicamentos, as pernas num tremor incontrollável e os olhos cerrados com tanta força que as lágrimas lhe caíam sem parar. Tornou-se então claro que Joseph era não só incapaz de se erguer por si mesmo, como também possuía uma incompreensível aversão à luz. Só quando fecharam as janelas do quarto ele permitiu ser arrastado de volta à cama, e outra vez mergulhou na semiconsciência que parecia apagar-lhe a memória das horas anteriores.

A observação dos médicos mais experientes não conseguia oferecer justificação para a curvatura anormal da sua coluna e o desaparecimento quase completo de músculos nas pernas, uma vez que as circunstâncias por que passara não se encontravam documentadas. Para todo o pessoal do hospital, Joseph era um mistério, e na sua ficha médica lia-se apenas que fora vítima dos infortúnios da guerra. Dos outros pisos surgiam por vezes pacientes que se detinham à entrada do quarto escuro onde Joseph repousava e o olhavam como se fosse um animal raro enjaulado. Alguns tentavam falar com ele da porta, gritando palavras ao acaso para o interior do quarto ou chamando o seu nome, e eram imediatamente afastados pelos enfermeiros do piso. Mas a maioria lançava apenas um olhar de relance e seguia caminho, arrastando as calças do pijama pelos corredores e gabando-se, mais tarde, de ter visto coisas que na realidade não vira.

Um desses visitantes era um rapaz novo do quarto andar. Sofria de alucinações, insónias, medos nocturnos e raramente falava. Quando o fazia, tendia a esquecer-se das palavras que queria dizer. Por vezes, demorava minutos até encontrar o nome do objecto a que queria referir-se, o que esgotava a paciência dos outros pacientes. Por isso mantinha-se silencioso e circunspecto. Gostava de vaguear pelos corredores vazios e apreciava sobretudo o jardim circundante ao hospital, com o som antigo das cigarras e a sombra das árvores no passeio.

Desde que Joseph chegara, interrompia diariamente o seu passeio matinal para o visitar, e por vezes servia também como espantalho, correndo com os curiosos usando da sua aparência singular. O rapaz do quarto andar era muito alto e extremamente magro e, apesar de não ter mais do que treze ou catorze anos, não possuía um único fio de cabelo. A cabeça era como uma bola de bilhar, lisa e brilhante, com veias grossas a cruzarem-lhe o crânio e olhos negros e profundos enterrados em órbitas que pareciam cavernas.

Joseph deu pela sua presença no dia do banho. Adormecera ao fim da tarde com as mãos sobre o peito, que era uma caixa-de-ar coberta de pele, os braços emaciados e cinzentos junto ao corpo. Quando abriu os olhos, o rosto do rapaz foi a primeira coisa que viu, na fresta entre a porta e a parede, e, ao contrário da maioria dos habitantes daquela instituição, Joseph não

sentiu susto, ou receio, ou repulsa, mas uma estranha curiosidade. Num segundo ele já se fora.

Os primeiros diagnósticos haviam sido inconclusivos, e diferentes resultados só começaram a aparecer quando Joseph foi transferido para o terceiro andar, onde lhe foi atribuído o quarto 312. Nesse andar repousavam os casos de doença mental e os que regressavam da frente de combate. Desde o ano anterior – 1940 – que o hospital de Brighton se metamorfoseara numa espécie de sanatório para os despojos de guerra, onde recuperavam e, por vezes, morriam soldados e as vítimas dos bombardeamentos. Com a enorme afluência de feridos aos hospitais londrinos, os casos de menor urgência eram transportados para a pequena cidade costeira e para o interior do hospital, que os abrigava seguindo as ordens do governo.

Nas primeiras semanas Joseph ficou a cargo de um médico novo e inexperiente, que se admitiu impotente perante a estranheza – *bizarria*, como lhe chamou – do caso. Para além dos períodos alargados de inconsciência, os processos de reabilitação das pernas utilizados pelo médico provaram ser de uma ineficácia extrema e grande parte do tempo contraproducentes. Eram necessários pelo menos dois enfermeiros para conduzir Joseph, em estado letárgico e vendado por causa da luz, para o piso inferior onde se encontravam as máquinas de fisioterapia. O tempo gasto a fazê-lo exercitar as pernas, passeando de um lado para o outro, e em reconstituir os músculos dos braços e das coxas, seria melhor utilizado, segundo a opinião do médico, no desenvolvimento de um processo cirúrgico que lhe endireitasse a coluna. Que processo seria esse permanecia um mistério: nunca, em todos os hospitais pelos quais passara o jovem médico, havia visto uma coluna tão irreversivelmente deformada como a de Joseph, que lembrava o dorso de um morcego. A ossatura era horrorosamente visível por baixo da pele, fazendo um desvio para a esquerda na terceira e quarta vértebras que impossibilitava que se erguesse em posição vertical. A terapia mais elementar, que seria passear no jardim do hospital com a ajuda dos enfermeiros, usufruindo das propriedades regenerativas dos raios solares, era impossibilitada pela fobia inexplicável da luz.

O jovem médico tentou ainda conduzir algumas experiências em Joseph. Uma delas era uma radical terapia de choque que foi desaconselhada pela enfermeira Rachel, que por essa altura subira ao quarto andar para acompanhar o progresso do curioso paciente. A teoria do médico era a de que Joseph sofria de uma perturbação psicológica dissociativa que desligava a sua imagem física da sua imagem mental, conduzindo-o à ilusão de que era um homem normal e induzindo-o a estados de narcolepsia que serviam, justamente, para evitar enfrentar a realidade daquilo em que se transformara. Ignorando os conselhos da superintendente Rachel, o médico mandou preparar uma sala com forte iluminação artificial – quatro holofotes apontados a uma cama no centro – e rodeada de espelhos que forçavam quem os olhasse a ver-se de todos os ângulos.

Nessa noite Joseph foi conduzido, durante o sono, para a sala na escuridão. Do lado de fora, separado por uma parede de vidro, o médico mandou, meia hora passada, que se acendessem todas as luzes, ordem que foi cumprida com relutância por uma enfermeira. No

princípio nada aconteceu, porque Joseph permanecia adormecido. Mas cedo a intensidade e o calor das luzes o fizeram abrir os olhos. Foi então que o médico compreendeu a gravidade do erro que havia cometido. Joseph soltou do fundo do estômago um grito tão lancinante, tão horrorosamente profundo, que as enfermeiras recuaram para fora da sala. Como não se encontrava amarrado à cama, Joseph atirou-se para o chão, caindo como um colchão velho que fosse largado de uma janela. O médico esperou que aí ficasse, mas no instante seguinte Joseph ergueu a cabeça. Ao ver a sua imagem nos espelhos, soltou outro grito e, de olhos fechados, usando o impulso dos braços, lançou-se contra um deles, que se desfez em cacos. Antes que o médico pudesse chamar os enfermeiros de serviço para controlarem o paciente, Joseph rastejou com rapidez e incrível destreza para fora da sala e através do corredor, procurando a escuridão.

Foram encontrá-lo horas mais tarde no jardim. Havia rastejado até não poder mais, até as dores o obrigarem a parar. Sentia o fluir do sangue onde os cacos de vidro se haviam alojado, e uma dor aguda propagava-se pelo lado direito do tronco, onde os ossos tinham encontrado no choque o chão gelado. Era uma dor como um mar interno, uma rebentação incessante nas costelas. Atravessara o relvado húmido, o único som à distância era o zumbido disperso dos pequenos animais da noite, até junto de uma árvore gigantesca e ameaçadora que projectava uma sombra imensa contra a lua que se acendia entre duas nuvens. Deitou-se, anichando o corpo contra o tronco imenso, e fechou os olhos, abrigado da chuva pela copa que se estendia como um disco voador; assim adormeceu. Os enfermeiros carregaram-no de volta para o hospital e no dia seguinte foi transferido para o terceiro piso.

A enfermeira Rachel passou mais tempo à frente do espelho do que o habitual. Era, regra geral, uma mulher pouco preocupada com o aspecto físico, não por negligência, mas por exigência da profissão. No hospital não podia usar um vestido ou maquilhagem, e a bata de enfermeira era a mesma de todos os dias, o mesmo aborrecido branco sobre a pele pálida e rosada, oferecendo ao rosto redondo e jovem, de cabelo louro apanhado, uma aura de beatitude que não correspondia à verdade.

Se assim não fosse, a enfermeira Rachel não teria colocado batom para a chegada do médico. Ao meio-dia desceu do terceiro piso até ao átrio, olhando a chuva que caía no jardim e sentindo-se ligeiramente nervosa. Uma enfermeira passou e cumprimentou-a com um aceno de cabeça, mas Rachel não fez caso, porque ao longe aproximava-se uma figura a quem ela tentava descortinar as feições. Não tomava o caminho habitual através da estrada que ladeava o verde do jardim, mas caminhava sobre a relva, esgueirando-se por entre as árvores com destreza. Era um homem novo, não mais do que quarenta anos, vestido inteiramente de castanho e carregando na mão direita uma mala preta. Tinha uns óculos pequenos, quase invisíveis, pousados sobre o nariz, e no rosto uma expressão de confiança que fez a enfermeira Rachel tremer dos pés à cabeça.

Era, sem dúvida, o médico mais bonito que alguma vez tinha visto. O homem abriu a porta

do átrio e entrou. Aproximou-se e, usando a mão livre, retirou o chapéu, mostrando o cabelo curto acinzentado. Tinha um sorriso nos lábios quando pousou a mala no chão e estendeu a mão para a enfermeira Rachel.

«Robert Burke.»

«É um prazer, doutor. O seu quarto está pronto, bem como o escritório.»

«Gostava de ver o nosso homem imediatamente, se fosse possível.»

«Suponho que se encontra a dormir.»

«Ainda assim.»

Subiram as escadas até ao terceiro andar. O doutor Burke sorria todo o tempo, cumprimentando o pessoal e os pacientes que iam encontrando no caminho. A enfermeira Rachel sentia-se extasiada perante a presença de um jovem médico consagrado, mas tentava escondê-lo fazendo perguntas de circunstância. O doutor Burke, nascido na cidade de Cork, Irlanda, havia trinta e sete anos, abandonara temporariamente o cargo de médico-chefe no hospital de Broadmoor, em Londres, para se dedicar ao estudo e reabilitação do famoso paciente do quarto 312. O facto de ser solteiro e de ter recebido um importante prémio de medicina das Ilhas Britânicas deixavam-no à mercê do constante charme feminino das enfermeiras, e Rachel não era excepção.

Ao cruzarem caminho com um paciente que coxeava, o doutor Burke deteve-se e chamou-o. Era um homem de meia-idade que exibia marcas de estilhaços nos braços e nos tornozelos. Burke baixou-se para observar a perna morta do homem, levantando-lhe as calças do pijama e sentindo com os dedos a carne flácida e desamparada pelos músculos. Depois ergueu-se e deu duas palmadas suaves nas costas do paciente, que seguiu caminho.

«Lembre-me de escrever uma receita para aquele homem.»

«Sim, senhor doutor», disse a enfermeira Rachel, corando.

A previsão era correcta: Joseph encontrava-se adormecido. Porque o quarto se encontrava quase na escuridão em pleno dia, Rachel e o doutor Burke não deram imediatamente pela presença do rapaz do quarto andar, que estava de joelhos junto à cama, olhando Joseph como quem olha um peixe morto num aquário. Ao sentir a presença dos dois, o rapaz ergueu-se subitamente, provocando um grito na enfermeira Rachel, que o expulsou com uma ordem firme. O doutor Burke ficou a olhar aquela figura funesta afastar-se, demasiado alto para a sua idade, com um rosto de caveira, antes de dirigir a atenção para Joseph. Levou um ou dois minutos até que os olhos se ajustassem à penumbra, e então pôde ver claramente a face do homem que dormia perante si.

Observou-lhe sem espanto o rosto banal, as sobrancelhas grossas, os lábios finos entreabertos, os dentes amarelos. Depois, num gesto subtil, retirou o lençol que o cobria e a sua expressão mudou. Com a destreza de um talhante, sentiu os membros e o tronco de Joseph: as pernas emaciadas de joelhos proeminentes, os braços flácidos, as costelas visíveis debaixo da pele, as costas deformadas pela corcunda. Pediu então à enfermeira Rachel que lhe passasse a mala, que abriu, tirando do interior uma fita métrica e um bloco de notas. Durante

minutos mediu minuciosamente os membros de Joseph, a dimensão da caixa torácica, a amplitude craniana, e tirou notas, voltando a medir e a confirmar os números. Quando terminou saiu do quarto e foi seguido por Rachel, que fechou a porta.

«Que aconteceu a este paciente?»

A enfermeira abriu muito os olhos azuis e mordeu o lábio inferior.

«Ninguém sabe ao certo, senhor doutor.»

«Quem o trouxe até ao hospital?»

«Um homem. Foi muito tarde uma noite, não me recordo exactamente o que aconteceu. No depoimento disse que o havia encontrado no Leste de Londres, numa zona de bombardeamentos. Não me pareceu que se conhecessem.»

«Ele trouxe-o sozinho?»

Rachel demorou um segundo a responder.

«Penso que não. Se não me engano, veio com a mulher e a filha.»

«Tem o contacto desse homem?»

«Está na ficha de internamento de Joseph.»

«Chame-o cá assim que possível.»

«Com certeza, doutor Burke.»

A enfermeira Rachel já se afastava para mostrar ao médico o quarto onde iria ficar quando reparou que ele se encontrava parado, rabiscando no bloco de notas. O doutor Burke ergueu a cabeça e olhou-a: o sorriso desaparecera do seu rosto.

«Pensando melhor, chame-os todos aqui.»

O rapaz do quarto andar abriu os olhos e viu que a ventoinha no tecto havia parado. Era uma noite húmida em Brighton e a brisa do mar parecia ter-se transformado numa nuvem densa sobre o hospital. Sentou-se à beira da cama e tentou, através da escuridão, ver as pernas longas e magras que balouçavam. Aos poucos, os olhos habituaram-se ao negrume, e conseguiu distinguir os contornos dos objectos. Ergueu-se, vestiu as calças do pijama que, apesar de serem o maior número disponível, lhe ficavam curtas, deixando os tornozelos à vista, e saiu pé ante pé.

No corredor não se deu ao trabalho de espreitar antes de virar a esquina, pois sabia que o enfermeiro de serviço estaria a dormir na cadeira da sala de anestésias. Percorreu o corredor com passos longos e determinados, desceu as escadas e, no terceiro piso, apesar de a escuridão ser quase completa, encontrou sem hesitar o quarto 312. Abriu a porta e entrou.

A princípio julgou que Joseph dormia, mas quando se aproximou viu que tinha os olhos abertos e fitava o tecto. O rapaz ficou surpreso. Durante meses encontrara-o sempre adormecido, talvez sob a influência dos sedativos que lhe amenizavam as dores, e invejara-lhe o sono, a expressão plácida no rosto, a passagem indolor e inconsciente das horas. Invejara o repouso de que ele próprio não era capaz. Certas noites levava-o ainda adormecido para o jardim, e ele despertava lentamente à queda do orvalho, aos sons distantes das ondas e ao fresco da vegetação que lhe afagava os pés nus.

Mas esta noite era diferente. O rapaz sentiu que alguma coisa havia mudado. Joseph olhou-o, voltando ligeiramente a cabeça, visível apenas o branco dos olhos, depois regressou à posição inicial. Quando o rapaz lançou os braços para diante – dois braços demasiado longos e finos – com a intenção de o erguer, Joseph afastou-se com um ligeiro solavanco, voltando-se na cama de maneira que o estranho contorno da sua coluna se tornou saliente debaixo do lençol.

No rosto do rapaz caíram as sobrancelhas em desalento. As mãos permaneciam erguidas no ar, a um palmo de distância do corpo que o rejeitava. Passaram-se minutos e podia ouvir a sua respiração suave e a de Joseph, mais pesada, mais intensa, mais próxima da de um animal do que da de um homem. O rapaz retirou o lençol com cuidado e fez uma segunda tentativa. Dessa vez o outro não se afastou. Deixou-se pegar pela curva das pernas e debaixo dos braços, como uma criança, mas não lhe rodeou o pescoço com um pulso, deixando-se carregar como um peso morto, um pedaço de carne deformada ao colo de um adolescente careca. O rapaz sentiu-o pela primeira vez mais pesado, ainda que continuasse tão leve que transportá-lo era como ter as mãos cheias de penas.

Desceram as escadas em silêncio. Atravessaram o átrio adivinhando o caminho, a lua turva e cinzenta, quase escondida, a única presença que os seguia no horizonte. Ao saírem para o jardim, uma centena de aromas nocturnos cruzaram-se e dispersaram, o cheiro da relva molhada, o cheiro dos gerânios, o cheiro dos troncos húmidos das árvores, o cheiro da madrugada anunciada na breve linha de claridade acima do mar. O rapaz caminhou através do jardim, evitando a estrada que conduzia ao portão. Junto da árvore habitual pararam e, ajoelhando-se, o rapaz deixou que Joseph lhe deslizasse dos braços para o chão. De imediato viu que ele ainda apreciava o alívio que a sensação lhe proporcionava. Joseph fechou os olhos e deixou que as costas fossem acariciadas pela relva e a terra molhada. Ali permaneceram durante algum tempo, e o rapaz sentou-se sobre os calcanhares, observando Joseph e os seus movimentos peculiares, que cumpriam uma espécie de ritual: após proporcionar alívio às costas, rodava sobre si próprio e assumia a posição de um felino, as mãos firmes no solo, as pernas dobradas, apoiadas nos dedos dos pés, e rastejava num espaço circunscrito, deixando que o corpo se libertasse da tensão permanente da cama do hospital.

O rapaz colocou-se na mesma posição de Joseph. Por causa da sua altura, no princípio a mímica causara-lhe dores nos músculos das pernas, e ao fim de alguns minutos via-se obrigado a desistir. Mas havia algum tempo que vinham até ao jardim noite dentro, e tornara-se cada vez menos difícil. Moviam-se então os dois quase com idêntica habilidade, as ancas em movimento simultâneo, percorrendo o espaço em torno das árvores como dois animais que farejam o solo, vasculhando o território. Desta maneira descobrira ser possível comunicar com Joseph, pois nunca haviam trocado uma única palavra. Nessa noite o pressentimento do rapaz estava certo, porque, quando a primeira luz ameaçava penetrar, vagarosa, através dos espaços nas árvores, o outro deteve-se e olhou-o com uma expressão de interesse. Era um novo olhar, não era apenas o ocasional olhar de relance, desapaixionado, ausente, mas um

olhar como o rapaz nunca havia sentido sobre si próprio.

Joseph disse: «Mostra-me o caminho até ao mar.»

O rapaz ficou estupefacto. Não lhe conhecia a voz. Por vezes, quando o observava à porta do quarto 312, ouvia-o murmurar, ou soltar um gemido involuntário de dor, e até se habituara ao seu ressonar. Mas a sua voz articulada em palavras era algo inteiramente novo que lhe oferecia um poder até então desconhecido. Possuía uma voz profunda, um tanto rouca, que uma ligeira inflexão no final das palavras tornava sedutora. O rapaz colocou os braços por baixo de Joseph e ergueu-o no colo, depois caminhou até ao portão. Foram ver o mar do topo da encosta e escutaram os sons distantes da cidade que acordava. Regressaram minutos antes do amanhecer, já Joseph escondia a cara no peito do rapaz para se proteger da luz nascente, ainda o enfermeiro de serviço dormia. A enfermeira Rachel despertou pouco depois, estremunhada, de uma noite repleta de sonhos.

No segundo dia de Maio de 1941 recebi uma carta do hospital de Brighton. Escrevia-me uma enfermeira em nome de um homem chamado Robert Burke, médico de profissão, e era um pedido formal para comparecer e discutir a situação de um paciente recentemente internado. A carta terminava com um estranho pedido: que eu fosse acompanhado da minha família, sem qualquer justificação para tal.

Na altura, eu vivia num terceiro andar no Norte de Londres, que partilhava com a minha filha Magda, e uma mulher chamada Helena que se encontrava grávida de sete meses de um homem chamado Joseph. Esse homem, que cruzou a minha vida diversas vezes e por caminhos quase sempre obscuros, era sem dúvida o paciente referido na carta, e durante dias após a receber tive de mantê-la em segredo, apesar do meu desejo de partilhar a novidade com a mulher que eu então amava.

Lembro-me do momento exacto em que abri o envelope, utilizando o corta-papéis pousado sobre a escrivaninha da sala, as portas de um e de outro quarto abertas. Helena encontrava-se deitada na cama – podia ver-lhe apenas os pés brancos em repouso – e Magda ainda não havia regressado da escola. Helena por certo ouviu o rasgar do envelope pois perguntou, numa voz disfarçada pelo sono, se tinha chegado alguma coisa importante no correio, ao que eu respondi que era apenas uma conta. Ela não podia ver como as minhas mãos tremiam quando desdobrei a carta e a li de um fôlego, naquela inquietação expectante que termina com o aceitar pesaroso de uma má notícia, nem o teria adivinhado. Helena raramente interferia com qualquer um dos meus assuntos, e a gravidez difícil, quase insuportável, pela qual passava, deixava-a à mercê de uma lenta recuperação que envolvia muito repouso e várias refeições ligeiras por dia. Era-lhe difícil andar, e a grave infecção pulmonar que apresentara quando fora observada pelos médicos lançava-a num estado letárgico e sonolento.

Guardei a carta na gaveta da escrivaninha por baixo de outros papéis. Ao fazê-lo, recordei o que um dos médicos me dissera sobre Helena, ao confessar-me que era um caso extraordinariamente raro de sobrevivência, quase um milagre que uma mulher tivesse

permanecido viva naquelas condições, e tomei a decisão de deixar a carta esquecida, talvez mesmo destruí-la para que não pudesse interferir com as nossas vidas. Se não fosse por Magda, julgo que o assunto teria sido enterrado naquele momento, da mesma maneira que, se não fosse por Magda, eu nunca teria conhecido Helena. Apesar do silêncio e da ausência que mostrava perante quase tudo, a minha filha tomara um interesse especial e enigmático por Joseph, desde que pela primeira vez adivinhara a sua presença.

Aconteceu no último dia do ano de 1940, quando Magda era ainda a única presença feminina na casa. Despertei antes dela, o que não era habitual, pois a minha filha dormia pouco, sendo comum encontrá-la ainda de madrugada, sentada na sala, olhando o dia nascer. Mas nessa manhã encontrei o mundo deserto e silencioso. Fiz uma chávena de café e, ao olhar para o dia lá fora, de um cinzento carregado, um exército de nuvens que deixava penetrar apenas uma luz mórbida e triste, perguntei-me alguma ocasião eu teria visto outras cores, se era apenas uma ilusão que toda a minha vida tivesse sido assim. Levei a chávena de café aos lábios e fui invadido por um terrível sentimento de claustrofobia, como se me tivessem prendido sob um céu estranho para além do qual existia um mundo de felicidade inatingível. Nesse instante, a voz de Magda:

«Estou pronta. Vamos?»

Havíamos combinado havia várias semanas ir visitar Joseph. Magda nunca o conhecera, mas a sua curiosidade despertara quando, numa longa conversa, eu lhe explicara quem ele era, e como a minha sobrevivência, muitos anos antes, dependera da sua bondade. Não lhe oculte qualquer detalhe, e falei abertamente da relação nunca consumada de Joseph com a mãe dela. Na altura, não li na minha filha qualquer reacção, mas enquanto caminhávamos em direcção à paragem de autocarro reparei como nesse dia se encontrava mais bonita, usando um vestido preto e sapatos de senhora. Apanhara o longo cabelo castanho, o que lhe realçava o delicado contorno anguloso do rosto, e fazia sobressair as sardas em redor dos olhos enormes. Julgo que devo ter demorado o olhar sobre ela, porque a certa altura esboçou um gesto de timidez, baixando a cabeça, o rosto adquirindo o tom de quem se envergonha.

Conseguira a morada de Joseph através de um colega de trabalho da padaria. Soube que era padeiro pois vira-o uma tarde, por mero acaso, enquanto passeava pelo centro da cidade, sem ter a coragem na altura para entrar no estabelecimento e o cumprimentar. Disseram-me que ele se encontrava ausente do trabalho, sem oferecerem outra explicação. A surpresa dos seus colegas perante esta ausência, que aparentemente durava há algum tempo, deve ter sido tanta como a minha, pois deram-me o seu endereço e fizeram-me prometer que traria notícias caso o encontrasse. Ainda que fosse impossível imaginar a dimensão daquilo que lhe acontecera, suspeitei de que o seu desaparecimento pudesse estar relacionado com os bombardeamentos da guerra, uma vez que a sua casa ficava numa zona do Leste de Londres que havia sido reconhecidamente destruída.

No autocarro, sentado ao lado de Magda, observando a mudança da paisagem e a chuva que começava a cair sobre a cidade, um lento sentimento de pesar invadiu-me, talvez uma

premonição de alguma coisa terrível. Saímos na paragem mais próxima e caminhámos alguns minutos pelas ruas repletas de lixo. Um bando de crianças sujas e vestidas com trapos passou por nós, e uma delas puxou a ponta do vestido de Magda, que a afastou com um gesto da mão, com a surpreendente calma que lhe era habitual. O cenário era desolador. Grande parte das casas estavam parcialmente destruídas, lombos em telhados e paredes, largas pilhas de detritos amontoados, jardins cobertos de tijolo, telha e madeira. Um cheiro a podridão rasgava o ar.

Quando chegámos ao nosso destino chovia com abundância. Noutra situação teria despido o casaco e tê-lo-ia oferecido a Magda, para que se abrigasse. Ao olhar a casa que fora de Joseph, contudo, fui incapaz de esboçar um gesto ou pronunciar uma palavra. Fiquei parado como uma estátua, os lábios entreabertos, sentindo-me um miúdo que olha pela primeira vez os destroços do que antes foi um lugar. Senti-me aterrorizado ao ver a gigantesca montanha de escombros, algo irreconhecível que não fazia lembrar uma casa, mas a imagem exacta do que acontece à própria existência dos homens, ruína atrás de ruína. Devemos ter formado uma imagem bizarra, eu e Magda, parados sob a chuva abundante perante aquela montanha de tijolo e cimento, os cabelos ensopados pingando sobre o rosto, a rua deserta e desolada naquela tarde tão triste.

Ofereci a minha mão a Magda, que a tomou entre os seus dedos finos e frágeis. Não chorei, mas senti uma convulsão dentro do peito que era um longo lamento de solidão. Quis sair daquele lugar o mais depressa possível, convencido de que a sorte de Joseph havia sido selada, e a minha filha deve tê-lo sentido na pressão do meu braço para que nos afastássemos, pois olhou-me com uma expressão que era diferente da minha, uma ausência de resignação quando disse:

«Não. Ele ainda está aqui.»

O doutor Burke colocou os óculos redondos na ponta do nariz e leu em silêncio a nota que lhe haviam deixado sobre a secretária. A luz da Primavera entrava pela janela do escritório, anunciando um dia esplendoroso. Burke levou o papel ao nariz e cheirou-o. Era sem dúvida o perfume da enfermeira Rachel. A nota anunciava a chegada dos visitantes, e por isso o médico arrumou o volume de papéis que se encontrava espalhado sobre a secretária, dezenas de rabiscos numa caligrafia apressada e incompreensível, dentro de uma pasta.

Encostou-se na cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça. Sorria quando bateram à porta, três toques leves, nenhum som de vozes do outro lado. O médico endireitou-se na cadeira, ajeitou a gravata e a bata branca, puxou os óculos para cima e deu ordem de entrada. A enfermeira Rachel abriu a porta, entrou, e seguiram-na um homem de meia-idade e uma mulher jovem. O homem era de estatura mediana e espesso cabelo cinzento, o nariz longo, a face marcada por rugas e olheiras, e a rapariga de uma estranha beleza que lembrou ao doutor Burke, sem saber porquê, uma jarra de flores secas.

«O senhor Philip McKay e a menina Magda», disse a enfermeira, que nesse dia usava um vestido florido por baixo da bata e um intenso batom vermelho que desagradou ao médico. O

homem e a rapariga sentaram-se nas cadeiras em frente da secretária, e Rachel preparava-se para se sentar na cadeira vaga ao canto da pequena sala quando o doutor Burke disse, em palavras murmuradas, que preferia ficar a sós com os visitantes. A enfermeira corou ligeiramente e, pedindo desculpa, saiu.

«Pensava que existisse uma terceira pessoa», começou o doutor Burke, procurando na mesa pela ficha clínica do paciente.

«A minha mulher encontra-se doente», respondeu Philip.

O médico sorriu, exibindo a fileira de dentes brancos.

«Então devia tê-la trazido até mim, não acha?»

O homem não respondeu.

«Como devem saber, chamei-os aqui para discutir a situação de um paciente da ala psiquiátrica chamado Joseph. A verdade é que possuo pouca ou nenhuma informação sobre as condições que conduziram ao estado em que se encontra actualmente. Foi-me dito que o paciente se encontrava numa zona de bombardeamentos em Londres e que o senhor e a sua família...»

«A minha família nada tem a ver com o assunto», interrompeu Philip. «Fui eu que trouxe Joseph para o hospital, e sou eu o responsável por ele.»

«Porque não o levou para um hospital em Londres?»

«Os hospitais em Londres encontram-se sobrecarregados de pacientes. Não me parece que um ambiente desses fosse benéfico para um homem na condição física e mental em que Joseph se encontrava.»

Burke inclinou-se para trás e cruzou as mãos sobre o colo.

«Era exactamente sobre aquilo a que chama *condição* que procurava um esclarecimento. Raramente na minha carreira médica encontrei um caso tão interessante como o de Joseph, mas, para poder analisar e diagnosticar a sua situação, necessito saber as circunstâncias exactas em que foi encontrado. Talvez possa ajudar-me a esclarecer esta questão?»

Philip respirou fundo e olhou para o chão. Magda olhava o doutor Burke sem qualquer expressão no rosto.

«Conto-lhe apenas aquilo que sei», disse Philip. «As circunstâncias exactas, penso que ninguém poderá determinar, nem a quantidade de tempo que decorreu entre o desaparecimento de Joseph e o momento em que foi encontrado. Eu e o Joseph somos velhos conhecidos, mas não nos víamos há bastante tempo no dia em que saí – aliás saímos, eu e a minha filha – para lhe fazermos uma visita. Ao chegarmos à sua casa no Leste da cidade, encontrámo-la destruída. Uma bomba caíra no jardim anexo, deitando tudo por terra. Chamámos os bombeiros, sob a suspeita de que Joseph ainda se encontrava vivo, e após dois dias de remoção dos detritos confirmou-se que ele estava soterrado no abrigo debaixo da casa.»

«De onde nasceu essa suspeita?»

Philip não respondeu logo. Sentiu os dedos de Magda alcançarem os seus e apertarem-lhe a mão.

«Digamos que foi uma espécie de intuição feminina.»

O médico franziu o sobrolho e assumiu uma expressão confusa. Olhou para Magda e depois para Philip. Abanou ligeiramente a cabeça e rabiscou algo na ficha clínica. Depois perguntou, sem largar os olhos do papel:

«Há quanto tempo conhecia o paciente?»

«Há mais ou menos dezoito anos.»

«Joseph era casado? Tinha filhos?»

«Não tenho ideia. Como lhe disse, havíamos perdido o contacto há muito tempo.»

«Durante o tempo em que o conheceu, diria que ele era um homem normal, sem problemas físicos ou psicológicos?»

«Assim parecia.»

«Agora esta pergunta é crucial, e gostava que fossem absolutamente sinceros. Apenas assim poderei ajudar o vosso amigo. Quando Joseph foi, digamos, *desenterrado*, havia alguém com ele, ou encontrava-se sozinho?»

Philip lançou um olhar de relance a Magda. Ia falar quando ela disse:

«Sozinho. Joseph encontrava-se sozinho.»

O doutor Burke fitou-a com espanto. Não esperava que aquela menina tão bela e tão frágil chegasse a poder falar. Prosseguiu num tom mais seco.

«É difícil acreditar que isso seja verdade. Estamos a falar de alguém que tem uma deformidade extrema na coluna, e que é incapaz de enfrentar a luz. O seu modo de locomoção é rastejar, e a sua condição psicológica é de intensa perturbação mental. Quando chegou ao hospital, segundo ouvi dizer, encontrava-se em estado de choque. Eu não diria que estamos perante um homem, mas perante um animal adormecido, incapaz de sobreviver pelos seus próprios meios. Por isso é muito duvidoso que alguém nestas circunstâncias pudesse ter sobrevivido sozinho no interior de um abrigo.»

Philip encolheu os ombros. Ia falar, mas o médico interrompeu-o com um gesto de mão e deu a vez a Magda.

«Não percebo nada de medicina», disse Magda. «E, se existia outra pessoa no interior do abrigo, deve ter ficado por lá.»

«Como soube que o paciente se encontrava dentro do abrigo?»

Philip interveio: «Não vejo como essa pergunta possa interessar para o caso.»

«Deixe-a responder.»

Magda largou a mão de Philip e colocou-a sobre a que repousava no colo. No seu olhar existia agora algo de vergonha.

«Senti a sua presença», disse baixinho.

«Alguma vez lhe tinha acontecido uma coisa semelhante? Sentir a presença de alguém?»

«Não.»

O médico caiu em silêncio e suspirou. Depois abriu a gaveta da secretária, de onde tirou uma folha de papel, e ajeitou os óculos.

«Não estou a encontrar um fio condutor ou uma explicação racional. Das duas uma: ou o paciente se encontrava sozinho em estado de absoluto horror dentro do abrigo, o que justificaria esta patologia, mas invalidaria a hipótese da sua sobrevivência sem alguém que olhasse por ele; ou existia uma outra pessoa, que constitui a nossa incógnita, o x que falta a esta equação. Torna-se assim impossível fazer um diagnóstico conclusivo. A única hipótese que vejo é proceder a medicina experimental.»

Burke passou a folha de papel na direcção de Philip.

«Preciso da sua autorização para seguir em frente.»

Philip olhou para a folha e a linha em branco para a assinatura. Depois voltou a olhar o médico.

«Que género de medicina experimental?»

«Métodos ainda não testados em outros pacientes. Tem a minha garantia de que servirá apenas o propósito de melhorar a condição de Joseph.»

Philip pegou numa caneta do copo sobre a mesa e preparava-se para assinar, quando Magda lançou uma mão ao seu braço.

«Pai, não...»

«Tem a certeza de que é para bem dele?», perguntou Philip.

«Cem por cento», disse o médico, que sorria de confiança.

Mais tarde subiram devagar as escadas, um atrás do outro. Magda ia à frente. Quando atingiram o corredor, Philip deteve-se e fez-lhe sinal que continuasse. O hospital estava deserto em pleno dia, pois o calor levava os pacientes a passar a tarde no jardim. Um estranho silêncio de ecos e vozes distantes vagueava pelos corredores. Magda olhou o pai, que se detivera junto a uma marquesa vazia, e reparou como perdera subitamente as cores do rosto e como as mãos lhe tremiam. Magda recuou, tomou-lhe a mão na sua mas sentiu de imediato a resistência.

«Não, não. Eu fico aqui.»

No interior do quarto o ar era pesado e rarefeito. Na penumbra, Magda pôde distinguir os contornos da janela, uma magra frincha de luz, mas não o suficiente para iluminar a cama onde Joseph se encontrava. Sentiu, ao encostar a porta atrás de si, outra vez a sua presença, um suave chamamento, e avançou pé ante pé, uma mão em frente do corpo como se fosse tocar em coisas invisíveis. Quando se aproximou da cama pousou a mão na extremidade do lençol.

Nesse instante os olhos de Joseph abriram-se, dois círculos brancos que se acendiam. Magda deixou os dedos deslizarem através do tecido até lhe tocarem a carne quente do braço cruzado sobre o tronco. Compreendeu que ele estava deitado de lado, a cabeça num ângulo estranho, e percorreu o caminho até ao ombro esquelético, sentindo a proeminência dos ossos, e mais um pouco até às costas, tocando ao de leve a deformação da coluna onde se acumulava um suor seco de dias. Joseph soltou um murmúrio que fez Magda erguer a mão um nada acima da pele. Novamente a pousou, mas desta vez no rosto adivinhado, acariciando-o. Assim ficou

à beira da cama, observando a escuridão, sentindo crescer dentro de si um amor quase maternal que a ocupava por inteiro.

Lá fora, o pai baixara a cabeça e contava os ladrilhos do chão do hospital, como se fosse tristíssimo que eles ali estivessem, brancos e cinzas, escrupulosamente limpos.

A enfermeira Rachel teve todo o cuidado para não fazer um único ruído quando fechou a porta e se escapou como um gato pelo corredor, a camisa de noite voando no ar noturno. Levava nos lábios um sabor que era partilhado pelo doutor Burke que, no interior do quarto, deitado na cama, fumava um cigarro, sentindo ainda no corpo a dormência do orgasmo.

Mais tarde, quando amanhecia, o médico ergueu-se e sentou-se à secretária em tronco nu, alcançando os óculos que jaziam virados ao contrário junto à pequena máquina de escrever. Abriu uma pasta e espalhou várias folhas de papel sobre a mesa, ordenando-as com precisão, o rosto pensativo e concentrado que se desfez num sorriso quando, perante si, entre cálculos, rabiscos e notas marginais, surgiu a inevitabilidade da cura que ele próprio imaginara.

A construção do aparelho de ajuste vertical demorou doze dias. Um grupo de enfermeiros foi destacado para ajudar e assistir o doutor Burke, que tratou ele mesmo da entrega da matéria-prima e da execução dos planos. Para o efeito, foi decidido que a antiga morgue no piso inferior do hospital, em desuso desde o princípio da guerra, seria o local adequado. Não existiam quaisquer janelas ou comunicação ao exterior, e a única porta dava acesso a um estreito lanço de escadas que conduzia à enfermaria, onde apenas passava ocasionalmente o pessoal da casa à procura de unguentos, gases ou seringas esterilizadas. O tecto alto e a largura do espaço facilitavam a construção meticulosa do aparelho.

Durante esses dias os sons de ferro e madeira encheram os silêncios do hospital. Não eram sons audíveis ao ouvido distraído pelo ruído quotidiano, mas quem na quietude da noite permanecesse alerta, ou procurasse uma ligeira vibração no metal enferrujado dos canos, poderia escutar o distante ritmo mecânico como o engenho de um relógio. Essa espécie de murmúrio incessante, uma sinfonia em surdina orquestrada pelo doutor Burke, chamou a atenção de alguns curiosos, os mesmos pacientes do terceiro andar que rondavam a porta do quarto de Joseph, mas o acesso ao piso inferior era estritamente proibido. A enfermeira Rachel tinha agora a função acrescida de vigiar os pacientes para que não interrompessem o andamento do trabalho.

Um deles, no entanto, sofria mais do que os restantes com o ruído. O rapaz do quarto andar era então vítima de uma insónia aguda, potenciada não só pelo calor que se fazia sentir no hospital, primeiramente quando a brisa marítima não subia a encosta acima da cidade, mas sobretudo pelo estranho e recente som. Deitado sobre a cama, as pernas dobradas e as mãos a taparem os ouvidos, ainda assim não conseguia evitar sentir dentro de si o ribombar seco, uma segunda pulsação, um tambor intermitente que se lhe colava aos nervos como uma lapa. Teria obtido algum alívio se pudesse ter descido e levado Joseph até ao jardim, mas nos últimos dias a porta do quarto encontrava-se fechada durante a noite, e apesar de saber que ele se

encontrava no interior – pois do lado de fora conseguia ouvir-lhe a pesada respiração – não se atrevera a forçar a entrada.

Quando o ruído subitamente cessou uma madrugada, o rapaz do quarto andar ergueu-se, sentindo-se enjoado e trémulo. Na duração de um instante duvidou se estaria acordado ou a sonhar quando caminhou pelo corredor deserto, os olhos pesados e os membros dormentes, a Lua levitando atrás de si nas janelas. Quem o visse diria tratar-se não de um homem mas de um fantoche de pijama azul, comandado por fios invisíveis, os braços demasiado grandes para o tronco, as pernas magríssimas e o andar desconjuntado. O rapaz procurava o alívio do exterior, e desceu as escadas até ao primeiro piso, onde a saída junto da enfermaria conduzia directamente ao jardim. Preparava-se para sair quando se deteve, a mão longa e ossuda tocando a porta.

O ruído recomeçara. Era distintamente mais audível ali, um martelar metálico que vinha de um lugar cheio de eco, como o fundo de um poço, ou uma piscina vazia. O rapaz voltou-se na semiescuridão e procurou a origem daquilo que o vinha atormentando noites a fio. O som nascia em algum lugar no interior da enfermaria, onde entrou. Uma enorme mesa de alumínio no centro reflectia o brilho da Lua. Em duas paredes, largos armários brancos ocupavam grande parte do espaço, e ao fundo uma porta por detrás de uma marquesa encontrava-se entreaberta. O rapaz atravessou a soleira da porta e desceu as escadas. O ruído tornava-se mais nítido e próximo a cada passo. A única fonte de luz vinha agora do final dos degraus, que pareciam conduzir a um local mais amplo. Deteve-se quando escutou o murmúrio de vozes e, encostando-se à parede e aproximando-se lentamente da esquina, esticou o pescoço para ver o que se encontrava além.

Então as pupilas dilataram-se-lhe, e os olhos cresceram em tamanho, e os lábios abriram-se de espanto. A primeira coisa que viu foram as costas largas do doutor Burke apertadas na bata branca, os braços cruzados. Em seu redor, dois enfermeiros murmuravam palavras inaudíveis, trocando um diálogo que o rapaz não se esforçou por escutar. A sua atenção prendia-se com outra coisa. Do tecto pendia um aparelho monstruoso, mesmo defronte do médico. Não ocupava muito espaço na enorme sala vazia, mas o modo como estava disposto oferecia a terrível sensação de não ser um objecto inanimado, mas um ser vivo, um alienígena capturado, um esqueleto de homem balouçante.

O aparelho de ajuste vertical encontrava-se preso ao tecto com grossas cordas de aço, mas sem suporte na parte inferior, o que produzia um estranho movimento como se de uma marionete se tratasse. Era composto por largas placas de ferro que imitavam os membros de um homem, com algemas em cabedal para as mãos e os pés, mas sem qualquer suporte para as costas, apenas uma estranha rede de grossos elásticos entrelaçados que terminavam em fivelas, uma espécie de falsa caixa torácica. A cabeça encaixaria num capacete de chapa metálica que se encontrava ligado por uma imensidão de fios a uma máquina que jazia numa mesa contígua, onde um homem de fato-macaco azul se encontrava de joelhos a verificar as ligações. A posição inicial do aparelho era horizontal, o que fazia descair as placas em

direcção ao solo, mas a altura a que a coisa se encontrava não permitia que chegassem a tocar o chão.

O rapaz aproximou-se um pouco mais, sem tirar os olhos da grotesca invenção. Nesse instante o doutor Burke falou, a sua voz grossa ressoando nas paredes da grande sala.

«Amanhã já podemos trazê-lo.»

«Não vamos fazer testes?», perguntou o enfermeiro da esquerda.

O doutor Burke soltou uma pequena gargalhada.

«Testes em quem? A qualquer pessoa normal este aparelho quebraria imediatamente a coluna, ao primeiro golpe dos cabos. Foi desenhado para um paciente, e um paciente apenas.»

«Gostava de ver uma demonstração», disse o enfermeiro da direita, a quem o rapaz podia agora ver o perfil e imediatamente reconheceu como um dos assistentes da enfermeira Rachel.

O médico fez sinal com a mão ao homem de azul, que se ergueu e se afastou na direcção de um conjunto de manípulos junto à parede. O enfermeiro da esquerda alcançou a rede de plástico e, um por um, apertou os fechos. Quando o homem de azul baixou um dos manípulos, as roldanas que no tecto seguravam os cabos começaram a trabalhar. Numa questão de segundos as quatro extremidades do aparelho afastaram-se do centro, fazendo esticar a máquina como um homem pronto a ser esquartejado. As placas de ferro rodaram para uma posição vertical e todo o aparelho subiu dois metros no ar, produzindo um sonoro tiquetaque, ficando muito acima dos olhos do doutor Burke. O rapaz do quarto andar reconheceu então o som que invadira a sua vigília e os duvidosos sonhos, o som dos cabos de aço rangendo no encosto das roldanas. O homem de azul aguardou um momento e largou o manípulo.

O rapaz não foi o único a dar um salto para trás. Também os enfermeiros o fizeram, soltando exclamações de surpresa e de susto. O aparelho caiu na direcção do solo com rapidez, mas sem chegar a tocá-lo, suspendendo-se a uns palmos. A violência do sacão, travado pelos cabos, fez com que a metade superior, destinada ao tronco, assumisse a posição vertical, as placas de ferro lançadas para trás e a rede de plástico abrindo-se com a força da travagem, como costelas desmanteladas. Depois o aparelho regressou lentamente à posição horizontal.

«A ideia é que o paciente *queira* manter-se vertical o maior tempo possível. E este é apenas um dos modos de operação», disse o doutor Burke, perante os espantados enfermeiros. «Podemos colocá-lo inteiramente vertical, ou amenizar a potência do choque. A ideia é testar os limites da resistência do paciente, e ao mesmo tempo provocar a verticalidade que até agora foi rejeitada, porque ele deixou de reconhecer o que é caminhar sobre dois pés. Os impulsos da corrente eléctrica irão forçá-lo a trabalhar as pernas e os braços e, porque se encontra suspenso no ar, os membros superiores irão lentamente recuperar a confiança, largando a necessidade de procurar o solo. O que vos parece?»

O médico olhou para os dois lados, mas os incrédulos enfermeiros nada disseram. O aparelho ainda balouçava, largando lânguidos gemidos que iam desaparecendo pouco a pouco, oferecendo lugar a um atónito silêncio. Talvez tivessem trocado ainda outras palavras no

interior da antiga morgue, mas eram palavras que o rapaz do quarto andar não poderia ouvir, pois já subia as escadas apressado, o coração estrangulado dentro do peito, procurando o quarto de Joseph, que encontraria mais uma vez de porta fechada.

Magda despertou de um sonho terrível e alcançou na escuridão o copo de água junto à cama. O líquido soube-lhe a morno e amargo. Podia ainda ver os contornos brancos da presença fantasmagórica no seu sonho, um vulto cambaleante e deformado que se afastava de si, dissolvendo-se como nevoeiro na humidade da noite. Olhou o relógio: era quase hora de partir. Levantou-se e abriu a porta do quarto. Na sala o pai dormia no cadeirão junto à lareira, a cabeça tombada sobre o ombro, no braço do sofá um resto de cinza do cachimbo. Adquirira o hábito de dormir na sala desde a chegada de Helena, para que ela ficasse à vontade no pequeno quarto. Magda atravessou a sala em silêncio e fechou a porta da casa de banho atrás de si.

Numa questão de minutos estava pronta. Na casa de banho despiu o pijama e vestiu uma camisa branca e o casaco azul da escola que já não frequentava, o brasão no lado esquerdo do peito. Apanhara o cabelo e colocara um pouco de maquilhagem nas maçãs-do-rostto, escondendo parcialmente as sardas que lhe haviam parecido mais vivas naquela manhã. Numa mochila colocou o almoço e o jantar que havia preparado na noite anterior, e despediu-se do pai com um beijo tão leve que não chegou a tocar-lhe a testa, sentindo o cheiro pesado do corpo adormecido e do tabaco queimado.

Durante a viagem permaneceu sentada na última carruagem do comboio, o estore da janela fechado, um livro aberto no colo. Colocara um lenço branco sobre o cabelo que lhe cobria parcialmente os olhos se os mantivesse baixos. Duas ou três vezes homens que passavam espreitaram para o interior do compartimento onde se encontrava, mas não se demoraram mais do que um segundo. No último terço do caminho, no entanto, Magda não resistiu a olhar pela janela e admirar a paisagem. Era a primeira vez que saía de Londres sozinha, e ao observar a rápida passagem dos campos e do céu deu-se conta de que era um mundo diferente, sem a segurança que lhe oferecia ter o pai a seu lado. Na última viagem adormecera de cabeça encostada ao ombro de Philip, indiferente à passagem do tempo, mas naquele momento era-lhe impossível dormir, ou sequer fechar os olhos. Encontrava-se entregue a si própria, e o sentimento de inúmeras possibilidades constrangia-a, forçando-a a estar alerta. Ao mesmo tempo, descobria também que apreciava esta liberdade, deixando-a numa espécie de êxtase contido que era uma antecipação do que estava para vir.

Na cidade de Brighton perguntou direcções do hospital, aonde chegou no pico do calor. O cinzento da manhã dera lugar ao sol, e caminhando através do jardim Magda pôde admirar o brilho das copas das árvores, que aqui pareciam poder florescer sem limites. Chamou-lhe a atenção em especial uma enorme árvore que crescia numa clareira e que possuía a mais gigantesca copa que alguma vez vira, uma saia de ramos entrelaçados como braços e enormes folhas verdes e castanhas que dançavam na brisa.

Ao entrar no hospital colocou novamente o lenço sobre o cabelo. Uma enfermeira por detrás de um balcão, na pequena recepção, perguntou-lhe quem procurava. Quando Magda ofereceu a resposta, a enfermeira largou o sorriso e pediu-lhe que aguardasse, desaparecendo escada acima. Minutos passados, regressou com a enfermeira Rachel. Ao sentir o olhar perscrutador da enfermeira sobre si, Magda baixou a cabeça.

«Menina McKay?»

Magda ergueu os olhos e fitou-a.

«Venho visitar Joseph a pedido do meu pai.»

Rachel enfiou as mãos nos bolsos da bata. Assumira um ar de preocupação que não condizia com o seu temperamento.

«Não sei se será possível hoje», disse. «O paciente encontra-se sob a observação do doutor Burke.»

«Importa-se que espere?», perguntou Magda, tentando esconder qualquer ansiedade.

A enfermeira Rachel não soube o que dizer. Olhou atentamente para Magda, sentindo uma ponta de irritação nascer da impertinência de uma rapariga tão nova. Admirou-lhe com uma inveja incipiente a beleza do rosto, os traços finos do nariz e do queixo e os brilhantes olhos castanhos que agora se fixavam nos seus sem temor.

«Como quiser», disse finalmente. «Pode aguardar no corredor do terceiro andar.»

A outra enfermeira mostrou-lhe o caminho. Atravessaram o corredor deserto que conduzia à escadaria, onde todas as portas se encontravam fechadas, as enormes janelas em arco exibindo o jardim e o céu azul. A luz entrava com uma densidade invulgar, fazendo brilhar as paredes brancas e oferecendo ao local uma aura de irrealidade. Ao chegarem às escadas a enfermeira parou.

«Não lhe é permitida a entrada na ala fora da hora de visita, mas existem bancos no corredor. Quando o paciente chegar avisamo-la.»

Magda agradeceu com um aceno de cabeça e a enfermeira afastou-se. Ao encontrar-se sozinha nas escadas sentiu-se um tanto apreensiva, como se a tivessem deixado a sós num labirinto. Subiu devagar, demasiado consciente dos sons e presenças à distância. Podia ouvir as vozes camufladas no interior das paredes, uma espécie de vida invisível dentro de cada quarto do hospital. Ao atingir o primeiro piso espreitou pela pequena janela na porta fechada e viu alguns pacientes no corredor, todos usando o mesmo pijama azul, alguns com roupões abertos sobre os ombros. Dois homens jogavam cartas no chão, sentados sobre os tornozelos; ainda outros dois olhavam atentamente um pequeno tabuleiro de xadrez em cima de uma cadeira. Eram de diferentes idades, mas todos aparentavam o mesmo descuido dos doentes – as unhas sujas e as barbas por fazer, os cabelos desgrehados e os pés encardidos. Uma enfermeira atravessou o corredor carregando uma botija de água e desapareceu na esquina. Magda julgou que ela a olhara, mas na realidade olhara o seu próprio reflexo na superfície do vidro.

No terceiro andar existia uma sala de espera. Num banco corrido ao longo da parede

encontravam-se duas mulheres idosas, que dormitavam segurando as malas de mão ao colo, os dedos apertando as pegadas com firmeza. Magda sentou-se na outra extremidade do banco em silêncio. Tirou o lenço e dobrou-o cuidadosamente, colocando-o no bolso da saia. Pouco depois uma enfermeira entrou na sala e chamou os nomes das duas mulheres, que despertaram como se não dormissem. Ergueram-se, lançando um olhar desinteressado a Magda, e saíram.

Encontrou-se então sozinha, e passado algum tempo sentiu um invulgar cansaço tomar conta do corpo. Sem saber porquê pensava no pai, e também em Helena. Naquele momento era como se fossem dois estranhos para si, criaturas que haviam chegado sem aviso e que cumpriam rituais à revelia da sua compreensão. Porque se apaixonara o pai, não o saberia dizer: Helena era uma mulher silenciosa e circunspecta, que raramente abandonava o quarto, permanecendo debaixo dos lençóis grande parte do dia e da noite, e Philip parecia ter-se abandonado à sua vontade. Três ou quatro vezes em cada tarde aquecia-lhe uma chávena de chá e sentava-se à beira da cama, observando-a, enquanto sorvia lentamente a bebida, contando-lhe as novidades que lia no jornal, afagando-lhe a barriga que crescia devagar no corpo magro e pálido.

Outras vezes a porta encontrava-se fechada, e Magda podia escutar os murmúrios pronunciados debaixo da língua, os diálogos interrompidos por um súbito silêncio. Com ela, no entanto, Helena falava apenas quando era absolutamente necessário e, se nunca havia mostrado qualquer inimizade, também nunca esboçara um gesto de afecto. Tudo, no entanto, seria indiferente a Magda se não fosse o caso de Joseph se encontrar vivo, mas ignorado como se não o estivesse. Helena nunca havia sequer pronunciado o seu nome, e Philip escondera-lhe o acontecimento da carta e da passagem pelo hospital, proibindo Magda de mencionar o assunto. Helena estava a ser poupada a um passado fingindo que ele nunca existira, como se um belo dia tivesse despertado naquela cidade, naquela casa e naquela cama, vinda de parte nenhuma.

Os olhos de Magda já se fechavam quando escutou as vozes. Durante um instante permaneceu alerta, procurando a origem do som. Depois ergueu-se e avançou para a porta que conduzia aos quartos. Em bicos de pés, espreitou pela pequena janela gradeada que mostrava o largo corredor deserto, com portas do lado direito e iluminação artificial na forma de enormes candeeiros metálicos. Porque não viu ninguém, julgou ter imaginado as vozes na sua dormência, mas foi então que ao fundo do corredor viu as três personagens que dobravam a esquina e caminhavam na sua direcção.

Dois enfermeiros seguravam um terceiro homem pelos braços. O homem parecia estar adormecido ou inconsciente, pois o corpo era como carne invertebrada que se arrastava ligeiramente atrás, o tronco dobrado e as pernas sem vida demorando-se pelo chão. Em redor da cabeça, que pendia para a frente, balouçando ao sabor do movimento, tinha uma venda preta que lhe cobria os olhos. Demorou um instante até Magda reconhecer Joseph, e a visão foi aflitiva. Quanto mais se aproximavam, mais distintamente podia ver que o corpo aparentava uma massa vermelha e inchada que tivesse sido batida vezes sem conta. A imagem

assemelhava-se à de um torturado que caminhasse para a execução final.

Magda afastou-se da janela a tempo de evitar ser vista pelos enfermeiros, que carregaram Joseph para o interior do quarto 312. Voltou a sentar-se, mas desta vez o corpo não preguiçou e as pálpebras não lhe pesaram. A imagem de Joseph arrastado pelo corredor permanecia acesa na sua retina, e a violenta impressão de que um terrível mal lhe fora infligido crescia agora em si. Sentou-se muito direita, a mala segura entre ambas as mãos, os dedos agitando-se nervosamente.

Passou algum tempo antes de a enfermeira Rachel surgir das escadas, carregando debaixo do braço um fino caderno, a outra mão no bolso da bata. Olhou Magda com alguma demora, procurando a origem da inquietação que era visível na rapariga.

«Vou levá-la agora até Joseph», disse a enfermeira, abraçando o caderno. «Mas só a posso deixar ficar por quinze minutos. O paciente encontra-se sob escrupulosa observação da equipa médica. Provavelmente não se encontra em condições de falar, e agradecia que de modo algum existisse contacto físico entre os dois.»

A enfermeira voltou-se e retirou um molho de chaves do bolso da bata, abrindo a porta que dava acesso ao corredor. Magda seguiu-a, escutando ainda dentro de si o eco das palavras de Rachel, como se estivessem suspensas no ar. Quando a enfermeira se preparava para entrar no quarto, Magda agarrou-lhe o braço que alcançava o manípulo da porta.

«Preferia entrar sozinha, se não se importasse.»

Durante um segundo os olhos das duas mulheres cruzaram-se. O azul e o castanho envolveram-se, chocaram, dissolveram-se um no outro sem que nenhuma soubesse quem desviaria primeiro o olhar. Rachel colocou então lentamente as chaves no bolso da bata e deu um passo atrás.

«Quinze minutos», repetiu, quando já se afastava.

O quarto 312 encontrava-se na escuridão, em contraste com a claridade do dia que inundava o corredor. Ao fechar a porta, levou um minuto até que Magda se ajustasse à ausência de luz, e então conseguiu distinguir os contornos de Joseph sobre a cama, onde estava deitado de lado, o rosto voltado para a parede. À medida que se aproximava, a sua respiração tornou-se audível. Não era a respiração normal de um homem adormecido mas uma procura desesperada por ar, dois pulmões que suplicavam por oxigénio. De imediato a rapariga foi invadida pela terrível impressão de que o homem deitado naquela cama se encontrava perto da morte, ou num limbo que era um intervalo entre a vida e a morte. Com uma mão trêmula, Magda tocou-lhe no braço e sentiu o forte calor doentio que o corpo largava. A respiração de Joseph deteve-se um segundo e a cabeça voltou-se muito devagar na direcção dela, os olhos semiabertos procurando a sua presença. Foi então que Magda reparou que todo o cabelo de Joseph desaparecera, as veias das têmporas grandes e inchadas, os sulcos acima das maçãs-do-rostro como cavernas. Na face, Magda pôde ver a imagem do sofrimento, uma alma presa num corpo febril e deformado, e aumentou involuntariamente a pressão da mão no braço de Joseph, que reagiu com um gemido camuflado pelos lábios cerrados.

Magda relaxou o aperto dos dedos e desceu-os suavemente pelas costas de Joseph. A deformação na coluna pareceu-lhe diferente, sem saber dizer exactamente porquê. Já não era a estranha curvatura óssea que os seus dedos tocavam, de vértebras salientes e desalinhadas, mas uma espécie de inchaço quente e pulsante, como se alguma coisa monstruosa no interior da pele quisesse emergir, explodindo através das costas daquele homem. E, apesar de os membros inferiores se encontrarem mais robustos, pois a barriga da perna, visível abaixo da calça subida ao joelho, ganhara alguma massa muscular – ou assim pareceu a Magda na penumbra –, as costelas eram ainda visíveis sob a fina camisa de noite, e os braços apresentavam o mesmo aspecto esquelético e cinzento.

Uma lágrima deteve-se no canto do olho da rapariga, que deixou a testa repousar sobre uma das mãos, o cabelo fino escapando-se por entre os dedos. Começara a soluçar quando sentiu o toque no braço descaído ao longo do corpo. Assustou-se e recuou meio passo, antes de compreender que fora Joseph quem lhe tocara. Permanecia deitado, mas voltara ligeiramente o corpo, e olhava-a agora completamente desperto, a mão ainda suspensa, o peito subindo e descendo à procura de ar. Magda aproximou-se devagar e, num movimento que pareceu durar para sempre, cruzou os dedos com os de Joseph, sentindo a rugosidade e o suor da palma dele na sua até as mãos se fecharem numa carícia. As lágrimas começaram a cair-lhe pelo rosto, mas Joseph não as poderia ver com tão pouca luz, apenas sentir a suavidade da pele e o ligeiro aroma adocicado que o corpo de Magda libertava. Puxou-a suavemente para junto dele, e ela sentiu o ventre encostar-se ao frio da armação metálica da cama, as gotas de sal suspensas no lábio superior.

Foi então que Magda se debruçou sobre a cama, deixando que a camisa branca se descolasse do corpo e pendesse sobre o peito nu de Joseph. Numa tentativa cega mas precisa levou os seus lábios a tocar os dele, misturando saliva com lágrimas, humedecendo com a sua boca os lábios ressequidos do paciente do quarto 312. Joseph permaneceu muito quieto, perdendo-se por um instante das dores que o afligiam como chagas, e deixou que Magda lhe conduzisse a mão pelo seu ventre, e por baixo da camisa, lentamente, até ao peito. A mão de Joseph sentiu então a forma redonda e hirta do seio de Magda, e o aquecer repentino da carne, que cresceu e endureceu entre os seus dedos. A respiração de Magda tornou-se também ela ofegante, e as lágrimas cessaram, pois o mundo acabara de mudar naquele instante.

As cartas da enfermeira Rachel vieram apenas confirmar aquilo de que eu já suspeitava. A primeira noite que dei pela ausência de Magda foi o princípio da minha resignação, do cumprir de um destino sobre o qual eu não possuía nenhum poder, nenhuma maneira de enganar. A sua memória é hoje como uma rajada de vento que lança para o chão folhas mortas, ou um pássaro que levanta voo, ou uma nuvem que desaparece no céu, evaporada. Fiz questão de que o quarto onde viveu até aos dezoito anos permanecesse intocado durante meses, a porta e a janela fechadas, a cama desfeita tal como a deixara. No interior vivia ainda o seu aroma que eu não queria deixar sair, perdendo-se para sempre na cidade.

Não voltei a visitar o hospital de Brighton depois do breve primeiro encontro com Robert Burke. Se tive, no princípio, algumas reservas em relação ao médico de Joseph, elas foram confirmadas quando nos encontramos num *pub* londrino e ele me pôs a par dos insólitos acontecimentos que haviam decorrido. Nessa altura, o paradeiro da minha filha era ainda para mim uma incógnita, e eu pagara uma quantia avultada à Polícia para procederem a uma busca exaustiva na pequena cidade, na vaga esperança de que a encontrassem. Dentro de mim, no entanto, existia uma estranha certeza de que nunca mais a tornaria a ver, e de que o desaparecimento era a sua vontade, e não um sequestro, ou um possível homicídio, como a enfermeira Rachel tantas vezes sugeriu nas cartas pesarosas que me enviou. Se não produzi esforços suplementares na tentativa de a encontrar, foi devido à convicção de que Magda não desejava ser encontrada.

Nessa tarde que passei com o doutor Burke – encontrámo-nos à hora do almoço e apenas nos despedimos quando soou a sineta do *pub*, já tarde na noite – escutei o relato mais incrível e bizarro da minha atribulada existência. Creio, no entanto, que ele doseou as palavras e ocultou certos factos, numa compreensível preocupação com a minha sensibilidade, ao mesmo tempo que exagerou outros. Talvez os acontecimentos tenham sido ainda mais estranhos; se o foram, nunca o saberei, pois tive acesso apenas à informação que o médico me facultou.

A primeira carta da enfermeira Rachel chegou-me dois dias após a primeira visita de Magda ao hospital. Tinha apenas dois parágrafos, nos quais expressava a sua surpresa pela chegada solitária de uma rapariga tão nova para visitar um homem que, fosse qual fosse o parentesco ou afinidade, era um paciente da ala psiquiátrica e se encontrava sujeito a métodos experimentais de cura cujas consequências eram ainda imprevisíveis. Porque dessa primeira vez Magda regressou antes do anoitecer, quando fiquei a saber aonde fora não expressei grande consternação. A minha filha sempre demonstrara um afecto especial por Joseph; esse interesse, ainda que incompreensível, fazia-me sentir melhor pela sua situação.

Três dias passados Magda voltou a sair de madrugada, enquanto eu e Helena dormíamos, e regressou depois das dez da noite. Eu sabia onde estivera, mas não pude evitar repreendê-la quando entrou em casa ensopada pela chuva de Verão que caíra toda a tarde sobre Londres. Quando lhe perguntei onde havia estado, fingindo ingenuidade, respondeu-me que tinha um novo amigo com o qual passara o dia. Assumi que falava de Joseph, mas não o disse, e com alguma severidade ordenei-lhe que despisse as roupas molhadas e se fosse deitar.

Foi apenas depois de ler a segunda carta da enfermeira Rachel que decidi intervir. Numa página dactilografada era-me descrita outra presença não anunciada de Magda no hospital. Aparentemente, tinha surgido do nada, uma tarde, após a hora de visita, e fora-lhe proibido o acesso ao terceiro andar. A enfermeira pedira à minha filha que regressasse a Londres, suspeitando de que eu não me encontrava a par da sua viagem, mas horas depois encontrou-a no jardim conversando debaixo de uma árvore com um paciente. Esse paciente, escrevia Rachel, era um miúdo chamado Roy que sofria de insónias e um princípio de demência, e segundo a enfermeira não possuía um discurso articulado que justificasse a companhia de uma

rapariga nova e inteligente como a minha filha. Na sua ficha clínica constavam vários casos de desrespeito pelas regras do hospital, e em diversas ocasiões havia sido visto rondando o quarto do paciente Joseph.

Proibi então a Magda que se ausentasse de casa sem a minha companhia. Não mencionei a razão, nem lhe mostrei as cartas que recebera, mas na sua expressão resignada compreendi que ela sabia porquê. No momento em que a proibi de sair sozinha, não podia ainda saber que cometia um erro, que deveria ter falado com ela sobre o que se passava em lugar de exercer a minha débil e estúpida autoridade paterna. Mas já era tarde para voltar atrás. Durante uma semana, Magda permaneceu fechada no quarto, sem querer falar comigo ou com Helena. Foram dias difíceis durante os quais Helena começou a sentir a precipitação da gravidez, a barriga inchada e as dores remetendo-a à cama onde eu a assisti como sabia. A sua condição exigiu grande parte do meu tempo e atenção, e de certo modo negligenciei a presença da minha filha no outro lado da casa, que se recusava a aceitar a comida que eu fazia ou a abrir a porta.

Julgo que a reacção de Magda nada teve de capricho, ou de provocação à autoridade. Essas nunca haviam sido as suas motivações. Nas poucas vezes em que a vi durante aquela semana, sempre que ia à casa de banho ou à cozinha, vi nos seus olhos e na dormência dos seus membros que ela simplesmente rejeitara esta existência. Era como se o seu desejo de viver tivesse sido aniquilado, como se tivessem drenado do seu corpo a seiva vital que a impulsionava a habitar este mundo. Caso eu tivesse estado mais atento, e não inteiramente dedicado à mulher que amava, poderia talvez ter encontrado uma maneira de a trazer de volta, de repor a falta que a pouco e pouco a consumia, e evitado o que se seguiu. É uma conjectura fácil, mas é a única conjectura que me permito fazer. Naquela segunda-feira em que despertei para encontrar a porta do quarto de Magda aberta, julgando que finalmente abandonara a reclusão, e entrando para o encontrar vazio, foi tudo em que consegui pensar. A janela estava entreaberta, a cortina esvoaçando, uma brisa doce aquecendo o ar. Sobre a cama desfeita estava o pijama dobrado, e no interior das gavetas da cómoda toda a roupa que lhe pertencia, a lâ uma carícia nos meus dedos, os olhos rasgados de lágrimas.

A última carta da enfermeira Rachel serviu para combinar o encontro com o doutor Burke em Londres. Anunciava que o médico regressava ao hospital de Broadmoor, deixando para trás a estadia em Brighton, que fora considerada um fracasso pela Ordem dos Médicos inglesa, e que desejava privar comigo antes de retomar o serviço.

No momento em que entrei no *pub* e o olhei, tornou-se evidente para mim a situação do homem. O desapontamento estava-lhe estampado no rosto. Não se barbeara essa manhã, ou talvez desde a manhã anterior, o cabelo apresentava-se sujo, e debaixo dos olhos ganhara olheiras profundas. Despido da autoridade que a bata de médico lhe oferecia, e usando roupa escura e gasta, o nó de gravata solto sobre a camisa desbotada, o doutor Burke era não mais do que um homem qualquer. Não era diferente de mim, ou do condutor de táxi que me trouxera até ali, ou do bêbedo que, encostado ao bar, falava consigo próprio.

Nessa tarde fazia dez dias que eu perdera o rasto de Magda. Como já mencionei, colocara a Polícia de Brighton no seu encalço, sem quaisquer resultados. O hospital estava interdito às forças da autoridade, e para mais qualquer estranho que nele se encontrasse seria imediatamente denunciado. Escrevi também por diversas vezes à enfermeira Rachel, informando-a sobre o desaparecimento, e ter-me-ia deslocado a Brighton pessoalmente, não fosse o caso de Helena necessitar do meu apoio constante.

Quando o doutor Burke terminou o primeiro copo de *scotch* e começou a falar, eu contava estar distante de casa não mais do que um par de horas. Mas a narrativa do homem tornou-se tão complexa, tão cheia de pequenos detalhes sem importância, embrulhados na confusão de uma progressiva embriaguez, que as horas acabaram por se transformar numa tarde inteira. Como nem tudo o que me foi contado disse respeito a Magda ou a Joseph – o médico fez longas incursões desnecessárias pela sua vida profissional e pessoal, resultado do estado de abatimento em que se encontrava –, omito aqui toda a informação que, segundo creio, o doutor Burke não gostaria que eu revelasse.

As experiências com o paciente Joseph tiveram início doze dias após a minha visita ao hospital. Com a ajuda de uma equipa de enfermeiros, o médico construíra um aparelho de ajuste vertical destinado a testar a deformidade da coluna de Joseph e as possibilidades da sua recuperação. Sendo algo nunca visto na história daquela instituição, a sua utilização num paciente, sem aprovação prévia de uma instância científica superior, foi rodeada de absoluto sigilo. Duas vezes por dia Joseph foi submetido à terapia desenvolvida pelo doutor Burke, com um intervalo de algumas horas. Em regra, a primeira fase decorria de madrugada, antes do despertar geral dos pacientes, e era a mais agressiva pois envolvia choques eléctricos e a sua suspensão no ar durante longos períodos, o que lhe provocava, nas palavras do médico, *dores terapêuticas*. Esta primeira fase podia durar até à hora do almoço. A segunda fase, a mais decisiva, testava a resistência da coluna através do choque com o solo, forçando o paciente a desenvolver a musculatura das pernas e a recuperar as faculdades motoras e propensão para caminhar sobre dois pés. Quando perguntei ao doutor Burke sobre a reacção de Joseph à terapia, ele respondeu que o paciente apresentara melhoras significativas ao fim das primeiras sessões.

Não compreendi qual era a relação entre o processo de recuperação de Joseph e o desaparecimento de Magda até que ele, com desprezo escrito nos lábios, referiu os poucos enfermeiros e pacientes que se haviam mostrado indignados com os procedimentos. Aparentemente, um paciente do quarto andar espalhara a intriga de que Joseph era torturado diariamente por uma máquina aberrante na antiga morgue, e os ouvidos começaram a permanecer alerta a todas as horas. Os gritos de Joseph, que Burke apelidou de «normais» neste tipo de terapia, tornaram-se subitamente audíveis por todo o hospital, onde anteriormente ninguém prestara atenção. O rapaz do quarto andar, continuou o médico – que mais tarde compreendi ser Roy –, era uma fonte de informação nada credível, pois as palavras saíam-lhe em penoso tumulto. Por isso, gesticulava em vez de falar, e alguns enfermeiros

puderam vê-lo a imitar com o corpo, por diversas vezes, a posição de um monstro mecânico, para mostrar aos outros pacientes a estrutura engenhosamente concebida.

Foi numa madrugada de domingo que os acontecimentos se precipitaram. O doutor Burke dormia a sono solto quando foi despertado pelo barulho próximo de vozes e passos. Ergueu-se na escuridão, procurou os óculos na mesa de trabalho que colocou na ponta do nariz e, vestindo o roupão em movimento, saiu do quarto. Surpreendeu-o as luzes não se encontrarem acesas no corredor. Cego, guiou-se pela proximidade das vozes até à esquina, e quando encontrou as escadas desceu os degraus um a um, a mão fincada no corrimão para não perder o equilíbrio. Foi ao abrir a porta para o terceiro andar que compreendeu a anomalia da situação: não existiam quaisquer luzes no hospital. Recuou e, esticando o braço, tacteou em busca da luz de emergência acima da porta, mas o que sentiu foi o dedo médio ser atravessado pelo vidro quebrado, as gotas de sangue caindo-lhe logo sobre o rosto.

Com um grito de dor retirou a mão e enrolou o dedo na bainha da camisa. Avançou pelo corredor, guiando-se pela fina película de claridade nocturna que entrava pelas janelas, e procurou as outras lâmpadas ao longo da parede, dessa vez com cuidado, para encontrar nada mais do que vidros estilhaçados. Não só a corrente eléctrica fora interrompida, mas todas as lâmpadas do hospital haviam sido quebradas. Sentiu o coração acelerar, e parou ao escutar, não longe de si, o tumulto de vozes. Encostou-se à parede e viu, na esquina, uma série de vultos atravessarem o corredor, o som de muitos passos nus, as sombras cruzando-se e confundindo-se. O sangue do dedo formava então uma mancha que alastrava pela camisa de noite, mas o médico nem sentia a ferida, pois dentro do peito o órgão vital acelerara brutalmente, e uma onda de suor rasgava-lhe as costas.

Permaneceu quieto durante um minuto e depois atreveu-se a avançar. Ao atingir a esquina, as mãos coladas à parede, esticou a cabeça para espreitar, mas a escuridão era ainda maior longe das janelas. Em bicos de pés avançou, procurando sustentar a respiração. Um barulho metálico de objectos caídos surgiu do piso inferior e quase lhe provocou uma paragem cardíaca. Por todo o lado escutou os passos de gente correndo em várias direcções, e junto à porta do quarto de Rachel pareceu-lhe descortinar outros vultos. Estava a meio caminho entre a esquina e as escadas e era incapaz de mover-se, quando uma mão lhe segurou o braço com um aperto firme que o fez saltar. Preparava-se para gritar, mas uma coluna de dedos na boca impediu-o.

«Sou eu. Silêncio.»

Chegou-lhe como uma vaga o intenso perfume da enfermeira Rachel misturado com o suor da noite. Tentou falar, mas a mão sobre a boca produziu sons incompreensíveis.

«Alguém andou a partir as lâmpadas do hospital e desligou o quadro eléctrico», sussurrou Rachel, retirando a mão. «Os pacientes entraram em pânico e saíram dos quartos. Estão a correr como loucos em todas as direcções. Já houve violência no andar de baixo.»

«Joseph?»

Rachel não respondeu logo. Na escuridão o médico sentiu-lhe a respiração pesada.

«Não está no quarto. Não sei.»

O doutor Burke libertou-se de Rachel e, a mão sangrenta na parede, deixando um rasto vermelho de dedos, caminhou rapidamente até às escadas, seguido pela enfermeira. De uma porta saíram duas sombras que o médico empurrou com violência, uma delas caindo no chão com um estrondo. Desceu as escadas até ao primeiro piso e atravessou a porta de entrada, que estava escancarada. A situação neste piso era caótica: vultos surgiam de todas as direcções e várias marquesas haviam sido lançadas através do corredor, formando um labirinto de corpos e objectos que o médico atravessou usando a força, tropeçando nos pés de outros enfermeiros e chocando com pacientes que não conseguia ver.

Ao chegar ao átrio descobriu a Lua, que repousava na linha do horizonte como uma gigantesca esfera acesa suspensa sobre o jardim, iluminando apenas esse lado do hospital. Dirigiu-se à enfermaria e atravessou a porta para a antiga morgue que se encontrava aberta, mas ao colocar um pé nas escadas deteve-se. Primeiro escutou os passos de Rachel atrás de si; mas logo depois um estrondo metálico seguido de um grito assustador invadiram o espaço exíguo. Os nervos do médico dilataram como pupilas, e um calafrio paralisante tomou-lhe conta do corpo. Sentiu a mão tremente da enfermeira nas suas costas, e pé ante pé desceram as escadas. Antes de chegarem à morgue, o estrondo metálico repetiu-se, e outro grito de dor, seguido de um ruidoso baque.

O espaço perante o doutor Burke era uma caverna de escuridão. Tremendo da cabeça aos pés, o médico deu um passo em frente. Um cheiro nauseabundo a sangue e suor chegou-lhe às narinas, e cobriu o rosto com a curva do braço. Escutou os pingos que caíam da ferida no seu dedo atingirem o chão, e deu outro passo mas deteve-se ao ruído de uma lenta engrenagem. Os dedos de Rachel fincavam-se nas suas costas. Perante si existia o terror do absoluto desconhecido, um terror que nunca havia experimentado, como se estivesse cego e o largassem à entrada do inferno. O que lhe pareceu o som de passos ecoou pela sala, junto com o arrastar de qualquer coisa pesada e metálica.

Foi então que as luzes se acenderam. Mais tarde, um dos enfermeiros reclamaria para si o mérito de ter descoberto o quadro eléctrico, mas naquele instante tal pensamento não cruzou a cabeça de nenhum deles. Ao conseguir ver, o doutor Burke soltou um grito de espanto, que foi seguido pela queda em inconsciência de Rachel.

No meio da sala, caminhando como um pássaro ferido, encontrava-se o rapaz do quarto andar, coberto de um monstro de ferro, jorrando sangue. As cordas de aço que o penduravam do tecto haviam sido quebradas e arrastavam-se pelo chão, e as placas de ferro que seguravam os membros estavam desconjuntadas e balouçavam ao ritmo do andar frenético. O que teria acontecido era impossível dizer, mas duas costelas haviam perfurado a carne e eram visíveis acima da pele, o sangue caindo em abundância pela barriga e as pernas. Um outro osso atravessava também a carne junto ao cotovelo, onde o braço havia sido virado ao contrário, a mão numa posição impossível relativamente ao corpo. Mas a visão mais aterradora não era a destas pungentes feridas. O que levou o doutor Burke a prostrar-se de joelhos no chão foi a

figura geral do rapaz, que a máquina parecia ter esticado para além de todos os limites, como uma figura de plasticina atirada contra uma parede, e o sorriso doentio que tinha no rosto enquanto se arrastava pela sala, como se fosse aquele o lugar onde propriamente pertencia, ou onde sempre desejara estar.

A narrativa do doutor Burke não terminou aqui, mas a parte essencial havia sido contada. Por essa altura o homem já se encontrava embriagado, e no seu comportamento pude ver a aflição que lhe tomara conta da alma. A mão que segurava o copo tremia-lhe, e o suor brotava da sua testa em grossas gotas que ia limpando com um lenço de bolso. O resto da estória era, garantiu Burke, bastante simples: após um dia de intensa busca pelo hospital, o paciente Joseph foi dado como desaparecido. Era inútil tentar saber através de Roy o que tinha acontecido – no momento em que foi retirado pelos enfermeiros do aparelho de ajuste vertical o rapaz perdeu a consciência, para cair depois de várias operações cirúrgicas em estado de coma durante semanas.

Foi a enfermeira Rachel que descobriu as pistas para o que poderia ter sucedido. Porque Joseph era incapaz de caminhar pelos seus próprios meios, era evidente que alguém de fora do hospital o teria ajudado a fugir. A primeira suspeita da enfermeira recaiu naturalmente sobre Magda, mas apenas teve a certeza quando, ao vasculhar o quarto de Roy, descobriu debaixo do colchão restos de comida recentemente apodrecida e um cobertor laranja. Onde quer que Magda se tivesse escondido, dentro ou fora do hospital, teria sido o rapaz que a ajudara a sobreviver durante os dias que passaram entre o seu desaparecimento e o desaparecimento de Joseph. Rachel ordenou uma procura intensa a todos os espaços vazios da instituição, incluindo os armários da enfermaria, que eram suficientemente largos para que uma rapariga nova e magra se pudesse esconder por tempo indefinido, mas os esforços não trouxeram nada de novo. Onde quer que Magda tivesse estado, fizera questão de não deixar um único vestígio, sobrevivendo no estado silencioso, expectante e quase indiferente que eu sempre lhe conhecera.

O rapaz conseguiu ainda, com a sua heróica e abnegada manobra de distração, oferecer o tempo necessário a que os dois desaparecessem para sempre, mas os seus motivos permanecem um mistério. Burke fez menção, mais do que uma vez, à incompreensível admiração que ele tinha por Joseph, mas mesmo assim é difícil imaginar que alguém sacrificasse o seu corpo – quase a sua vida – por um homem naquela condição. Na carta de Rachel existia a derradeira referência a Roy, anunciando que iria ser transferido para o hospital de Broadmoor para ficar sob a observação atenta do médico. Eram palavras que eu já ouvira antes, e que não agoiravam nada de bom. O rapaz já sofrera tanto que a ideia de ficar sujeito às experiências do doutor Burke me parecia o pior dos desfechos. Temi pela sua existência e, se fosse um homem religioso, teria rezado por ele. O sofrimento deixa inúmeras marcas, e por isso espero que Roy não regresse, no futuro, para assombrar a vida de outros, da mesma maneira que Joseph regressou para assombrar a minha tantas vezes.

Ao despedir-me do doutor Burke naquela noite, senti uma enorme tristeza. Encontrávamo-nos à saída do *pub* e a rua estava já deserta, o céu carregado de uma chuva que se anunciava em gotas dispersas. Não estava triste por Magda ou por Joseph, o que poderia ser entendido como crueldade da minha parte, mas pelo homem que, ao dizer adeus e se afastar, cambaleou no passeio, trocando as pernas como uma criança, o álcool a pulsar-lhe nas veias. Porque, se consigo imaginar a minha filha e Joseph caminharem em direcção a um destino desconhecido, a uma distante incógnita – ela bela como sempre foi, amparando um homem deformado que ensinará pouco a pouco a caminhar –, nada sou capaz de prever para Robert Burke senão o esquecimento e a solidão. Vi-o desaparecer na distância para nunca mais voltar a encontrá-lo. Quanto à sua versão dos acontecimentos, continuo a guardar muitas reservas. É incerto que as coisas se tenham passado assim, e talvez a estória de Joseph e Magda tivesse sido completamente diferente – ninguém o saberá dizer.

A vida continuou. A ausência de Magda pesou-me no coração, mas as demandas do quotidiano ajudaram a preencher esse espaço vazio. O filho de Helena nasceu com um coração fraco num domingo de Verão de 1941, e a partir desse momento iniciei uma nova existência.

O coração fraco, disseram os médicos, ficou a dever-se ao facto de a gravidez ter decorrido em circunstâncias nefastas, provocadas pelos acasos da guerra. Ainda uma criança, soube que em Daniel existia alguma coisa invulgar, pois era um rapaz silencioso e tímido, de olhar perdido nas coisas mais elementares, e tinha dificuldade em aprender. Aos onze anos, ainda não sabia contar, apesar dos meus esforços para lhe ensinar a tabuada mais elementar. As respostas de Daniel eram muitas vezes erradas, e outras simplesmente ridículas.

Sentava-o à mesa da cozinha e perguntava-lhe, com toda a paciência:

«Quatro vezes três?»

E ele respondia, de olhar assustado,

«Oito.»

«Quatro vezes três?», insistia.

«Pássaro», dizia a criança, o olhar perdido em coisas que só ela conseguia ver.

A saúde de Helena foi-se deteriorando com os anos, apesar de ainda ser uma mulher relativamente jovem. Mais uma vez, os médicos atribuíram esta condição ao ano dos bombardeamentos e recomendaram uma mudança de ares do coração industrial de Londres para uma atmosfera mais saudável, onde se respirasse ar puro – talvez o campo, talvez o mar. Escolhi a Irlanda, e mudámo-nos para Blackrock, um subúrbio de Dublin, ocupando uma casa rodeada de árvores e longe de qualquer centro de poluição. Daniel tinha doze anos e foi subitamente afastado de tudo aquilo que conhecia. Os pássaros eram maiores, as árvores mais verdes, as nuvens brancas como algodão.

Este mundo de sonho adaptou-se, no entanto, perfeitamente ao feitio de Daniel. Tornara-se um adolescente melancólico, dado a longos períodos de introspecção durante os quais era impossível trazê-lo de volta à realidade. Foi por esta altura que começou a desenhar, não por

gosto particular pelo desenho mas por ausência de outro veículo de expressão. A notável falta de consonância gramatical quando escrevia impossibilitava-o de imitar as palavras que lia. Assim, com o mesmo material – lápis e papel –, começou a desenhar as coisas que aconteciam dentro de si: riscos escarlates atravessavam folhas brancas, indicando uma fúria; uma quadrícula confusa de negros e verdes significava reflexão; a forma encrespada de uma onda negra era igual a dor.

Helena assistia, nos dias melhores, às sessões de desenho do filho, sentando-se ao seu lado e acariciando-lhe o cabelo. Mas grande parte dos dias ficava na cama, num estado de entorpecimento que a mergulhava em sonhos como em água morna. Daniel passou então muito tempo junto da mãe. Mesmo quando Helena se sentia fraca e não queria descer à sala, levava os papéis e lápis para o quarto e sentava-se no chão junto da cama, onde desenhava rabiscos toscos mas cheios de alma para que ela adorava olhar. Não era raro que Helena adormecesse, porque o talento de Daniel era abundante, e desenhava até não poder mais. A sua concentração era uma rocha: não reparava que a mãe adormecera há muito até chamar por ela e ela não responder, a respiração suave a levantar as golas bordadas da camisa de noite.

Uma tarde em que um temporal se abateu sobre Dublin, Daniel encontrava-se num estado de inspiração inquieta. Ia descer para o jantar quando deu pelo silêncio no quarto. A chuva batia nas janelas como um aplauso distante, e ainda assim existia silêncio. Ocorreu-lhe então que o respirar de Helena, que era sempre compassado, um ressonar suave, o som a que se habituara e que emprestava vida ao quarto, havia cessado. Levantou-se e aproximou-se da cama. Os colarinhos da camisa permaneciam imóveis, e no entanto a mãe tinha os olhos fechados e a expressão de serenidade dos que dormem. Tal como nos livros de mistério que lera comigo, Daniel levou-lhe lentamente dois dedos ao pescoço, e tentou sentir o batimento do coração. Fechou os olhos para se concentrar, mas nada sentiu. Julgou espantoso que uma vida se pudesse extinguir assim, numa tarde igual às outras, no conforto de uma cama. Pegou no estojo castanho e desceu para me contar.

No ano de 1954 Helena foi a enterrar. Junto da campa encontravam-se um homem velho e um rapaz alto e franzino, que não choravam nem davam as mãos, que não se abraçavam ou ofereciam um ao outro palavras de consolo. Eu tinha setenta anos, e vivera o tempo de duas guerras, e cuidara e educara dois filhos, e vira duas mulheres serem comidas pela terra. Tudo, a seu tempo, se evaporara, como se as coisas fossem feitas de água. Os oceanos eram água, tal como os mares e os rios, e os beirais dos telhados quando chovia, e as poças no asfalto, e o corpo era água, e os meus olhos também. Naquele instante em que o mundo se tornou turvo, em que as formas das coisas se mancharam, senti pela primeira vez a vertigem da ilusão, uma ilusão que me tinha enganado toda a vida, convencendo-me disto, e depois daquilo, e sempre desmentindo, negando, roubando, levando aquilo que dera. No final o que ficara comigo era quase nada – uma memória confusa, com rostos e vozes de outro mundo.

Passaram-se tempos de silêncio. Daniel cresceu, e o seu talento também, e eu aguardei pela morte na quietude e calor da lareira, observando o que o meu filho fazia de telas e tintas, de

lápiz e papel. A casa havia-se transformado num estúdio improvisado, repleta de pinturas não acabadas, de aguarelas, de imagens a carvão espalhadas por toda a parte. Daniel trabalhava intensamente, e eu esperava, e olhava, e voltava a esperar. As imagens eram poderosas e ingênuas. Numa tarde de Maio em que Daniel se encontrava no jardim, ergui-me e dei três voltas à sala e à cozinha, admirando, antes de os escolher, três desenhos: uma mulher nua deitada sobre uma jangada; um pastor no limite do mundo a olhar a Lua; um velho adormecido sentado numa cadeira de balouço junto a um fogo ténue. Escrevi uma carta, juntei os desenhos e enviei-a.

A resposta da universidade chegou em Agosto. Nesse dia, pedi a Daniel que fizesse uma mala de roupa e beijei-o na testa. Tive de me colocar em bicos de pés, porque havia ultrapassado a minha altura. Julgo que ele soube ser hora de partir, e eu próprio recolhi os seus desenhos e pinturas, juntando-os na sua pequena mala de cabedal onde também escondi uma fortuna em dinheiro. Quando Daniel se aproximou de mim nessa tarde, à luz trémula do fogo, talvez possa ter visto no meu rosto o rasto seco de lágrimas, mas um homem de idade chora muitas vezes sem o querer, pois os olhos traem-no. Entreguei-lhe um envelope com um bilhete para Londres, apertei o cinto do roupão e estendi-lhe a mão em cumprimento. É possível que o meu filho quisesse ter-me beijado ou abraçado, mas de que valia quando a solidão já ali estava, já entrava como uma brisa gélida pelas frinchas das portas e janelas?

A última vez que o vi caminhava até ao portão. Ao olhar para trás teve por certo a miragem de uma sombra sentada na cadeira de balouço, rodeada de fantasmas, antes de seguir o seu caminho. Quanto a mim, ainda estou aqui, mas julgo que por pouco tempo. Escrevo estas palavras num mês incerto de 1959, e faz muito frio esta noite. O vento corre de quarto em quarto, largando sons, movendo coisas de que não recordo a existência. A guerra terminou há anos, o mundo é um lugar diferente, e todos aqueles que amei desapareceram. Vejo-lhes o rosto, no entanto, em cada uma das estrelas cadentes que se abatem sobre a neve e, ao contar os raios de luz que atravessam o céu, como vestígios de coisas passadas, sei que sempre vivi na escuridão.